



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB  
CENTRO DE EXCELÊNCIA EM TURISMO - CET  
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM TURISMO

TATIANA TANNÚS GRAMA

**“TURISTA-MIGRANTE”  
A METAMORFOSE DO TURISTA**

Brasília/DF  
2018



TATIANA TANNÚS GRAMA

**“TURISTA-MIGRANTE”  
A METAMORFOSE DO TURISTA**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Turismo, vinculado ao Centro de Excelência em Turismo da Universidade de Brasília – Linha de Pesquisa: Cultura e Sustentabilidade no Turismo –, como requisito à obtenção do título de Mestre em Turismo.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Eloísa Pereira Barroso.

Brasília/DF  
2018

Ficha catalográfica

Grama, Tatiana Tannús

“Turista-migrante”. A metamorfose do turista. / Tatiana Tannús Grama /  
Orientadora: Eloísa Pereira Barroso. – Brasília, 2018.

140 p.

Dissertação (Mestrado – Mestrado Profissional em Turismo) –  
Universidade de Brasília, 2018.

1. Turismo. 2. Migração. 3. Motivação. 4. Identidade. 5. espaços de  
negociação. I. Barroso, Eloísa Pereira, orient. II. Título.

TATIANA TANNÚS GRAMA

**“TURISTA-MIGRANTE”  
A METAMORFOSE DO TURISTA**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Turismo, vinculado ao Centro de Excelência em Turismo da Universidade de Brasília – Linha de Pesquisa: Cultura e Sustentabilidade no Turismo –, como requisito à obtenção do título de Mestre em Turismo.

**Banca Examinadora**

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Eloísa Pereira Barroso (CET/UnB)  
Presidente

---

Prof. Dr. Luiz Carlos Spiller Pena (CET/UnB)  
Membro efetivo interno

---

Prof. Dr. André Vidal Cabral Honor (PPGHIS/UnB)  
Membro efetivo externo

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Helenice Barroso (SEEDF)  
Membro suplente

## **AGRADECIMENTOS**

Quando escolhemos determinado caminho, é fundamental ter com quem caminhar. Agradeço a todas as pessoas que me ajudaram a fazer esse percurso, em especial as que me concederam entrevistas.

## RESUMO

O exercício da errância é comum ao turista e ao migrante, sobretudo nos aspectos da possibilidade do encontro com o outro, do conhecer a si mesmo e da percepção de sua condição de estrangeiro. Bem-estar, felicidade e realização profissional e pessoal também pertencem ao ser migrante e ao ser turista. Porém, há um caminho percorrido por esse sujeito, quando ele opta por permanecer no Brasil, quando ele escolhe deixar de ser turista para tornar-se migrante. No processo da metamorfose, esse espaço da transformação é onde acontecem as diversas negociações e ressignificações. Nesse lugar, as identidades são construídas e desconstruídas a todo momento numa espécie de tempo descontínuo, tendo em vista que passado, presente e futuro articulam no mesmo local. O “turista-migrante” vivencia estranhamentos e, nesse sentido, é possível perceber que a hospitalidade abriga em si uma hostilidade, como é o caso da dificuldade inicial com a língua portuguesa. Diante dessas questões, a pesquisa procurou analisar as motivações que permeiam a metamorfose, o que leva o turista a passar pela transformação, a negociar seus símbolos, signos, costumes, códigos e outros tantos aspectos. Nesse processo dotado de representação social, onde a alteridade projeta-se como auxiliar às negociações realizadas, a saudade é um elemento fundamental, pois baliza muitas das conciliações feitas pelos “turistas-migrantes”. Tão importante quanto a teoria que abarca o contexto descrito, a fonte oral foi fundamental para a compreensão ampla do processo. Assim, a metodologia da História Oral possibilitou o acesso às experiências vividas pelos migrantes outrora turistas no Brasil. As narrativas de 12 “turistas-migrantes” foram feitas com base na memória de cada um. Foram analisadas sob a luz da epistemologia e, por meio da categorização, dialogaram com a investigação feita com fundamento nas fontes escritas. As histórias dos “turistas-migrantes” foram contadas e, desta forma, em articulação com a teoria, puderam ser compostas. Por meio dos relatos foi possível apreender questões como a importância do silêncio para esses “turistas-migrantes” e perceber que exerceram seu empoderamento nos espaços de negociação. O avanço da mobilidade e o acesso às novas tecnologias ajudaram na dissolução das fronteiras. Porém, para o sujeito multicultural que é o “turista-migrante”, essas desterritorializações e reterritorializações são uma constante. O sujeito turista é um protagonista de sua viagem, encaixando-se em uma visão mais humanizada do turismo. É esse ser empoderado que faz a transmutação e converte-se em migrante, escolhendo deixar a rotina e o cotidiano de sua terra natal. Nesse sentido, experimenta liberdades que rompem com a liquidez da modernidade. O turista que faz a metamorfose para migrante é um cidadão globalizado que, guardadas algumas semelhanças, experiencia motivações como turista diferentes das que vive como migrante. Por sua vez, essas motivações o colocam no espaço das negociações, onde constantemente ele faz suas permutas e de onde surge algo novo, conectado ou não com o que havia antes.

**Palavras-chave:** turismo, migração, motivação, identidade, espaços de negociação.

## ABSTRACT

The exercise of itinerant is common to the tourist and to the migrant, predominantly in the aspects of the possibility of the encounter with the other, of knowing oneself and the perception of their foreigner condition . Well-being, happiness, professional and personal fulfillment also belong to the migrant and tourist being. However, there is a journey traveled by this fellow when he opts to remain in Brazil, when he chooses to not be a tourist to become a migrant. In this process of metamorphosis, the space of transformation is where the various negotiations and resignifications take place. In this place, the identities are built and broken down at all times in a kind of discontinued time, given that past, present and future articulate at the same place. The "migrant tourist" experiences estrangement and, in this sense, it is possible to perceive that hospitality is hostile in itself, as in the case with the initial difficulty with the Portuguese language. The issues posed, the research tried to analyze the motivations that permeate the metamorphosis, which leads the tourist to undergo transformation, to negotiate their symbols, signs, customs, codes and other aspects. In this process provided by social representation, where the otherness is projected as an aid to the negotiations carried out, the nostalgia is a fundamental element, since it marks many of the conciliations made by "migrant tourists". As important as the theory that embraces the context described, the oral source was a key to the understanding of the process. Thus, the Oral History methodology allowed the access to the experiences lived by migrants once tourists in Brazil. The narratives of 12 "migrant tourists" were made based on the memory of each one. They have been analyzed under the light of epistemology and, through categorization, they dialogued with the investigation made based on written sources. The stories of the "migrant tourists" were told and, in such a way, in articulation with the theory, could be composed. Through the reports it was possible to learn the issues such as the importance of the silence for these "migrant tourists" and to realize that they exercised their empowerment in the negotiation spaces. The mobility advancement and the access to new technologies helped to the break up of the borders. However, for the multicultural fellow who is the "migrant tourist," these deterritorializations and reterritorializations are a constant. The tourist fellow is a protagonist of his trip, fitting himself into a more humanized view of the tourism. It is this empowered being who transmutes and becomes a migrant, choosing to leave the routine and daily life of his native land. In this sense, it experiences freedom that breaks with the liquidity of modernity. The tourist who makes the metamorphosis for migrants is a globalized citizen who, with some similarities, experiences motivations as tourists other than those who live as a migrant. These motivations, on the other hand, place him in the space of negotiations, where he constantly makes his exchanges and where something new comes up, connected or not to which existed before.

**Keywords:** tourism, migration, motivation, identity, spaces of negotiation.

## Sumário

Introdução.....	5
Capítulo I – O turismo como fenômeno social, sua conexão com outras ciências humanas e com aspectos da migração .....	19
1.1. O turismo como um direito humano e algumas reflexões acerca das questões intrínsecas à transformação do turista em migrante .....	24
Capítulo II – Migração e Turismo: relações no contexto da metamorfose.....	33
2.1 Ser estrangeiro: o estranhamento em relação ao outro e em relação a si mesmo.....	38
2.2 Cidadão globalizado: o mundo aproxima turistas e migrantes.....	46
2.3 O “turista-migrante”: um híbrido da diferenciação entre viagem e migração.....	70
2.4 O silêncio: resultado da condição do “turista-migrante”? .....	89
2.5. Cotidiano, trabalho e acolhimento inseridos no âmbito da transformação do turista em migrante .....	93
Capítulo III – A metamorfose do “turista-migrante” na modernidade líquida .....	113
Considerações Finais .....	122
Referências .....	129
ANEXO I.....	135
ANEXO II .....	138
ANEXO III .....	139
ANEXO IV .....	140



## Introdução

Esta pesquisa tem como objeto de estudo analisar o que motiva a transformação do sujeito viajante da condição de turista para migrante. Procurar-se-á aqui levantar as questões que permeiam essa mudança.

O Brasil recebe muitos turistas. Anualmente, de acordo com os dados do Ministério do Turismo, o país recebe milhões de visitantes oriundos de várias regiões do planeta e por diferentes meios de acesso: aéreo, marítimo, terrestre e fluvial. Alguns desses turistas retornam aos países de origem ou de moradia. Infelizmente, não é possível extrair com exatidão a quantidade, pois há somente divulgação de quantas pessoas embarcam em voos internacionais partindo do Brasil, e tal número, por certo, inclui também os brasileiros que viajam ao exterior. O último Anuário Estatístico de Turismo aponta que, em 2016, o turismo receptivo contou com a chegada de 6.578.074 pessoas (BRASIL, 2018).

Por outro lado, alguns optam por permanecer no Brasil e, assim, deixam de ser turistas, passando a ser migrantes. Ao se analisar os dados do Ministério do Turismo, não é possível recortar do número de turistas os que se tornam migrantes, pois tais informações ainda não são computadas pelos órgãos estatais, ou pelo menos não são divulgadas. A própria Organização Mundial do Turismo (OMT) aponta em um documento oficial que há problemas de medição para avaliar as ligações entre os fluxos de turismo e migração que persistem nos países de origem e de destino (OMT, 2009).

Também há dificuldade na aferição do número de migrantes que solicitam permanência ou que, de certa forma, renovam o visto, tendo em conta que há uma diversidade de órgãos no Brasil que tratam dessa questão. O Ministério das Relações Exteriores é competente para emitir vistos temporários e permanentes para casos de viagens para turistas, artistas, esportistas, estudantes e outros. O Ministério da Justiça e Segurança Pública, por meio do Comitê Nacional para os Refugiados – CONARE, é responsável pela regularização de estrangeiros refugiados, além das solicitações de união estável. De acordo com esse Conselho, em 2016, o Brasil reconheceu 9.552 pessoas de 82 nacionalidades diferentes (EBC, 2017) e, em 2017, 473 pessoas tiveram os seus pedidos aprovados (BAZZO e REIS, 2018). Por fim, ao Ministério do Trabalho e Emprego cabe a análise dos pedidos de autorização feitos por estrangeiros que desejam exercer alguma atividade laboral no Brasil. Há também a

atuação do Conselho Nacional de Imigração, o CNIg, que tem a responsabilidade de formular a política migratória nacional e decidir sobre casos considerados omissos. Esse Conselho é vinculado ao Ministério do Trabalho e Emprego. A última divulgação publicada pela Coordenação Geral de Imigração do Ministério do Trabalho e Emprego refere-se a autorizações concedidas a estrangeiros no primeiro trimestre de 2017, que foi num total de 6.415. No ano de 2016, foram concedidas 28.658 autorizações ao todo (TRISOTTO, 2017), entre temporárias e permanentes. Esses dados, vale ressaltar, são números relativos a estrangeiros que vem trabalhar no Brasil, ou seja, ligados ao turismo de negócios ou turismo empresarial<sup>1</sup>.

Os migrantes saem de suas regiões motivados por interesses e situações diversas, e, assim como outros países, escolhem o Brasil como destino e também como local de residência, seja antes ou depois de fazerem a viagem. Assim, todo turista, de certo modo tem consigo a condição de migrante. Os que retornam a seus países, perdem ambas condições, e os que escolhem ficar no Brasil passam a ter a condição de migrantes.

Esta pesquisa não trata dos turistas que já saem de seus países com a intenção de fixar morada no Brasil, mas dos que tomam essa decisão após estarem nesse país tendo em vista que estes, a princípio, não planejaram sua viagem com o intuito de ficar aqui. Ou seja, não são migrantes em sua origem, a não ser pelo fato de estarem em deslocamento, mas são turistas.

Diante do exposto, algumas questões se colocam para esta pesquisa, quais sejam:

1. Por que o turista se torna migrante?
2. O que leva essas pessoas a desejarem permanecer no Brasil?
3. Há relação entre a motivação em ser turista e a motivação em tornar-se migrante no Brasil?

Perante essas questões colocadas, o objetivo da pesquisa em tela é analisar o que motiva o indivíduo a deixar de ser turista e tornar-se migrante no destino. Assim, conforme o quadro exposto, este estudo busca mostrar quais as relações são estabelecidas nesse processo de transformação do turista em migrante.

Para tanto, a análise basear-se-á em dados e bibliografias sobre a questão das migrações e do turismo e também nos relatos de pessoas que vivenciaram esse processo de

---

<sup>1</sup> Em pesquisa realizada, não foi encontrado outro tipo de divulgação em números relativa a outras concessões e autorizações a estrangeiros para a permanência no Brasil.

transformação, tendo em vista que a construção da história de vida dessas pessoas pode ser entendida enquanto parte da compreensão do objeto aqui estabelecido, pois que, é a partir da compreensão do sentido das experiências do fazer humano que se dá a inclusão do sujeito na construção de sua história.

Optou-se no estudo por utilizar a palavra migrante e não imigrante. O migrante é quem migra, é quem faz a migração, quem realiza o ato de migrar. E, no caso desta pesquisa, quem se desloca entre fronteiras ou territórios internacionais. Com mais especificidade, migrante é o viajante externo, ou seja, de outro país, que ingressa no Brasil como turista, com visto concedido antes da viagem e, aqui estando, opta por permanecer, deixando de ser turista e tornando-se exclusivamente migrante. Ou seja, ele deixa de ser migrante-turista, passa por ser turista-migrante e, ao final, é um migrante que foi turista. Esse processo, por si só, já é uma viagem.

O turismo é fluxo. E esse movimento do migrante outrora turista relaciona-se com fixos e fluxos, que, por sua vez, formam as redes de conexão entre os distintos espaços. De forma simplificada, os fixos representam objetos imóveis que estão fixados no espaço, tais como as construções feitas pelo homem (estradas, prédios, pontes e outros). Os fluxos são as ações, os movimentos entre os fixos, condicionados por ações, e que podem ou não ensejar movimentos de comunicação, transporte, energia e outros. Denise Elias (2002) discorre acerca desta teoria do geógrafo Milton Santos. Segundo a autora, a interação entre os fluxos e fixos constrói e reconstrói de maneira dialética o espaço, uma das mais importantes categorias para a Geografia. Desta forma, tanto os fluxos interferem nos fixos quanto estes produzem efeito sobre aqueles. O conjunto dessas interações entre fluxos e fixos formam o espaço, que é sempre modificado, visto que a ação humana está sempre em atividade. É também uma metamorfose que, nesse caso, ocorre no espaço.

É o turismo que permite ao migrante ficar no Brasil, pois é com esse “carimbo” que, de certo modo, ele ingressa. Ora, se aqui não pudesse estar, impossível seria o seu querer permanecer. Assim, é por ser turista que ele tem a oportunidade de ficar. O turista que a pesquisa considera não é somente o definido legalmente quando da emissão de vistos, mas sim o sujeito que pratica, que desenvolve o seu nomadismo, aquele que sai em busca do desconhecido, que permite a proximidade e convivência com o estranhamento. Assim, o sentido legal ou normatizado dado ao turismo ou a quem o exerce difere do que a pesquisa considera. Então, o critério não é o visto, pois, como será observado mais adiante no debate

teórico, o turismo engloba muito mais que a temporariedade ou o não exercício de atividade remunerada, que são algumas das condições legais dadas para a expedição desse tipo de visto.

Também são considerados turistas para os fins dessa pesquisa os ingressantes com visto temporário, pois tal visto é análogo ao de turista. Ele contempla viagens de estudos, de negócios, com vistas a participar de eventos artísticos, religiosos e para viagens de férias combinadas com trabalho. A diferença básica do visto temporário para o visto de turista é que ele abarca atividades remuneradas. De igual modo, o visto chamado “de trânsito” contempla o turista que essa pesquisa tem como estudo. Esse visto pode ser solicitado pelo estrangeiro que, para atingir o país de destino, tenha de entrar uma única vez no Brasil.

Por fim, o estrangeiro que ingressar no Brasil com visto de residência temporária do Mercosul também é considerado nesta pesquisa, caso se enquadre como “turista-migrante”. Tal visto está previsto em atendimento a decisão do Conselho Mercado Comum do Mercosul e tem como objetivos ampliar a cooperação entre os Estados Partes e Associados do Mercosul, que visam fortalecer e aprofundar um processo de integração entre si, promovendo, dentre outras questões, a livre circulação de pessoas na região, a fim de reforçar os laços de união de tais comunidades.

A questão do visto, da legalidade, é irrelevante para a pesquisa, a não ser que interferisse na vontade das pessoas, o que não aconteceu mediante as entrevistas. O que interessa desvendar é a motivação desse ser humano que de algum modo ingressou no Brasil de forma temporária e, estando aqui, resolveu ficar. Motivação é algo particular de cada um, de cada uma, e ela independe da burocracia, ela ignora o carimbo de entrada no Brasil. Tanto o turismo quanto a migração são dotados de estímulos. Mas será esse o único vínculo entre um e outro?

A fim de dar destaque às relações entre o turismo e a migração, serão destrinchados ambos os fenômenos, para que, dentro de suas características, possam ser localizadas as possibilidades que permitam conhecer o que está contido nessa transformação de turista em migrante e para que se possa tentar responder às perguntas suscitadas acima.

Pode-se dizer, pelo menos aparentemente, que essa pesquisa trata de uma migração dentro da migração. Ou seja, há uma viagem interior, particular, que é interna do sujeito. É nesse intervalo, no espaço desse deslocamento, dotado de muita subjetividade, que acontece a metamorfose do turista em migrante.

Em um mundo hoje, onde localidades como os Estados Unidos, a França, o Reino Unido e a Alemanha anunciam fechamento, ampliação da vigilância e segurança em suas fronteiras, ou até mesmo a construção de muros e uso de violência para manter a separação dos povos, o turismo se apresenta como uma possibilidade de deslocamento das pessoas que, possuindo ou não desejo de mudança, encontram nesse fenômeno o amparo caso venham a adquirir esse desejo, essa necessidade de ter um novo lar, por mais que esse desejo se manifeste posterior à viagem. O turismo, conhecido sobretudo por proporcionar viagens, diversão, lazer, funciona como uma ponte para essa viagem sem volta ao local de origem que, de certo modo, pode ser entendida como sendo uma migração.

Portanto, diante da necessidade de entender alguns aspectos, como as motivações que gravitam em torno da viagem dessas pessoas, desses migrantes que já foram turistas é que optou-se pela metodologia da História Oral.

A história desses turistas que se tornaram migrantes ainda não foi contada. Não foram localizados por essa pesquisa textos, vídeos ou relatos que tratem dessa transformação. Dessa forma, foi necessário praticar a escuta e, quiçá de forma inaugural, escrever sobre essa questão com base não só em teoria, mas também nessas histórias reais.

A pesquisa documental e bibliográfica feita tratou dos conceitos de turismo, de migração e também de hospitalidade, assim como abrangeu as relações entre eles. Mas todo esse conteúdo não daria conta sozinho de demonstrar a subjetividade que está por trás da transformação do turista em migrante no Brasil. Foi preciso, então, ouvir os relatos desses migrantes.

Ampliando um pouco a questão posta por Moesh (2004, p. 340), quando diz que “Não basta estar na posse de números para que um fenômeno social, como o turismo, possa ser compreensível”, tem-se o fato de que uma metodologia com perfil quantitativo não pode ser acolhida nesse estudo, não só pela complexidade e subjetividade das conexões nele propostas, mas pelo próprio enfoque no ser humano, que foi tratado em todo texto.

Como esses migrantes ouvidos já deixaram de ser turistas, os relatos foram contados a partir de suas lembranças e todas as conexões inseridas nessas memórias. Portanto, não se trata de uma busca pela verdade absoluta, plena, mas da compreensão da construção da motivação que levou cada um desses turistas a se fixarem no Brasil e tornarem-se migrantes.

Por sua vez, a narrativa desses migrantes foi feita com base em suas memórias, ou

seja, *viajaram* pelo passado vivido e experimentado por eles e elas quando eram turistas, seja individualmente ou coletivamente, pois as lembranças individuais podem ser baseadas nas lembranças de outros. De todo modo, quando vieram, não havia a intenção de ficar, mas de conhecer ou de tão somente estar num lugar diferente daquele de onde moravam, ou, ainda, de passar uma curta temporada e retornar a seus países.

Para Le Goff (1990, p. 423) “a memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas ou que ele representa como passadas”. Ele também cita Changeux para afirmar que a memória trata da ordenação e da releitura desses vestígios.

O autor menciona que a estruturação das lembranças possui forte ligação com aspectos humanos e sociais, que os silêncios fazem parte integrante da memória e, por fim, que a memória existe independentemente da escrita. A partir dessa afirmativa, ele desenvolve uma sucessão de questões acerca da memória ao longo da história, com destaque para a oralidade e sua importância, sobretudo na memória coletiva.

Paul Ricoeur (2007) também aborda a memória em sua perspectiva coletiva, tratando do fato dela ser uma forma de aprendizagem do que já é ou foi conhecido pelos outros, ou seja, é um apreender. Ele também trata da memorização, no sentido de ser uma experiência de retomada singular do que foi vivenciado pelo sujeito. E, nesse ato interpretativo que é a memória, está presente o esquecimento.

Para ele, a memória surge de uma necessidade do tempo presente e o local onde o sujeito lembra é o cotidiano. Assim, a memória, por mais que seja lembrança, depende da necessidade existente no presente. Dessa maneira, o presente atualiza o passado, que aparece em forma de vestígios, segundo o autor, pois nunca pode ser apresentado em sua totalidade.

Sobre o passado, para Beatriz Sarlo (2007), não há como resgatá-lo, mas ressignificá-lo. Faz sentido, pois não há como resgatar algo que não foi perdido. E isso fica nítido nas falas dos entrevistados e entrevistadas quando, em diversas ocasiões, fazem pequenas pausas. São pausas que, por vezes, duram um segundo ou dois, mas que representam momentos de busca na memória por aquilo que querem contar. Um desses entrevistados, Cleber Ferreira (2017)<sup>1</sup>, chegou a mencionar a memória, a dificuldade de se lembrar de coisas do passado.

---

<sup>1</sup> Entrevista concedida a Tatiana Tannús Grama, no Rio de Janeiro/RJ, no dia 12 de set. de 2017. Duração: 22

Quando perguntado se ele se sente estranho no Brasil, estrangeiro, ele respondeu da seguinte forma “*Então, quando eu mudei pra cá eu já sabia disso um pouco, ahm, eu já conhecia a cidade (...) talvez eu não sabia tão bem... é difícil depois de tantos anos lembrar qual foi exatamente o pensamento, mas foi alguma coisa*”. Mas mesmo com as dificuldades os relampejos de memória nos permitem tecer uma teia discursiva significativa para compreender a experiência do narrador nos seus atos de fala.

Com relação ao objeto de pesquisa, essa interpretação do passado, que se constitui em memória, é fundamental para a análise do que leva o turista a tornar-se migrante. É esse produzir de uma lembrança que trouxe à tona a motivação que ronda a metamorfose *turista-migrante*.

A história oral se encaixou metodologicamente na proposta da pesquisa, e deu organicidade e técnicas que forneceram o respaldo científico à mesma. De acordo com Delgado (2003, p. 23), “a história oral é uma metodologia primorosa voltada à produção de narrativas como fontes do conhecimento, mas principalmente do saber”. O compartilhar de lembranças inclui não só a fala e a escuta, mas também a troca de olhares. Também faz parte desse processo o silêncio. Por isso, é algo único, além de ser uma forma de conhecimento diferenciada. Nesse sentido, Regina Weber (2013, p. 10-11) diz que

É afirmação recorrente que a história oral possibilita acessar vivências de 1) indivíduos comuns, que não deixam registros de outros modos; ou, 2) mesmo se tratando de líderes e pessoas de destaque, de aspectos pouco formalizados da experiência do indivíduo. No campo de estudos de imigração, vários são os assuntos que têm se beneficiado das pesquisas com depoimentos: razões, do ponto de vista pessoal e familiar, da emigração; informações disponíveis sobre países de destino e mediações burocráticas; papel da rede de emigrados na sociedade de destino; envolvimento com formas institucionalizadas (associações, jornais, festividades) do grupo de origem; inserção na sociedade de acolhida; relação das gerações nascidas na nova terra com a identidade de “imigrante”; revitalização de identidades em gerações posteriores etc.

Há uma diversidade considerável na população migrante no Brasil, tanto do ponto de vista da nacionalidade (país de origem), quanto étnica, de gênero, idade, estado civil e outras. A pesquisa procurou abranger tal diversidade ao pinçar, nesse universo, alguns dos “turistas-migrantes”, tendo em vista que isso poderia ser fundamental na identificação das motivações que preenchem a metamorfose. Além disso, pensou-se também na riqueza contida na diversidade, sobretudo com relação à nacionalidade. Assim, das doze entrevistas, cinco delas

foram com europeus (dois da Alemanha, dois da Itália e uma da Espanha), cinco delas com latino-americanos (um da Nicarágua, um da Argentina, dois da Colômbia), uma delas com um britânico e uma com um africano.

A idade dos entrevistados que optaram por revelá-la varia entre 36 e 74 anos. Quanto ao sexo, foram feitas três entrevistas com mulheres e nove entrevistas com homens, de classes sociais diversas. Todos depoentes possuem escolaridade. A maioria disse ter curso superior, apenas três deixaram de mencionar tal questão. Ainda, nesse contexto, seis dos entrevistados disseram ter pós-graduação. Com relação ao estado civil, cinco declararam estar em um relacionamento ou serem casados, e quatro deles contaram que tem filho(s) de nacionalidade brasileira. Os demais entrevistados não declararam seu estado civil. Esta também não era uma informação relevante para a pesquisa, a não ser que o fato de ter companheiro ou filhos tivesse influenciado na escolha por vir ou por ficar.

Como já foi dito, o universo de turistas que se tornaram migrantes no Brasil é muito amplo, foi necessário definir que seriam feitas quantas escutas fossem necessárias para que pudessem ser trazidas para a dissertação dez delas. Porém, essa quantidade foi superada, tendo em vista que as doze entrevistas realizadas foram compatíveis com a pesquisa e, portanto, estão contidas no texto.

Com relação a outros recortes, foram ouvidos “turistas-migrantes” que hoje residem em Brasília e nas regiões administrativas que compõem o território do Distrito Federal. É uma região central no Brasil que contempla um turismo diferenciado no sentido de não possuir praias, que são consideradas grandes atrativos turísticos, mas que é a capital do país, abriga o centro do poder e tem em sua arquitetura um diferencial. Um outro local escolhido para ouvir relatos foi o Rio de Janeiro, este sim por possuir praias e receber um grande número de turistas. Além disso, em uma pesquisa prévia nas redes sociais, o Rio de Janeiro apresentou a presença de grupos de estrangeiros que passaram a residir no Brasil, bem como vídeos onde há relatos da existência de mais de mil expatriados na favela da Rocinha. Ao fim, não foram encontrados “turistas-migrantes” nesse universo de pessoas, mas outros foram facilmente localizados, por meio de amigos e amigas da pesquisadora. O terceiro local com potencial de existirem “turistas-migrantes” escolhido foi o nordeste do Brasil, onde foi visitado para realização de entrevistas o estado da Paraíba, mais especificamente a sua capital, João Pessoa. A escolha pelo nordeste deveu-se ao fato de ser uma região do país com grande potencial turístico.



Acerca da metodologia da História Oral, Matos e Senna (2011, p. 97) apontam que

Uma possibilidade de sistematização das lembranças, como indicadores e referenciais para múltiplos estudos, são os registros da oralidade. O que conhecemos como história oral é uma prática muito antiga, intimamente ligada aos contos populares, ao universo da comunicação humana. A História surgiu contada, até constituir-se na escrita do depoimento realizado, das impressões registradas, da legislação disciplinada em sólidas escritas que a legitimam. Tudo isso numa nítida vontade de perpetuar, de maneira mais segura e perene, nosso passado. Como procedimento metodológico, a história oral busca registrar – e, portanto, perpetuar – impressões, vivências, lembranças daqueles indivíduos que se dispõem a compartilhar sua memória com a coletividade e dessa forma permitir um conhecimento do vivido muito mais rico, dinâmico e colorido de situações que, de outra forma, não conheceríamos.

O enfoque social da pesquisa levou à utilização dessa metodologia qualitativa, tendo em vista a necessidade de um viés exploratório que fosse ao encontro do objeto de estudo, a saber, a motivação, o que leva o turista a tornar-se exclusivamente um migrante no destino. E, só foi possível acessar a real motivação de cada um, de cada uma, por meio da escuta dessas pessoas.

Cada vez mais, os relatos orais estão sendo valorizados pelas ciências, em especial as sociais. Segundo as autoras Rita Gonçalves e Teresa Lisboa (2007, p. 85, “a história oral tem desvendado questões outrora obscuras a partir da investigação da realidade desses sujeitos, das suas ações e relações que se ocultam nas estruturas sociais”..

Porém, foi preciso uma regra e, assim como para Gonçalves e Lisboa (2007), na pesquisa “Turista-migrante” tem-se como farol a epistemologia. É ela que perpassa pelas etapas desenvolvidas, desde a concepção das entrevistas até a transcrição e análise das mesmas, para que haja cientificidade na pesquisa. A epistemologia valoriza tanto a descoberta quanto a validação. Ela é preliminar ao referencial teórico e confere à pesquisa “rigor, exatidão e a precisão do procedimento científico” (GONÇALVES e LISBOA, 2007, p. 87).

De início, foi elaborado pela pesquisadora um projeto, que foi aprovado na etapa de qualificação no Programa de Mestrado em Turismo da Universidade de Brasília. Ele já continha parte da teoria sobre os fenômenos que delimitaram e orientaram a escuta dos “turistas-migrantes”, bem como apontava os referenciais teóricos que balizariam a análise do material que, àquela época, ainda seria coletado por meio de entrevistas.

A pesquisadora manteve-se atenta a todo instante, reportando-se ao referencial teórico e primando pela objetividade na pesquisa, por mais que os relatos orais contivessem

subjetividade, pois a fonte oral deve dialogar com a fonte escrita todo tempo. Dessa forma, escrita e fala se conversaram, tendo como local de encontro a cientificidade. Isso possibilitou, ao longo de todo texto, a análise dos trechos das entrevistas.

Portanto, epistemologia e referencial teórico atuaram de forma conjunta para auxiliar na identificação e construção das relações existentes entre as falas que expressam a história particular de cada entrevistado.

Para as assistentes sociais Rita e Teresa, “as ações humanas são sempre a expressão de uma consciência, o produto de valores e a resultante de motivações” (GONÇALVES e LISBOA, 2007, p. 87). Somente por intermédio da compreensão de cada história é possível encontrar uma convergência ou um ponto em comum entre os relatos.

Corroborando também para o viés científico da pesquisa o fato da mesma ter objetivo geral definido, qual seja: analisar o que motiva o indivíduo a deixar de ser turista e tornar-se migrante no Brasil. E foi importante o projeto ter passado pela etapa de qualificação, pois ela, de certa forma, validou e valorizou o objeto e metodologia apresentados, dentre outros pontos. Ranieri e Barreira (2010) discorrem um pouco acerca da importância do foco no objeto pesquisado, pois isso faz com que os desvios não sejam demasiado longos.

A definição da amostra foi um outro aspecto relevante desse trabalho. Era preciso que fossem de fato pessoas conectadas ao objeto, ou seja, turistas que se tornaram migrantes em terras brasileiras após terem ingressado nesse país. Também foi necessário contemplar uma diversidade entre essas pessoas, observando diferentes nacionalidades, gêneros, idades (excluindo-se menores) e classe social, conforme já foi mencionado. A proposta planejada foi que não fossem trazidas falas demasiado repetitivas e na prática isso se mostrou bastante tranquilo, pois, por mais que tivessem pontos, aspectos em comum, as entrevistas foram diferentes umas das outras.

Vale destacar que uma das características interessantes da História Oral é o fato dela valorizar o relato de pessoas que não possuem fama, que não necessariamente são celebridades em seu meio, fazer reverberar as vozes anônimas.

O roteiro foi também um ponto de equilíbrio fundamental que também conferiu um caráter científico à pesquisa. Ele orientou o caminho que foi percorrido pela pesquisadora nas entrevistas. Não foi engessado, pois haveria o risco de conter ou limitar as falas dos entrevistados, assim como também não poderia ser totalmente livre de método, sob pena de

não tratar a pesquisa com a devida seriedade e importância. Diante disso, foi elaborado em três blocos. O primeiro deles contemplou os principais dados sobre o entrevistado, identificando-o. Esta parte foi fundamental para a pesquisa e, ao mesmo tempo, auxiliou no entrosamento e empatia entre entrevistado e pesquisadora. Em seguida, as perguntas buscaram fazer emergir os aspectos da vinda ao Brasil, da viagem, das motivações em torno dela, ou seja, entender o sujeito entrevistado quando foi turista e também ter a dimensão dos estranhamentos enfrentados por ele, desde preconceitos a questões internas relacionadas ao fato dele ser estrangeiro, bem como questões que auxiliaram no entendimento do que levou o entrevistado a permanecer no Brasil. Desta forma, tratou do sujeito turista transformado em sujeito migrante e das identificações que ele já poderia ter com o país que escolheu para morar.

O local da entrevista é um importante fator, pois auxilia na interação entre pesquisadora e entrevistado. Todos os locais foram combinados previamente, geralmente com amplo diálogo anterior, tanto por telefone como pelo *whatsapp* com cada um dos entrevistados e entrevistadas. Foi dada total e irrestrita prioridade a locais indicados por eles, contemplando a reserva que o momento exigia ao mesmo tempo que possibilitava a espontaneidade da fala. As permissões e riscos foram expostas de forma sincera para cada um, cada uma, mas não houve nenhum problema com relação a isso ou nenhum momento que se recursaram a falar. E também foram assinados os termos formais referentes a tais permissões, exigência do Comitê de Ética pelo qual a proposta de metodologia e pesquisa passou.

A transcrição de cada entrevista também foi uma etapa importante. Por isso, de forma prévia, os equipamentos foram testados, para que não houvesse problemas futuros nesse sentido. A fim de superar essa possibilidade de erros, a pesquisadora gravou em duas mídias ao mesmo tempo. Não foi possível fazer anotações ao longo das conversas, mas imediatamente após isso foi feito pela pesquisadora, quando necessário. Além disso, tudo foi mencionado na transcrição, não só a fala, mas também os silêncios, as risadas, os olhares, as entonações e outros aspectos. Tudo isso foi apontado na transcrição com a máxima fidelidade ao que foi dito e não dito.

Para a fase seguinte, de análise das entrevistas, além da comparação entre uma entrevista e outra a fim de observar o(s) elemento(s) comum entre elas, foi utilizado o processo de categorização, que é o agrupamento de conceitos presentes nas falas. Em seguida, tendo como fio condutor o referencial teórico, reagrupam-se tais conceitos, sempre

dialogando com a teoria já contida na pesquisa.

Nesse momento colocam-se os desafios de transformar os dados, situações, ações e interações em conceitos; identificar as variáveis, as características das respectivas categorias e subcategorias; e de estabelecer uma lógica de análise.

Esse processo nos leva à codificação seletiva, que consiste na seleção das categorias-chave que serão aprofundadas na análise da pesquisa. O fio condutor utilizado permanece sendo o indicativo para análise; contudo, todo esse percurso busca incorporar de forma dinâmica os elementos trazidos pelas trajetórias, que possibilitam validar ou refutar as hipóteses e, principalmente, responder com propriedade à questão de pesquisa. Após esse percurso, desenvolvemos a análise das trajetórias como um todo, com vistas a reconstruir a história sociocultural dos grupos investigados, de forma a articular todos os elementos identificados no tempo e no espaço, percorrendo acerca dos diferentes ritmos, estratégias, conjunturas, valores e significados, ordenando a totalidade do material coletado não somente em cada trilha, mas na sua relação com os outros. (GONÇALVES e LISBOA, 2007, p. 90).

Por fim, é fundamental que um dos resultados da pesquisa seja a devolutiva dela aos entrevistados. Com a devida vênia, essa prática, em especial, já fez parte do histórico laboral da pesquisadora, que atuou profissionalmente no setor público na área da memória e verdade durante alguns anos, onde as políticas públicas tiveram intensa participação social, além de monitoramento e avaliação por parte da sociedade, que por sua vez atuava de forma intermitente em tais políticas. Desta forma, já há por parte da pesquisadora essa preocupação, assim como a observação ao respeito da manutenção do sigilo com relação a tais fontes orais, seja entrevistado ou citado pelo entrevistado. No momento em que foram contatadas para as entrevistas, as pessoas já ficaram cientes desse retorno por parte da pesquisadora, bem como de todo sigilo, tanto que os nomes dos entrevistados foram trocados por pseudônimos.

Foi necessário ouvir as narrativas para compreendê-las e, assim, captar ao máximo os elementos que inspiraram a tomada de decisão de cada entrevistado ou entrevistada, a escolha individual, particular, por ficar no Brasil. É a partir do exercício do ser turista que um estranhamento é permitido. Esse sujeito só se transforma em migrante porque foi turista. A errância pode ser o caminho percorrido para ter a experiência e se transformar, mas de todo modo há identidade desse sujeito com o turismo, com a vivência de ser turista. E essa é mais uma das justificativas que levaram à realização de entrevistas, localização das pessoas e, sobretudo, a utilização de um método que privilegiou a escuta.

As histórias vivas desses “turistas-migrantes” perpassam por todo texto, que foi concebido em três capítulos. No primeiro deles, o turismo é visto sob seu aspecto mais social.

Nessa perspectiva, é analisado de forma que a experiência do ser humano seja valorizada e, nesse sentido, é feita uma conexão desse sujeito turista com o sujeito migrante, por meio da convergência nas experimentações de ambos, em especial na busca pelo desconhecido.

Inter, multi e transdisciplinaridade também auxiliam na compreensão desse turismo mais humanizado e, por assim dizer, holístico. A noção de espaço da Geografia em algumas de suas nuances é um exemplo desse encontro do turismo com outras ciências que aparece no primeiro capítulo. De seu lado, no diálogo com o Direito e mantendo o foco no recorte social, é possível relacionar o turismo com alguns dos direitos humanos universais, como o lazer e o repouso, ambos garantidos em lei. Por sua vez, também a migração, enquanto fenômeno social que é, de igual modo relaciona-se com os direitos humanos e para demonstrar essa proximidade, é apresentada no capítulo de forma breve a mais recente lei brasileira sobre o assunto.

Há no capítulo primeiro uma crítica por parte da pesquisadora a respeito do turismo ter seus aspectos econômicos sempre ressaltados, em especial pelos principais órgãos que trabalham com essa temática em detrimento a essa visão mais social que é tratada na pesquisa.

Por fim, são descritas no capítulo inaugural as categorias utilizadas para a análise das entrevistas realizadas, e que também são pilares estruturantes nas relações existentes entre os fenômenos da migração e do turismo e na análise das motivações intrínsecas à metamorfose dos entrevistados e entrevistadas.

No segundo capítulo, os conceitos de migração e turismo são um pouco mais explorados, a fim de dar luz a mais relações contidas nessa dupla de fenômenos sociais e também na metamorfose do turista em migrante. Para tanto, são levantadas algumas questões ligadas ao estrangeiro, no seu sentido de estranhamento, de intrusão e de sua associação com a hospitalidade, com o acolhimento. A globalização, sobretudo o cidadão globalizado e suas múltiplas faces também auxiliam na análise das motivações que circundam a transmutação do turista em migrante, assim como as novas tecnologias, a mobilidade, o trabalho, o cotidiano, o lar, o lazer e os novos modelos das cidades.

As negociações que permeiam o caminho que o turista percorre até tornar-se migrante, em sua ininterrupta e crescente construção e desconstrução, também são destrinchadas neste segundo capítulo. A saudade e a linguagem, inclusive em seus momentos de silêncio, são aspectos que transitam no espaço da transformação do turista em migrante e das motivações que giram em torno dela. Além disso, o Mito da Hospitalidade e o Mito da Terra sem Mal

ilustram a diversidade de correlações que vinculam turista e migrante no âmbito da sua metamorfose. A felicidade também tem seu espaço no capítulo, afinal ela está presente tanto no ser turista quanto no ser migrante, bem como em todo espaço percorrido nessa transmutação, além de conectar-se com fluxos e fixos.

No capítulo três, a busca pela liberdade é um fio condutor das relações analisadas. E, para compreender a dimensão dessa liberdade e suas nuances, é preciso entender a liquidez da modernidade apresentada por Bauman (2001), onde tudo é fluido, descartável, onde não há efemeridades. É nesse cenário que o terceiro capítulo invoca mais uma vez a saudade, os espaços de negociação das identidades que abrigam passado, presente e futuro como que em um só tempo, o consumo e outros aspectos apresentados nos capítulos anteriores e que neste são vistos com uma nova roupagem, a saber, a análise sob o ponto de vista da liberdade. A questão da segurança também é explorada, por trazer a ideia da proteção, da zona de conforto e, portanto, afastar do perigo, da possibilidade de não ser livre.

As narrativas dos “turistas-migrantes” encontrados nas regiões nordeste, centro-oeste e sudeste transitam pelos capítulos dialogando de forma harmoniosa com as fontes escritas pesquisadas. O relato das lembranças desses migrantes, sejam elas recentes ou não, conseguiu, em conjunto com a teoria apresentada, responder às questões de pesquisa que foram surgindo ao longo da caminhada e formaram um amálgama que conseguiu reunir as múltiplas realidades, os diferentes fatos, e as diversas ações dispostas no percurso do turista que se transforma em migrante.

Mister dizer que a capacidade do ser humano de rememorar sua própria história contém aspectos individuais, mas também uma sobrecarga coletiva muito grande, tendo em vista que as experiências em grupo fazem parte de qualquer história. Lançar mão de utilizar a oralidade como base para a metodologia em um trabalho científico é agregar uma dimensão viva a ele, que vai além da leitura de livros e documentos similares, todos com a características de serem escritos. Assim, contemplar a história de cada um desses sujeitos e também as experiências e realidades vividas por cada uma dessas pessoas que deram voz à pesquisa, é ressignificar suas experiências vividas nesse processo de metamorfose por eles vivenciado.

## **Capítulo I – O turismo como fenômeno social, sua conexão com outras ciências humanas e com aspectos da migração**

Margarita Barretto (2004) afirma que ainda é incipiente a pesquisa em turismo no Brasil, e elenca algumas correntes de pensamento opostas entre si: uma que considera que só existe turismo onde existe lazer e outra que valoriza o turismo de negócios; uma que pensa o turismo na percepção do mesmo como um sistema e outra que tem uma visão mais estática do fenômeno; e os que enxergam o turismo como algo que danifica o meio ambiente versus os que o percebem como preservacionista.

Não só essas questões afetam a análise acerca do turismo, mas também problemas como os apontados por Molina (2000), que descreve, dentre outros fatores, estudos privilegiados do turismo com enfoque na economia, um excesso no uso de dados e estatísticas, ausência de um quadro teórico comum e baixo investimento em pesquisa.

A pesquisa sobre o “turista-migrante” distancia-se da forte percepção do pensamento dominante – mas não único, de que turismo é pertencente somente a cadeia econômica. Entes públicos e privados assim o consideram. Um dos reflexos desse pensamento limitante pode ser observado na legislação brasileira, que demarca a questão do turista não poder receber nenhuma remuneração no país. É como se o turista somente pudesse “gastar” aqui o seu dinheiro, mas não levar daqui qualquer dinheiro. Isso também é uma das causas da xenofobia contra o estrangeiro, a repulsa com aquele que não pode ficar aqui porque passa a ser uma “ameaça” no mercado de trabalho, principalmente quando o índice de desemprego é alto e a concorrência é acirrada entre as pessoas que buscam uma vaga, uma oportunidade de trabalho.

Nessa perspectiva, há uma barreira a ser rompida, em especial no campo acadêmico, que tem o condão de dar o turismo um novo sentido, fugindo da análise positivista do mesmo, consolidando-o, assim, enquanto um fenômeno e, como já foi dito, um fenômeno social.

Barretto (2004) dá continuidade à sua ideia de turismo como fenômeno social apresentando a afirmativa abaixo

o turismo é um fenômeno social que reproduz e reflete os problemas da sociedade em que é praticado, da política econômica, das políticas públicas na área da educação e da saúde, da política trabalhista, da (in)justiça distributiva, enfim, do modelo econômico e político que essa sociedade escolheu. Outro turismo possível requer um outro modelo de sociedade possível, onde o ser humano seja mais importante do que a circulação do capital (BARRETO, 2004, p. 87).

Essa pesquisa se aproxima muito do que a autora descreve, por também ser próxima

da visão de sociedade que ela apresenta em seu texto. O que importa, afinal, é o sujeito e suas relações com o meio, o que ele se permite vivenciar, explorar, conhecer. Ou seja, a visão que se tem do turismo é uma visão sistêmica.

Acerca dessa visão sistêmica, Moesch (2004) apresenta, a partir do paradigma da complexidade, que é preciso a interdisciplinaridade para a compreensão, por parte dos pesquisadores, de um turismo recheado de experiências históricas e sociais que tenham origem no deslocamento no tempo e espaços construídos objetivamente; um turismo “possibilitador de afastamentos simbólicos do cotidiano, coberto de subjetividades, portanto explicitadores de uma nova estética diante da busca do prazer” (MOESCH, 2004, p. 336). Nesse sentido, a autora percebe o ser humano como objeto e, de forma simultânea, como sujeito do conhecimento. Para ela, o turismo é uma ciência humana exatamente por reconhecer esse sujeito, que é múltiplo, pois se apresenta em suas diversas faces, quais sejam, histórica, psicológica, geográfica, econômica, sociológica e outras. A autora afirma que

o fenômeno turístico como acontecimento, forma num sistema aberto e orgânico, uma rede, hologramática, através de fazeres tecnológicos, recheados de um saber próprio, expresso na diversidade cultural histórica geradora de possibilidades, de um sistema local de produção econômico objetivado, demarcando a importância da diversidade local como atrativo, dentro de um fluxo internacional temporal e comunicacional, que ao reproduzir-se no atendimento dos desejos subjetivos, do turista, de diversão e imaginário construídos na aventura do cotidiano, reproduz ideologicamente “doces desterritorializações” (expressão de Boudrillard) (MOESCH, 2004, p. 485-486).

É esse o sujeito da pesquisa, o “turista-migrante” é um ser que experimenta, que coloca em prática a realização de seus desejos, um sujeito que busca satisfação, prazer.

Uma outra maneira de dar ao turismo um enfoque social é percebê-lo à luz da sustentabilidade ambiental, observando a participação do sujeito nessa relação. Um debate acerca das motivações à viagem e das relações entre a população nos destinos e os turistas aponta que “hoje, o mundo inteiro começa a falar dos custos e dos benefícios do turismo para a economia, o meio ambiente e a sociedade, quando antigamente se tratavam apenas das vantagens e das questões econômicas” (KRIPPENDORF, 2000. p. 101). O autor tece uma crítica com o que se pensava sobre o turismo sobretudo nos anos 60 e 70 do século passado e a mudança do pensamento a partir dos anos 90, quando, segundo ele, houve uma tomada de consciência por parte da opinião pública. Nesse período, surgiram movimentos de protestos em algumas localidades que se manifestaram contra um turismo desenfreado e conduzido de



maneira inadequada ou irresponsável. Krippendorf (2000) chama isso de *revolta dos autóctones*. Ele acredita num turismo diferente, que se movimenta por meio de algumas forças. Para o autor, “os meios envolvidos começam a compreender que uma economia que se apoia apenas no setor turístico é muito mais frágil que uma economia multissetorial” (KRIPPENDORF, 2000. p. 104). Nesse sentido, segundo ele, há uma busca por “outras possibilidades de desenvolvimento além do turismo”.

Muitas são as regiões turísticas no mundo onde foi introduzido o processo gerador de uma política do turismo, nova e diferenciada. Desde então, as populações locais vêm esforçando-se para, pouco a pouco, ter de volta a soberania no que se refere às decisões importantes. Com o passar do tempo, elas vão tomar das operadoras estrangeiras o poder decisório que detêm no mercado do turismo (...) Não obstante, essa tomada de consciência está longe de se traduzir, em todos os lugares, pelos fatos. (...) A população local está no caminho certo, desenvolvendo seu próprio ponto de vista e sua própria escala de valores. Mais ou menos no longo prazo, os novos conceitos do turismo vão se impor de maneira geral (KRIPPENDORF, 2000, p. 101).

O autor se intitula como um otimista ao apresentar outra força, que dificilmente acontece de maneira rápida por exigir maturação, mas que traz em si um turismo emancipador. Experiência e educação proporcionariam o amadurecimento necessário e esse novo turista passaria de manipulado para emancipado, transformando-se em um *consumidor crítico* em todos os espaços que frequentasse. É muito interessante associar a experiência ao amadurecimento, que é mais comumente agregado à educação. Nesse sentido, a experiência não deixa de ser um dos aspectos da educação, mas da educação informal.

A experiência é subjetiva e, mesmo quando alcança um coletivo de pessoas, permanece individualizada. O sujeito turista que se torna migrante é um ser que experimenta, talvez sobretudo o desconhecido. É um turista que pode querer buscar uma experiência com o desconhecido que, de alguma maneira, pode vir a representar algo que faça com que ele queira ficar, ou com que não queira voltar. Sim, a opção de fixar-se no Brasil também poderia ser muito mais uma negação ao retorno que uma necessidade da permanência. Porém, essa recusa a voltar não foi observada nas entrevistas realizadas, pelo menos não desta forma.

Ora, então a partir do pensamento de que é possível a um turista comum passar por uma mudança e tornar-se mais crítico, também a educação e sobretudo a experiência poderiam suscitar a transformação desse turista em migrante? Ou ainda, seria o turista já transformado, já crítico o que passa pela metamorfose e opta por ser exclusivamente um

migrante no destino Brasil? Com relação a essa questão de pesquisa, algumas das entrevistas de maneira geral demonstraram que não exatamente o turista se tornou mais crítico e por isso resolveu ficar, mas encontrou no Brasil potencial, por meio da educação, para desenvolver ainda mais sua crítica. Foi o potencial e não a capacidade crítica que, somado a outros fatores, incentivou o turista a ficar. Então, as oportunidades de estudo no Brasil, com ou sem bolsa, foram parte da motivação para que uma quota dos entrevistados e entrevistadas passasse pela metamorfose.

Suzana Gastal (2004) parte de uma análise do turismo atrelada ao nascimento do Iluminismo, quando do surgimento de novas áreas do saber. A autora também comenta que a valorização da transdisciplinaridade como método permite releituras, novos debates, diferentes pesquisas. Para ela, o turismo faz parte dessas novas reflexões.

A autora afirma que “o turismo é um fenômeno que se organiza de fato no século XX, quando os deslocamentos são organizados maciçamente na forma de produtos colocados no mercado como produtos a serem comercializados” (GASTAL, 2004, p. 134). E aponta que antes o turismo era tratado de maneira romantizada, como um impulsionador da paz entre os povos. Paz esta que viria por meio da fraternidade, por sua vez atrelada ao exercício de liberdade e de prazer nos encontros proporcionados pelo turismo.

A partir de 1990, segundo Gastal (2004), é que o turismo foi visto mais como um fenômeno que continha aspectos sociais e culturais. Ela indaga se não seria o turismo a ciência do século XXI, assim como no século XX foram a Ecologia e a Comunicação. A partir desse questionamento, reflete sobre o papel do sujeito, que ela chama de “humano” nos imaginários (pensando esses como paradigmas), bem como sobre o objeto do turismo, que ela aponta como “instigante”.

Essa questão vincula-se diretamente à constituição do objeto do turismo, que poderá tanto se constituir em torno daquela pessoa que se desloca, como em torno dos deslocamentos e das estruturas que ele demanda; ou a partir da máquina, ou dos imaginários sobre o deslocamento, sobre a pessoa que se desloca com auxílio da máquina, sobre o turismo em presença da máquina etc (GASTAL, 2004, p. 135).

A autora afirma também a exigência do turismo por uma concepção mais holística, assim como a ecologia, e ressalta a importância de o turismo assumir a sua transdisciplinaridade. Aqui, é perceptível o quanto o pensamento de Gastal (2004) coaduna com o que já foi relatado a respeito das análises de Krippendorf (2000). Essa pesquisa acerca

do “turista-migrante” também pactua com tais estudos, pois entende que a abordagem mais holística e mais ecológica consegue compreender de forma mais estendida o turismo, facilitando sua análise na perspectiva de um sistema, ao mesmo tempo que também descortina uma visão que não percebia ou subestimava a participação e atuação do sujeito.

O geógrafo Antônio Carlos Castrogiovanni (2002) também trabalha conceitos e questões relativas ao turismo sustentável, a fim de propor formas deste que sejam menos destruidoras do meio ambiente e de identidades, e também faz relações sobre como a Geografia pode auxiliar o turismo nesse sentido.

O espaço turístico pode ser analisado sob diferentes orientações, como o espaço do emissor/lugar onde vive o turista, o espaço do receptor/lugar que o turista busca e o espaço intermediário, ou seja, o entre-espaço ou entre-lugar turístico. Em todos eles o turista interage, de forma diferenciada com mais ou menos espontaneidade, com diferentes fenômenos, mas sempre interferindo em sua (re)organização (CASTROGIOVANNI, 2002, p. 64-65).

Mais uma vez é trazida a questão da multidisciplinaridade que, para o autor, está contida no turismo por sua característica de ser um fenômeno social. Nessa perspectiva, são propostas contribuições da Geografia ao Turismo, sobretudo com relação ao espaço turístico. “É latente a visão de que o turismo deva trazer o desenvolvimento socioespacial justo e harmonioso” (CASTROGIOVANNI, 2002, p. 67).

A fala de Castrogiovanni (2002) pode ser transportada para a questão da migração, tendo em vista que o migrante também interage no espaço que o autor denomina “entre-lugar turístico”. E, de igual forma, é possível relacionar esse viajante com o lugar de onde saiu, ou seja, o espaço emissor, além do espaço receptor e do lugar intermediário. A metamorfose do turista em migrante inicia-se em meio a relações contidas nessa tríade espacial descrita pelo autor. O entre-lugar turístico de Castrogiovanni (2002) assemelha-se ao “entre-lugar” de Bhabha (2003), que são as bordas, as fronteiras onde ocorrem transformações e movimentos de empoderamento que culminam com o surgimento de algo novo, porém não descolado do que se tinha antes. Um espaço onde pode surgir um híbrido cultural, no sentido de conter relações e ressignificações, além de descontinuidade temporal, tendo em vista que mistura passado, presente e futuro.

A ideia de espaço turístico feita por Castrogiovanni (2002) remete também à hospitalidade. Como esse espaço pode ser o do emissor e também o do receptor, ele é o espaço do encontro entre os dois. E a maneira em que se dá esse encontro é fundamental nesse

processo do fenômeno social. A interação do turista vai existir de qualquer forma, mas é a interação dele em contato com a hospitalidade, em especial na forma de acolhimento, que pode ser determinante na sua experiência. Em especial se essa relação for observada a luz do objeto dessa pesquisa. Ou seja, talvez seja na experimentação do ser acolhido que o turista faça a metamorfose e tornar-se migrante no Brasil. Essa hipótese mostrou-se factível por meio da análise das falas de alguns dos entrevistados.

Por fim, em uma abordagem um pouco diferenciada e que ao mesmo tempo tangencia o aspecto social do turismo, Álvaro López Gallero (2004) pontua, ao tratar do que ele chama de lugar e *não-lugar* do turismo, que para além dos benefícios ligados à geração de renda, o fenômeno remete a uma satisfação de um direito humano, qual seja, “o de entrar em contato com a natureza, os lugares, a cultura e as pessoas de outros lugares” (GALLERO, 2004, p. 36).

Chama a atenção o fato de que há, nessa perspectiva, o tratamento do turismo como um direito humano. De fato, se for mesclada essa afirmação de Gallero (2004) com a legislação que trata desse tema, é plenamente possível enxergar sim o turismo como um direito humano. E aqui, vale um pouco fazer esse exercício, mesmo que de forma mais breve e superficial, qual seja, citando somente algumas normativas.

### **1.1. O turismo como um direito humano e algumas reflexões acerca das questões intrínsecas à transformação do turista em migrante**

Para que possa ser feita uma relação entre Turismo e Direitos Humanos, é preciso recorrer a Declaração Universal de Direitos Humanos, proclamada em Paris, na Assembleia Geral das Nações Unidas no ano de 1948. Segundo site próprio, a Declaração é o documento mais traduzido do mundo. Então, é possível imaginar sua relevância, alcance e impacto. Nesta norma, inspiraram-se várias outras, de igual importância, como por exemplo, a Convenção da ONU de 1951 sobre Refugiados e seu Protocolo (1967).

A universalidade dos direitos humanos se manifesta de forma tácita na Declaração por meio de trinta artigos no total. Dois deles merecem especial destaque nessa pesquisa:

#### **Artigo XIII**

1. Todo ser humano tem direito à liberdade de locomoção e residência dentro das

fronteiras de cada Estado

**Artigo XXIV**

Todo ser humano tem direito a repouso e lazer, inclusive a limitação razoável das horas de trabalho e a férias remuneradas periódicas (DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS, 1948).

Como se pode deprender dos artigos acima, aspectos do turismo como a liberdade de locomoção, o repouso e o lazer são direitos, e direitos humanos. Devem ser garantidos a toda população. Por mais que lazer e repouso estejam conectados a horas de trabalho e férias remuneradas, o artigo deixa claro por meio da palavra “inclusive” que não são só essas as manifestações desses direitos. Mesmo que não cite outras formas de lazer e repouso, entende-se que a Declaração as contempla. Lazer e repouso das férias escolares, por exemplo, que não necessariamente tem vínculo laboral e remunerado. Não será aprofundada aqui tal relação, pois não faz parte direta do objeto de pesquisa. O importante é tão somente destacar que o ser humano tem direito ao repouso e ao lazer e que são ambos são categorias ligadas ao turismo. Vale ressaltar que a liberdade de locomoção também é característica da migração e esta é mencionada em legislação que trata exclusivamente do tema.

A Declaração é uma lei internacional, e como tal, é incorporada às legislações internas de cada país. Geralmente, as constituições nacionais procuram trazer em seus artigos os princípios contidos na Declaração. Mas existem também as leis específicas de cada país. No Brasil, por exemplo, além da Constituição de 1988 conter vários dos princípios expressos da Declaração dos Direitos Humanos, a legislação complementar à essa lei máxima do país também os contempla.

Um dos exemplos disso é que foi aprovada pelo Congresso Nacional em abril de 2017 e sancionada com alguns vetos pelo atual Chefe do Executivo em maio do mesmo ano a chamada Lei de Migração, que substituiu o antigo Estatuto do Migrante. Trata-se de uma nova legislação, muito mais próxima dos direitos humanos que a anterior (adotada durante a ditadura militar), que tratava o migrante como uma ameaça ao país. É mais coerente com os direitos humanos, dentre outros aspectos, porque desde sua concepção essa lei foi muito discutida pela sociedade civil, tanto que muitos de seus artigos foram sugestões enviadas ao Congresso por representantes de entidades e associações de estrangeiros. Além disso, para comprovar a importância da participação social nesse contexto, no final de 2016 foi lançada nas redes sociais pela Conectas Direitos Humanos uma campanha contendo um abaixo-assinado intitulado “Deputados, ponham fim à discriminação contra migrantes” para que esse projeto, que à época havia sido aprovado na Câmara dos Deputados, fosse aprovado o mais

urgente possível no Senado. Com esse manifesto da Conectas e também pelas diversas manifestações da sociedade civil organizada que ocorreram e ainda ocorrem, ficou claro que há a esperança de que a nova lei diminua a discriminação contra os migrantes. A lei também criminaliza a xenofobia, o que exprime mais uma conexão dessa normativa com os direitos humanos e que representa um avanço na proteção aos migrantes.

Como diferenças fundamentais da Lei da Migração para o antigo Estatuto do Estrangeiro tem-se que hoje, por exemplo, o migrante tem o direito de participar de manifestações políticas e de pertencer a sindicatos, o que antes era legalmente reprimido. Por outro lado, foram considerados retrocessos os vetos presidenciais no que tange à livre circulação dos indígenas nas fronteiras, bem como à anistia das pessoas migrantes que apresentavam situação irregular até 2016.

A Lei nº 13.445, de 24 de maio de 2017, que institui a Lei de Migração, traz alguns conceitos, a saber

**Art. 1º** Esta Lei dispõe sobre os direitos e os deveres do migrante e do visitante, regula a sua entrada e estada no País e estabelece princípios e diretrizes para as políticas públicas para o emigrante.

§ 1º Para os fins desta Lei, considera-se:

I - (VETADO);

II - imigrante: pessoa nacional de outro país ou apátrida que trabalha ou reside e se estabelece temporária ou definitivamente no Brasil;

III - emigrante: brasileiro que se estabelece temporária ou definitivamente no exterior;

IV - residente fronteiriço: pessoa nacional de país limítrofe ou apátrida que conserva a sua residência habitual em município fronteiriço de país vizinho;

V - visitante: pessoa nacional de outro país ou apátrida que vem ao Brasil para estadas de curta duração, sem pretensão de se estabelecer temporária ou definitivamente no território nacional;

VI - apátrida: pessoa que não seja considerada como nacional por nenhum Estado, segundo a sua legislação, nos termos da Convenção sobre o Estatuto dos Apátridas, de 1954, promulgada pelo Decreto nº 4.246, de 22 de maio de 2002, ou assim reconhecida pelo Estado brasileiro.

§ 2º (VETADO). (BRASIL, 2017).

Tais termos dialogam muito mais com as questões de direitos humanos que os termos contidos na antiga lei, que inclusive utilizava a palavra “estrangeiro” em seu título. Esse é um ponto alto da nova lei: a sociedade caminhou rumo à aceitação do estrangeiro em seu território e isso culminou com a elaboração e promulgação da lei. Ainda existe uma resistência a isso, mas foi uma vitória a aprovação de uma normativa mais humanizada.

É preciso romper com a não aceitação do diferente, é preciso entender o outro como parte, é preciso deixar conviver com menos preconceito, é preciso lidar com o estranhamento

de forma diferente, com menos medo e repulsa. Talvez a Lei da Migração proporcione um aumento no número de “turistas-migrantes” a partir de uma maior aceitação do próprio migrante.

No inciso I, que foi vetado, havia a definição de migrante. As razões do veto estão da seguinte forma explicadas:

“O dispositivo estabelece conceito demasiadamente amplo de migrante, abrangendo inclusive o estrangeiro com residência em país fronteiriço, o que estende a todo e qualquer estrangeiro, qualquer que seja sua condição migratória, a igualdade com os nacionais, violando a Constituição em seu artigo 5o, que estabelece que aquela igualdade é limitada e tem como critério para sua efetividade a residência do estrangeiro no território nacional” (BRASIL, 2017).

Pelo visto, como houve o veto, foi considerado que imigrante é o termo legal adequado. Agora é esperar a reação e adaptação da sociedade como um todo a tal imposição legal, tendo em vista que outras legislações trazem a palavra migrante e a sociedade civil organizada também utiliza essa palavra. Também será interessante (não para essa pesquisa, é claro, mas para futuros estudos do turismo) observar como a aplicação da lei poderá impactar nos custos, tramites e prazos dos novos vistos (compreendendo-se aqui por “novos vistos” os que forem concedidos após a entrada da lei em vigor).

O uso do termo migrante foi a opção escolhida pela pesquisadora para o trabalho aqui dissertado. Ao observar as razões do voto, é possível justificar a utilização dessa palavra, exatamente pela amplitude da mesma. Migrante abarca o imigrante e o visitante, ambos mantidos nos incisos legais. A opção pela palavra também pela presença da mesma na legislação internacional e por “migrante” remeter a qualquer cidadão de outro país que luta por seus direitos, seja dentro do território brasileiro ou em qualquer parte do mundo.

Migrante é uma palavra que tem muito significado e importância, que vai além de uma definição jurídica. Ela é uma palavra que empodera a partir do momento que coloca o cidadão que migra inserido em princípios e direitos que são transnacionais e que são protegidos por grandes organismos internacionais, como a Organização das Nações Unidas, por exemplo. Assim, usar a palavra migrante é uma forma de luta ou de fortalecimento de uma luta.

Chama a atenção a palavra *visitante* proposta nos termos da lei, pois ele diferencia o imigrante do visitante, como pode-se observar nos incisos II e V. Enquanto o imigrante é

alguém que se estabelece temporária ou definitivamente em território nacional, o visitante é descrito como alguém que não tem pretensão de se estabelecer no Brasil, nem temporariamente. Por esse ângulo, é possível perceber a diferença legal, não conceitual ou científica, entre imigrante e visitante, sendo que este segundo pode ser comparado ao turista<sup>2</sup>.

Diante disso, sobressaem algumas dúvidas: Seria somente o visitante quem representa legalmente o turista e estaria assim sendo diferenciado pela lei? Então o imigrante não pode ser considerado um turista de acordo com essa nova lei? Já que a palavra turista não consta do projeto, é possível inseri-la em um ou mais conceitos ou inferir que ela está neles contida? São dúvidas que infelizmente só poderão ser sanadas após um maior entrosamento da lei com seu uso, tendo em vista que faz pouco tempo que a mesma entrou em vigor. Resta saber também se ela irá provocar um *efeito dominó* e gerar alterações em outras normativas no Brasil, pelo menos no que tange a retirada da palavra “estrangeiro” das demais leis em vigor.

Uma outra norma, o Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940, não contém a palavra migrante. É o Código Penal brasileiro, que traz tipificações legais e punições para estrangeiros. Pela data que entrou em vigor, anos antes do antigo Estatuto do Estrangeiro, esse Código também reflete o preconceito que existia à época.

Por falar em criminalidade, alguns aspectos dela fazem com que os olhos do mundo se voltem para a migração. Por mais que seja um fenômeno que sempre ocorreu, hoje a sua dimensão não escapa do cotidiano de jornais, sites, revistas e outras mídias, sobretudo por conta dos refugiados e pelo comportamento e atitude de alguns estadistas com relação ao tema.

O Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime (UNODC), em seu sítio, conceitua o tráfico de pessoas e contrabando de migrantes, além de expor a diferença entre ambos. O primeiro acontece com uso de força ou outras formas de coerção com o fim de haver o controle de uma pessoa sobre a outra, que é explorada. O contrabando, por outro lado, caracteriza-se pela facilitação ilegal da entrada de migrantes em um país que não é o de sua nacionalidade. Mas no contrabando de migrantes há um consentimento por meio do conhecimento da ação que será realizada, e no tráfico de pessoas tais condições são irrelevantes, ou seja, não importa que haja consentimento tendo em vista que o mesmo foi

---

<sup>2</sup> “As Nações Unidas, em 1961, ao recomendarem na conferência de Roma, sobre viagens e Turismo definiram “visitante e “turista” para uso na compilação de estatísticas internacionais, as quais foram aprovadas em 1968 pela União Internacional de Organizações Oficiais de Viagem (atualmente a Organização Mundial do Turismo)” (MOESCH, 2004, p. 446).



obtido por meio de engano. Além disso, o contrabando tem um fim, que é a chegada do migrante no destino. De seu lado, o tráfico de pessoas não termina por conta da exploração se caracterizar como algo de forma continuada.

Não resta dúvida de que ambos os crimes são atividades rentáveis para quem os pratica e depreende-se que movimentam, de certo modo, uma indústria paralela, pois há um enorme fluxo de dinheiro envolvido. E percebe-se, na ausência do respeito aos direitos humanos, a conexão que existe entre eles e a migração.

O enfrentamento a essas formas de exploração remete aos direitos humanos, diariamente invocados quando a migração é vista sob o ângulo desses crimes. Assim como direitos humanos são chamados à ordem quando, por outro lado, proibir a migração como um todo torna-se uma “desculpa” para o combate à criminalidade contida em parte dela.

Feito esse *tour* pela legislação, que de certo modo demonstra a possibilidade da interdisciplinaridade do Turismo com o Direito, é possível reaver o debate acerca do turismo exatamente nesse aspecto de suas relações com outras disciplinas. Para tanto, será retomado o tema espaço, uma das categorias fundamentais para a Geografia e que também tem na sua compreensão um passo importante para o mergulho na transmutação do turista em migrante.

Castrogiovanni (2002, p. 62-63) fala sobre o espaço e também relaciona aspectos dele com o turismo

O turismo é um fenômeno que, em última análise, consiste numa constante migração temporária, que gera riquezas pois produz e consome produtos. O turista é aquele que se desloca temporal e voluntariamente para fora de seu lugar de residência habitual, com ou sem motivos de recreação, sem incorporar-se ao mercado de trabalho do lugar de destino. O turismo é uma atividade nascida do espontaneísmo.

Interessante notar que o autor trata o turismo como uma *migração temporária*. Ele expõe uma certa motivação e depois pauta a questão da não incorporação ao mercado de trabalho. É possível extrair desse pequeno trecho uma primeira diferença, somando-o à legislação já apresentada, que talvez auxilie no problema de pesquisa. Se o turista é conceitualmente um migrante temporário, como comenta o autor, uma das coisas que faz com que ele se torne um migrante permanente, se assim pode-se dizer, é o fato de estabelecer atividade remunerada no destino, conforme categoriza a Lei de Migração? Uma outra relação que pode ser feita com a questão temporal é ligar essa migração descrita pelo autor ao turista que recebe o visto temporário para estudar no Brasil, por exemplo. Esse turista não necessariamente exerce atividade laboral, então ele está automaticamente excluído da

migração temporária? Todas essas questões passam pelo fato do turismo estar, de forma errônea, descolado da possibilidade de o turista exercer atividade remunerada no destino. É fato que não necessariamente o turista deve trabalhar, mas caso ele queira “fazer bicos”, por exemplo, isso não tira dele a qualidade de turista. Ao conectar essa questão com o objeto de pesquisa, surge outra possibilidade que adiante será examinada, que é o fato do turista tornar-se migrante no destino por conta de ter conquistado um emprego fixo interessante. Ressalte-se que em tese um turista não necessariamente precisa de um emprego, diferentemente de um migrante que fixa residência no Brasil e precisa de recursos para sobreviver aqui.

O debate acerca do estrangeiro é importante, pois revela o estranhamento, o contato com o outro, o que, por sua vez, tem a ver com a hospitalidade. Além da categoria migrante, fluxos e fixos também são fundamentais para a análise das entrevistas e seu diálogo com o referencial teórico do estudo aqui proposto, onde fluxo caracteriza o próprio turismo e fixo pode ser representado pela própria hospitalidade, por exemplo, sobretudo em seu momento de acolhimento.

Elias (2002) refere-se a esse debate sobre fluxos e fixos como parte de uma teoria crítica da geografia desenvolvida por Milton Santos, geógrafo que propôs uma nova reflexão para essa ciência, contribuindo para a sua epistemologia. Houve, a partir das obras de Santos, segundo a autora, inovação na forma de pensar a geografia, provocando polêmicas que até hoje produzem discussões qualificadas entre especialistas da área. Em especial na questão dos fluxos e fixos, que é o que interessa para essa pesquisa, o geógrafo valorizou, dentre outros, a tecnologia e a informação como fatores impulsionantes das mudanças que ocorrem na vida humana e que, ao mesmo tempo, operam alterações no espaço. O espaço para ele é considerado uma instância social.

Como fluxos e fixos estão o tempo todo se encontrando, se movimentando, se construindo e desconstruindo, inspirados neles serão feitas algumas das relações entre as histórias relatadas pelos entrevistados e entrevistadas e a teoria aqui desenvolvida.

Do mesmo modo, estranhamento e acolhimento, aqui visto como uma das manifestações da hospitalidade, também auxiliarão nos encontros proporcionados entre teoria e relatos. Para Bhabha (2003), o estranhamento é como uma sombra que não necessariamente acomete o ser humano que está fora de casa. O deslocamento fronteiriço hoje provoca uma mistura entre público e privado, e, dentro desse estranhamento, acontecem outras relações, como entre culturas, por exemplo. Derrida (2003) também trata dessa hostilidade quando cita

Benveniste e sua menção a *hostis*, “especialmente a partir de duas derivações latinas: o estrangeiro (*hostis*) recebido como hóspede ou como inimigo. Hospitalidade, hostilidade, *hostipitalidade*” (DERRIDA, 2003, p. 41). E, mencionando algumas das invenções da modernidade, como o e-mail, ele questiona o fato de algumas fronteiras se sobreporem à hospitalidade, visto que o estar em casa hoje alcança espaços para além do lar físico.

As histórias dos “turistas-migrantes” também fazem intersecção com a identidade e a representação.

A interpretação individual sobre situações ou ainda sobre determinado objeto diante dos significados desses para um grupo ao qual o indivíduo pertença ou conviva dá sentido à representação, que é social. Nesse sentido, a representação, presente na transformação do turista em migrante, está em constante diálogo e pode ser melhor compreendida com a análise da identidade.

A identidade deve ser compreendida como algo sempre em construção e que não atinge a sua completude por mais que o ser humano tenha como norte tornar-se pleno. Deste modo, é uma fantasia humana imaginar que um dia estará pronto, que um dia se encontrará e se reconhecerá de maneira absoluta. Essa plenitude é fictícia, segundo Chambers (1994).

Molina (2004) não descarta esse processo de constante composição da identidade e analisa essa questão relacionando-a com o turismo, tanto contemplando as modificações que este confere àquela quanto observando a autonomia que o fenômeno turístico proporciona à identidade. Para ele, a globalização provocou descontinuidades, mudanças, transformações e a fragmentação da identidade.

No turismo, tratando-se de destinos e da sua oferta, adverte-se para uma busca de identidade – de uma ou de várias identidades simultâneas – através das expectativas de demanda. E esta é altamente mutante, dinâmica e volátil. Passa da prática de férias convencionais à busca de novas experiências, de grandes períodos de férias pré-estabelecidos em uma época do ano a várias férias em um único ano (,,). O turista passa de uma atitude passiva, de aceitar o que lhe vendem e de praticar o que lhe sugerem, a decidir por si próprio e a selecionar atividades de seu interesse. Surge, assim, o turismo ativo. (MOLINA, 2004, p. 27).

A fragmentação da identidade, no sentido dado por Molina (2004) sob a luz da análise da globalização, tem relação com a constante busca do ser humano pela identidade plena ou completa. Sob a ótica apresentada pelo autor, é possível perceber que o turismo também se coloca nesse contexto de uma contínua formação de identidade, que, por sua vez, é atrelada às

chamadas identidades voláteis dos seres humanos. Essa construção passa pela questão do território que, assim como as identidades, vem sendo modificado e transformado com a globalização. Há, por conseguinte, uma alteração no sentido de lugar. E, de seu lado, isso também impacta na ressignificação das identidades. Tal questão também pode ser percebida no fenômeno da migração.

No contexto da globalização, em especial nos locais de expressiva diáspora ou migração, pode ser percebida a característica da disputa de poderes contida na questão da identidade, tendo em vista que um indivíduo ou determinado grupo quer se sobrepor com relação ao outro. Isso é notório quando se trata do fundamentalismo religioso, por exemplo, ou mesmo de genocídios cometidos ao longo da história da humanidade.

É possível extrair desse debate feito por Molina (2004) a questão do cidadão globalizado, que também será utilizado para auxiliar na análise das relações existentes entre as narrativas dos “turistas-migrantes” entrevistados e a teoria aqui apresentada. Depreende-se que o sujeito globalizado também é aquele que está em um intermitente processo de construção e que, portanto, nunca será pleno. Por outro lado, também não se pode dizer que inexista um cidadão globalizado. Ele é um sujeito que, ao mesmo tempo conecta-se com essa fluidez da territorialidade, do derreter de fronteiras terrestres, com a constante estruturação de sua identidade. Assim, ele é um sujeito antenado com a possibilidade de mudanças, tanto externas quanto internas. É um sujeito que se transforma no mesmo passo em que é transformado.

Então, no caminho da mutação do turista em migrante, encontram-se relações entre seus processos individuais e coletivos, bem como correspondências com questões ligadas a identidade, representação, globalização, estrangeiridade e até mesmo felicidade, dentre outras.

## Capítulo II – Migração e Turismo: relações no contexto da metamorfose

Turismo e migração estão hoje inseridos no contexto dos movimentos da sociedade global. E, por mais que no mundo globalizado seja perceptível o declínio do indivíduo iluminista e um esforço por parte dos detentores do poder em prol de uma homogeneidade, é possível enxergar diferenças e tentativas de emancipação desses sujeitos ou de grupos deles. As tentativas acontecem por meio dos encontros. O turismo é um dos fenômenos que oportuniza tais encontros, em especial de estrangeiros. E, de seu lado, a migração também confronta os indivíduos e, assim, faz com que se percebam diferentes, ou até mesmo estranhos uns aos outros.

O ritmo dos movimentos migratórios é tratado por Giddens quando ele aponta que, por mais que esses não sejam um novo fenômeno, tem se intensificado nos últimos anos. Além disso, ele considera que “os padrões de migração mundiais podem ser vistos como um reflexo dos laços econômicos, políticos e culturais que estão em rápida mudança entre os países” (GIDDENS, 2005, p. 215).

O autor identifica em seus estudos quatro modelos de migração. O primeiro é o que ele chama de modelo clássico, onde há, no país destino, incentivos para receber migrantes. O segundo modelo, que Giddens (2005) denomina colonial, é o tendente a recepcionar migrantes advindos de países originários que foram colônias dos países destino. Um terceiro modelo é o que o autor chama de trabalhadores-visitantes, onde a migração é incentivada exclusivamente com o objetivo de preencher vagas no mercado de trabalho dos países receptores. Ao quarto modelo, ele dá o nome de ilegal e diz que é cada vez mais comum de ocorrer: “os imigrantes que não conseguem entrar em um país, secretamente ou sob um pretexto de ‘não-imigração’, em geral, conseguem viver ilegalmente fora do domínio da sociedade oficial” (GIDDENS, 2005, p. 215).

Vem de longo tempo uma das formas de se compreender o movimento migratório, que é por meio do estudo dos fatores de expulsão e de atração. Giddens (2005) considera as teorias que fazem esse tipo de abordagem como sendo antigas e menciona que há críticas a elas, tendo em vista que dão respostas muito simplificadas a questões tão complexas e com tantos e diferentes atributos. Ele diz que os novos estudos apontam para relações entre processos de macro e de microníveis e assim os explica:

Os fatores de macronível referem-se a questões essenciais, como a situação política de uma área, as leis e as regulações que controlam a imigração e a emigração, ou as mudanças na economia internacional. Os fatores de micronível, por outro lado, dizem respeito aos recursos, ao conhecimento e às interpretações que as próprias populações migrantes possuem.

(...) Os partidários da abordagem dos sistemas de migração enfatizam que não há apenas um fator que possa explicar o processo de migração. Cada movimento migratório particular, como esse que há entre a Turquia e a Alemanha, é, sim, produto de uma interação entre processos de macro e de microníveis (GIDDENS, 2005, p. 2015).

Há, na leitura do sociólogo, outra forma de compreender os movimentos migratórios, que é por meio das diásporas globais, que são as dispersões “em áreas estrangeiras, de uma população étnica que provém de uma terra natal, ocorrendo, na maioria das vezes, de uma maneira forçada ou sob circunstâncias traumáticas”. (GIDDENS, 2005, p. 216). Há uma característica peculiar dos membros das diásporas, que é a de permanecerem unidos e solidários por meio de “uma história em comum, uma memória coletiva da terra natal ou uma identidade étnica comum que é nutrida e preservada”, mesmo que o grupo esteja territorialmente espalhado (GIDDENS, 2005, p. 216). Essa memória é muito importante, tendo em vista que é um dos principais pilares da metodologia utilizada para balizar a escuta e análise das falas dos “turistas-migrantes”.

Giddens (2005) também descreve o que ele considera como sendo uma “nova migração”, quando houve uma abertura das fronteiras entre o leste e o oeste europeus que marcaram a migração de aproximadamente 5 milhões de pessoas. Além disso, nesse período, que o autor aponta entre 1989 (ano da queda do Muro de Berlim) e 1994 e também as passagens de guerra e conflito étnico na Iugoslávia que, de semelhante modo, provocaram uma onda de refugiados no mesmo patamar. Uma outra característica dessa “nova migração” é uma certa afinidade étnica, como foi o caso da migração russa para os novos países independentes após o fim da antiga União Soviética.

Vale destacar que Giddens (2005) é britânico e dedica sua pesquisa mais ao contexto europeu. É interessante extrair de seu estudo que ele menciona muito mais as questões étnicas que as econômicas como geradoras ou impulsionadoras dos movimentos migratórios, como no caso da análise acerca da “nova migração”. Inclusive, ele cita o fundamentalismo como razão principal dos conflitos étnicos mundiais e conclui que um dos maiores desafios da humanidade é a busca por uma sociedade que seja mais cosmopolita.

Com o modelo de migração ilegal que Giddens (2005) aponta, também é possível

dimensionar que a questão econômica sobressalta a ela, tendo em vista que o fenômeno é tratado como uma indústria. Isso porque a ilegalidade na migração gera um certo lucro, o que para alguns caracteriza uma “indústria”, tendo em vista que movimenta mercado próprio, tem organicidade, estrutura, hierarquia e determinado planejamento para funcionar.

Como já foi referido, historicamente no turismo é dada maior ênfase ao seu aspecto econômico e a ele também há referências de ser chamado ou comparado a indústria. Basta observar a visão da OMT – Organização Mundial de Turismo, a agência das Nações Unidas que trata especificamente da temática do turismo. Na aba “Por que o turismo?”<sup>3</sup> (OMT, tradução nossa), por exemplo, dentre outras imagens vê-se o desenho de um carrinho de supermercado acompanhado da seguinte frase: “30% das exportações de serviços”<sup>4</sup> (OMT, tradução nossa). Ao clicar na imagem desse carrinho, abre-se um pequeno texto onde fica claro esse viés de que o turismo é uma grande indústria e que contribui com o desenvolvimento mundial, que experimenta um crescimento contínuo e que impulsiona o progresso. O volume de negócios do turismo é, de maneira positiva, comparado pela Organização com o do mercado do petróleo e de automóveis e isso o torna uma importante fonte de renda para os países em desenvolvimento. A OMT cita nesse texto inicial que a diversificação no turismo tem se aprofundado, bem como a concorrência entre os destinos. Nesse ponto, pode-se perceber que de fato o turismo é considerado pela Organização como fundamentalmente sendo uma indústria, ou um segmento dela. Fala-se em expansão, em divisas, em geração de empregos e outros aspectos. A OMT conclui sua apresentação colocando-se como a agência das Nações Unidas que é dedicada ao turismo a fim de agir e orientar os países em desenvolvimento no sentido de se beneficiarem do turismo.

Percebe-se no texto citado que, por mais que seja mencionada a expressão “progresso socioeconômico”, no desenrolar dos parágrafos, a questão social parece sempre estar embutida na econômica. Ao final é afirmado que a OMT trabalha para o desenvolvimento com enfoque em um turismo sustentável, o que remete o leitor mais uma vez às questões sociais, tendo em vista que atualmente a sustentabilidade é debatida em diversas áreas pensando sobretudo na presença humana atuando no meio ambiente. Mas no detalhe o turismo é tratado como algo rentável, como algo que dá lucro.

A OMT editou uma publicação que trata exclusivamente da temática de turismo e

---

<sup>3</sup> “¿Por que el turismo?”. In: <http://www2.unwto.org/es>. Acesso em: 20 out. 2016.

<sup>4</sup> “30% de exportaciones de servicios”. In: <http://www2.unwto.org/es>. Acesso em: 20 out. 2016.

Migração. Nesse documento, que pode ser adquirido somente se comprado no sítio da organização, ela define algumas questões e, partindo dessas considerações, emite algumas recomendações que merecem ser observadas.

Para a organização, as remessas de recursos feitas pelos migrantes de um país a outro são ferramentas de desenvolvimento e redução da pobreza e que podem, inclusive, serem revertidas em investimentos em infraestruturas no próprio turismo no país de origem, como por exemplo, na base comunitária ou na criação de pequenas empresas para o setor. A título de curiosidade, o FIDA - Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola publicou recentemente que as remessas de imigrantes para suas respectivas famílias residentes nos países em desenvolvimento aumentou em 51% nos últimos dez anos e que isso contribuiu com a diminuição da pobreza nesses locais<sup>5</sup>.

Ainda com foco no desenvolvimento e na redução da pobreza, a OMT também afirma que os governos devem identificar lacunas onde possam priorizar a inclusão da migração nas questões ligadas ao turismo internacional nos países. Aponta que 20% da economia ligada ao turismo tem relação com a migração e que é estimado que cerca de 20% das despesas dos migrantes é com viagem e turismo. Revela que migração e turismo tem potencialidades inexploradas que tem potencial de impactar ainda mais nas economias nacionais.

No sentido de influenciar nos resultados práticos e ações a respeito desse tema, a OMT emite algumas recomendações em sua revista. As recomendações são de acompanhamento das ações que articulem ambas temáticas, de turismo e migração, e versam sobre a participação de cada agente nesse processo, tanto do governo quanto da iniciativa privada, passando também por entidades representativas em geral, como organizações não-governamentais e comunidade internacional, dentre outros.

Aqui vale ressaltar que durante a pesquisa não foram detectadas nas falas dos entrevistados questões ligadas a políticas públicas auxiliares, de apoio ou até mesmo que atravessassem de alguma forma o caminho da transformação do turista em migrante. A hospitalidade pública não aparece nos relatos dos “turistas-migrantes” que foram ouvidos em entrevista e talvez seja esse justamente o motivo da ausência do tema política pública no relato de suas histórias.

Porém, é interessante constar que três dos entrevistados fizeram ponderações bastante

---

<sup>5</sup> A AJUDA que vem de fora. **O estrangeiro**, Florianópolis, 30 jun. de 2017. Disponível em: <https://oestrangeiro.org/2017/06/30/a-ajuda-que-vem-de-fora/>. Acesso em: 05 jul. 2017.



interessantes com relação a migração que perpassam pela temática desta pesquisa. Foram sugestões espontâneas, com base no que eles vivenciam no Brasil. E, exceto uma delas, aconteceram depois da pesquisadora ter desligado o gravador, ou seja, quase que em conversas informais mesmo. Por mais que não haja a transcrição, as sugestões foram anotadas pela pesquisadora no dia em que foram feitas, para que não se perdessem. A identificação dos autores das falas, mesmo que por codinome, serão preservados, em respeito ao sigilo. O primeiro disse, em resumo, que é preciso melhorar a questão do visto para estudantes. Falou que é complicado para um estudante de fora estar aqui com bolsa e ser obrigado a renovar o visto todo ano e pagar cerca de R\$ 500,00 (quinhentos reais) por ano. O prazo para a renovação do visto deveria acompanhar o mesmo período de validade da bolsa recebida por este estudante. Um outro entrevistado disse que é preciso mudar a questão de que no Brasil para tudo se pede o CPF, seja para comprar passagens aéreas ou para usar aplicativo de compartilhamento de bicicleta. Os estrangeiros que estão aqui acabam tendo que fazer algo não muito legal que é usar CPF de terceiros pra poder fazer algumas aquisições ou acessar aplicativos em geral. Ele completou dizendo uma coisa até engraçada. Pediu à pesquisadora para abrir um tipo de “puxadinho” na dissertação para falar isso. Foi divertida essa fala, principalmente por causa da expressão entre aspas usada por ele, que demonstra de fato um grau de integração com o Brasil. Um terceiro participante da pesquisa falou sobre a validação de diploma no Brasil ser muito complicada. Deixa claro que não considera isso uma discriminação, mas que é um problema sério enfrentado pelos migrantes que já chegam ao Brasil tendo cursado faculdade em seus países de origem.

Com relação ao tratamento como uma indústria, essa questão, como já dito, perpassa tanto o turismo quanto a migração. Mas no caso da migração, trata-se de uma conotação pejorativa por estar relacionada às ilegalidades que podem acontecer em alguns casos, como o deslocamento não consentido que envolve crime e que pode ser representado pelo tráfico de humanos e também pelo contrabando de migrantes. Há uma dificuldade vivida por estrangeiros para o ingresso em alguns países escolhidos como destino e, de maneira proporcional, a fim de dirimir tais empecilhos, geralmente legais, há um *comércio* oculto paralelo que foi criado para facilitar essa entrada. São formas de comércio ilegal que geram muito lucro e que não proporcionam ou dificultam a acolhida no destino.

Um contraponto a esses casos de total ausência de acolhimento é a análise feita por Silvana Pirillo Ramos (2003), que estuda as relações entre hospitalidade e migração por meio

da situação de brasileiros que migraram para o Canadá

A viagem é o primeiro passo para que o indivíduo se torne um imigrante. Ao planejá-la, ele não concebe o que significa passar de viajante a imigrante no atual contexto. Ele, quase sempre, não tem a dimensão do que significa tornar-se “o estrangeiro”. A viagem é minuciosamente gestada como um grande plano de transformação, uma meta, um movimento de busca de tudo o que, ao longo da vida, se perdeu, e também de tudo o que jamais se pode ter.

Trata-se de um trajeto feito de angústias, de sofrimentos, de inseguranças, mas também de emoção, de aventura e de muita coragem. Tornar-se um imigrante brasileiro em terras estrangeiras é um risco de ingresso em um processo de grandes perdas, mas também uma grande aposta que pode culminar na emoção de múltiplas vitórias (RAMOS, 2003, p. 44).

A autora analisa, de certa forma, o inverso do que esta pesquisa investiga. Seu objeto são os brasileiros que deixaram o país, enquanto que nessa pesquisa são estudados os estrangeiros que chegaram no Brasil. Porém, há essa proximidade e afinidade em relação à viagem, ao planejamento dessa viagem, que são características do turismo e que também podem ser da migração.

Assim como a viagem pertence aos mundos da migração e do turismo, ambos fenômenos também proporcionam o encontro, o contato com o estrangeiro.

## **2.1 Ser estrangeiro: o estranhamento em relação ao outro e em relação a si mesmo**

À primeira vista, o estrangeiro transmite a ideia do medo, de um medo ligado ao desconhecido. Se não conhece, não sabe lidar, não sabe que reações ele pode ter e nem as que podem causar a alguém. Isso ocasiona um certo desequilíbrio, uma ausência de noção dos limites próprios e dos limites do outro. E talvez sejam essas as sensações que também causam atração pelo estranho. A vontade de desbravar, de explorar o desconhecido sempre foi natural ao ser humano. O estrangeiro, assim, reúne ao mesmo tempo atração e repulsa, ou seja, ambos sentimentos convivem como que em construção e desconstrução a todo tempo.

O intruso geralmente não foi convidado, ele chega ou entra sem o aval ou o consentimento do outro, que é quem o recebe. Esse estrangeiro é mais fácil de ser percebido. Quiçá seja este o motivo pelo qual hoje seja tão visível o preconceito contra o estrangeiro. Mas o que dizer de si mesmo, quando o intruso está em você mesmo?

Para Jean-Luc Nancy (2000) o estrangeiro nunca perde sua característica de intrusão,

de *desarranjo e perturbação na intimidade*. Assim, acolher o estrangeiro é acolher também a sua própria intrusão. O autor escreve a respeito do tema após receber a notícia médica de que deverá passar por um transplante de coração. Os debates sobre o estrangeiro, então, são suscitados a partir da reflexão acerca da questão dele conter dentro de si um órgão que, sendo seu, é preciso ser trocado para que, assim lhe seja “devolvida” a vida. Como o coração natural não lhe servia para as funções necessárias, ele discorre que o seu órgão é para si um estrangeiro, por não se fazer presente.

Jean-Luc (2000) indaga, inclusive, sobre representação diante do fato do seu próprio coração, como ele mesmo diz, o estar desertando por vontade própria e que, caso desfalecesse, perderia a estrangeiridade e devolveria o autor para si mesmo.

Interessante notar a volta que a noção de estrangeiro dá por meio dessa abordagem. A estrangeiridade não vem de fora, ela surge de dentro. O coração do autor é estrangeiro, está dentro e isso invade o pensamento. Ao falar do próprio coração, o autor de forma quase poética diz: “um coração que só bate pela metade, só é pela metade meu coração. Eu já não estava mais em mim” (NANCY, 2000, p. 8).

Cleber Ferreira (2017), um dos entrevistados, relata que teve muita dificuldade no início, quando veio para o Brasil, principalmente por conta da língua, por não poder falar com ninguém. Mas contou também que já sabia de algumas dificuldades que passaria com relação a ter amigos aqui.

*“E ahm, então, até hoje eu sinto um pouco estranh... estranh...estranhado, como você valou [Cleber dá uma risada após dizer isso]. Ahm... isso é um pouco... um desafio. Mas no outro lado, isso... uma das razões... porque eu... Então, quando eu mudei pra cá eu já sabia disso um pouco, ahm, eu já conhecia a cidade. (...) Mas... ehm, eu já sabia pelo menos que a cultura é diferente e não necessariamente eu vou ficar tão feliz com os meus amigos daqui. É... Mas eu sabia também que eu já conheci muitos gringos que moram aqui, e... assim... já tinha”. [nesse momento chega um homem que está fazendo uma obra na casa de Cleber e ele apresenta o rapaz. Cleber também serve um café que estava fazendo, dá água e fala algumas coisas com o rapaz sobre a obra e isso acaba interrompendo esse trecho da conversa].*

Nesse sentido, a intrusão interna, de certo modo, já pertencia a Cleber Ferreira. Ele já tinha interiorizada a sua estrangeiridade por conta de antemão já saber de algumas questões culturais que haviam no Brasil e que ele teria que enfrentar.

Jean-Luc (2000) expressa vários questionamentos, inclusive com relação a sua sobrevivência, a respeito de existir ou não a necessidade de não morrer, que passa, segundo ele,

pelas questões de justeza e justiça. “Isolar a morte da vida, não deixar uma intimamente trançada com a outra, cada uma fazendo intrusão no coração da outra, eis aqui o que nunca se deve fazer” (NANCY, 2008, p. 13).

Assim, a dicotomia vida e morte se apresenta como estrangeira, e de igual forma a revolta e a aceitação que as cerca também são estrangeiras. O autor, aliás, discorre acerca de uma série de estrangeiridade, para além do seu coração intruso: a decisão de se fazer ou não um transplante, o próprio transplante em si, as consequências do transplante e outras. E, para ele, vida e morte também se comunicam por meio da solidariedade, da fraternidade entre quem doa e quem recebe um coração transplantado. Na morte de alguém se encontra um coração que bate e que pode ser rejeitado pelo corpo de quem vai recebê-lo. O sistema imunológico pode rejeitar o outro e essa intrusão também levar a morte. O corpo, visando proteção, pode atacar a estrangeiridade do novo coração que, por sua vez, ali foi colocado exatamente para proteger o corpo. Por isso o autor em determinado momento afirma que há um intruso dentro dele, assim como afirma ser estrangeiro de si mesmo. São duas coisas diferentes, e o fato de ser estrangeiro em si mesmo e o intruso que tem em si.

Essa questão é muito próxima da análise do “turista-migrante” na perspectiva da identidade e representação, tendo em vista que o migrante que resolveu permanecer no Brasil tem que, o tempo todo, fazer e refazer pactos cujo objeto contratual em comum é a sua identidade, seus símbolos, ora cedendo, ora mantendo o que considera importante. Ele pode ser um estrangeiro para si mesmo quando se apropria de algo que não era culturalmente seu e, por mais que tenha se apropriado, essa “coisa apropriada” sempre lhe será intrusa.

Os locais de negociação são importantes e são citados por Bhabha (2003) como “entre-lugares”, que são exatamente os espaços onde as diferentes culturas se articulam, onde códigos e signos são permutados e surgem novas relações, novas compreensões e até mesmo movimentos de autonomia, emancipação. No sentido de ser um ambiente que abriga transformação, o “entre-lugar” de Bhabha (2003) pode conectar-se ao “não-lugar” de Galleri (2004). Mas as semelhanças não vão tão adiante, visto que o “não-lugar” representa os espaços que passaram por alguma modificação imposta, geralmente ligada ao mercado e que visa o lucro por meio da exploração turística. Então, não há negociação no “não-lugar” como no “entre-lugar”. Um hotel construído em uma praia onde antes haviam somente as casas dos moradores locais é um exemplo de “não-lugar”, onde há perdas significativas de ligação com o território e, com isso, histórias, memórias, e até mesmo identidades são alteradas, segundo o

autor.

Na fala de Rosa Saldanha (2017)<sup>6</sup>, uma das entrevistadas, essa questão é claramente percebida, e aconteceu muito especialmente por ela ser mulher.

*“Eu acho que... no Brasil, por exemplo, eu tive problemas em relação a ser mulher migrante pelos códigos que você emite quando você tá... conversando com um homem. Então, assim, você tá... é... sendo amiga, conversando, mas você não tá dando em cima, nem paquerando, nem querendo que o outro dê em cima. Então, esses códigos de qual que é o limite entre o que tô... disposta a me abrir ou a receber, né... eu acho que é uma questão... por exemplo (...) uma vez eu lembro de ter ido numa roda de capoeira que depois terminou em samba, né, samba de roda e tal... E aí tinha uns caras, né... e eles começaram a sambar muito perto de mim, mas a sambar já... né... Mas, assim, na Colômbia, que eu também já viajei, e tal, também acontecia isso, de você tipo, dançar (...) Só que naquele momento, eu notava... naquela situação, eram dois ou três caras que estavam dançando... e muito perto e tal... e eu me senti invadida. Eu tava delimitando meu espaço porque, como eu não tava de visita como, tipo, na Colômbia fui de visita. Eu tava lá pra curtir, ok, fechou esse parênteses, volto pro Peru onde eu conheço os meus códigos. Eu tava no Brasil onde eu ia ter que reentender esses novos códigos em relação à eu estar sozinha, porque eu não tinha mais uma turma de amigos que me protegesse, essa rede que você conhece o amigo de alguém que conhece não sei quem... Então eu tava lá, né, sem uma rede de proteção. E... e aí os caras... a, quando viram que eu nem sorri e tipo, fiquei exatamente na minha e não quis de forma alguma... uma intimidade mais próxima, assim, é...os caras falaram “não, não... deixa quieto... ela não se mistura”, como se eu estivesse querendo me sentir mais ou menos... Entendeu? E não era essa, a situação... era uma ... então, aí você já fica tipo... não... perai... tipo, uma coisa é uma coisa e outra coisa é outra coisa, né.”*

Há por parte dos médicos recomendações aos transplantados com relação aos cuidados com o mundo exterior, tais como evitar frequentar lugares muito cheios. Mas para Jean-Luc (2000), a principal estrangeiridade vem de dentro, de seus adormecidos vírus, que são para ele os “intrusos de sempre”. O combate a tais vírus e a queda ou baixa da imunidade é feito por meio de um tratamento. Assim, ingressam no corpo novos intrusos.

A identidade esvaziada de um “eu” não pode mais descansar em sua simples adequação (em seu “eu = eu”) quando ela se enuncia: “eu sofro” implica em dois “eu”, um ao outro estrangeiros (tocando-se, no entanto). O mesmo para “eu gozo” (seria possível mostrar como isso se indica na pragmática de um e de outro enunciado): mas no “eu sofro”, um “eu” rejeita o outro, ao passo que no “eu gozo” um “eu” excede o outro. Parecendo-se, sem dúvida, como duas gotas de água: nem mais, nem menos. (NANCY, 2000).

Então, o autor é o seu próprio intruso, que caminha de estrangeiridade em estrangeiridade, no que ele chama de um “regime permanente de intrusão”. Tem que aprender

---

<sup>6</sup> Entrevista concedida a Tatiana Tannús Grama, em Brasília/DF, no dia 22 de set. de 2017. Duração: 34 minutos e 20 segundos.

a conviver com um coração vinte anos mais novo que seu corpo que, para ele, tem uma dúzia de anos a mais. Assim, considera-se sem idade certa, envelhecido e rejuvenescido ao mesmo instante.

Essa questão do intruso em si mesmo é próxima do que relata Francisco Queiroz (2017)<sup>7</sup>, um dos entrevistados.

*“Eu acho que esse momento de estranhamento que eu tive no começo, e tive meesmo [Francisco dá ênfase nesta palavra], é... não tanto por ser de outro país, mas, até por ser de outro país, uma das coisas que eu vivi no começo, mas lá em 2001. Eu me sentia que eu... deixa eu ver como eu consigo explicar, que eu, eu tô começando uma vida, ahm, no entorno que já tem uma vida de muito tempo (...) Então, sei lá... os códigos das pessoas, ehm, os filmes que as pessoas já viram... ehm, então esse passado que vocês tem, entendeu, eu não tinha. Então, isso me dava uma certo estranhamento, né... Ah, ééé... eu não sabia... sei lá, bobagem, né... Eu, eu aprendi com o tempo que... pra lavar roupa compra Omo, entendeu?”*

Ou seja, o estranhamento pode ser mais sutil do que se imagina, e surgir por conta de coisas que parecem simples no cotidiano de um morador local, mas que um estrangeiro não sabia e teve que aprender ou introduzir em sua vida.

Passados dez anos do transplante feito, Jean-Luc (2000) conta que tem que ir menos ao hospital e tem com isso uma outra compreensão, a de que não tem mais um intruso em si, que se tornou um com ele, “é como intruso que frequento um mundo no qual a minha presença poderia bem ser por demais artificial ou muito pouco legítima” (NANCY, 2000, p. 31). Assim aconteceu com os estranhamentos iniciais dos “turistas-migrantes” entrevistados. Mesmo que nunca deixem de ser estrangeiros, se acostumaram com algumas das coisas que acontecem no Brasil e já sentem algum pertencimento.

Para tratar do estrangeiro, Maldonato (2004) propõe a subversão da pergunta “O que é o estrangeiro?” para a pergunta “Quem é o estrangeiro?”. Com esse gesto, “chamados a responder”, segundo o autor, todos são obrigados a pensar para, sobre e pelo outro. O autor descreve a proximidade do estrangeiro com cada ser humano. “O estrangeiro que me remete a minha estranheza, solicitando que me torne eu próprio, faz de mim um estrangeiro”. (MALDONATO, 2004, p. 33). Reconhecer em si mesmo essa estrangeiridade interfere na relação com o outro. Esse estrangeiro ao qual cada um está unido, mas ao mesmo tempo separado permanentemente em uma relação dotada de imprevisibilidade é o que o autor define

---

<sup>7</sup> Entrevista concedida a Tatiana Tannús Grama, no Rio de Janeiro/RJ, no dia 8 de setembro de 2017. Duração: 48 minutos e 4 segundos.

como “o verdadeiro infinito”. O espaço ocupado pela metamorfose do turista em migrante contém esse “infinito”, no sentido de abrigar estrangeiridades em constante transformação.

A abordagem de Maldonato (2004) conversa muito com a alteridade e, nesse sentido, também se relaciona com a identidade e com a hospitalidade, pois ambas tratam da relação com o outro, com o estranho.

Bhabha (2003, p. 29), ao lidar com o estranhamento, também coloca alguns aspectos sobre o estrangeiro.

(...) o estranhamento [*unhomeliness*] – que é a condição das iniciações extraterritoriais e interculturais. Estar estranho ao lar [*unhomed*] não é estar sem-casa [*homeless*]; de modo análogo, não se pode classificar o “estranho” [*unhomely*] de forma simplista dentro da divisão familiar da vida social em esferas privada e pública. O momento estranho move-se sobre nós furtivamente, como nossa própria sombra, e, de repente, vemo-nos como a Isabel Archer de Henry James em *Portrait of a Lady* [Retrato de uma Dama], tomando a medida de nossa habitação em um estado de “terror incrível”. É é nesse ponto que, para Isabel, o mundo primeiro se contrai e depois se expande enormemente. Enquanto ela luta para sobreviver às águas insondáveis, às torrentes impetuosas, James introduz-nos ao “estranhamento” inerente `aquele rito, de iniciação extraterritorial e intercultural..

Derrida (2003), ao tratar da hospitalidade, lida preliminarmente com o estrangeiro, descrevendo esse ser na perspectiva da visão sofista, do debate do Estrangeiro (aqui em letra maiúscula por representar uma personagem). Ele conta que nos diálogos de Platão, geralmente o Estrangeiro quem expunha as interrogações. Desta forma, nos debates sofistas, “o estrangeiro sacode o dogmatismo ameaçador do logos paterno: o ser que é e o não-ser que não é. Como se o Estrangeiro devesse começar contestando a autoridade do chefe, do pai, do chefe de família, do “dono do lugar”, do poder de hospitalidade” (DERRIDA , 2003, p. 7).

Pode-se perceber a hostilidade contida na hospitalidade, por meio das questões impostas pelo estrangeiro de contestação ao pai, de contestação ao “logos”. Ao mesmo tempo, o estrangeiro, ao contestar o pai, traz a questão da família, no sentido de estar entre os seus, além de trazer também a questão do ser e do não-ser.

De certo modo, a hostilidade embutida no acolhimento pode ser percebida em parte da fala de Francisco Queiroz (2017), quando ele diz que tem uma coisa muito curiosa com o Brasil. Ele sente que o Brasil não é um país que rejeita, mas ao mesmo tempo, também parece que por vezes o acolhimento incomoda.

*“Agora... acolhimento... hummm... tem uma coisa muito curiosa com o Brasil... o problema é que o meu olhar é muito de sociólogo hoje em dia... Mas assim, é... o Brasil é um país... ou pelo menos eu como estrangeiro entendo isso do Brasil... hum... eu pelo menos, né, é... eu não sinto que é um país que rejeita, não existe esse preconceito, entendeu. Xenofobia comigo nunca, nunca percebi mesmo... (...) Ao mesmo tempo, essa integração... (...) Eu falo com as pessoas hoje em dia, já tenho nove anos aqui, eu falo português – dizem que muito bem, não sei o quê... conheço muito música brasileira, agora conheço muito história do Brasil e tal.... Qual é a resposta? “ah, você já é brasileiro!”, entendeu? É legal você escutar isso, entendeu, porque as pessoas já te incorporam. Ao mesmo tempo, quando elas te incorporam, você tá perdendo um pouco é... de onde eu venho, entendeu? Tipo, a pessoa já me incorpora, então ela não está mais interessada em saber de onde eu venho... tá. Já sou brasileiro, pronto. (...) Assim... essa, esse, esse impulso do brasileiro por incorporar é legal. Ao mesmo tempo, incorpora, perde a capacidade de poder conhecer outra coisa, entendeu, conhecer o outro. Então, eu diria que não tô... não é estranhamento, porque não tô mais... eu me sinto em casa, me sinto em casa mesmo. Não é estranhamento, mas também não tem uma acolhida assim, tããã ahh! [Francisco enfatiza essa expressão, como que tentando demonstrar a euforia que ela representa], entendeu? Mas também não é uma rejeição.”*

Derrida (2003) salienta que não é estrangeiro alguém que tão somente está fora da sociedade ou da família, ou seja, aquele que está fora do meu mundo. Para o autor, há uma regulação na relação com o estrangeiro e ela acontece por meio do direito.

Essa regulação intermediada pela justiça aparece na narrativa grega de Sócrates sobre Édipo, onde o Estrangeiro era dotado de direitos e, inclusive, os invocava quando necessário.

O estrangeiro também está nas análises de Silvana Pirillo Ramos (2003). A autora traz um aspecto interessante sobre a viagem, expondo que por meio dela o homem pode perceber que é para si mesmo um desconhecido. A viagem desperta no ser humano o estrangeiro que habita em si, “provocando uma desestruturação significativa. Dessa forma, o estrangeiro torna-se um objeto de ódio para o outro e, às vezes, para si mesmo, gerando comportamentos de aversão e discriminação no país em que se encontra” (RAMOS, 2003, p. 49). Mais uma vez aparece a relação de cada ser humano com o estrangeiro, ou melhor, a questão de que não só o outro, mas cada um de nós é também um estrangeiro. E também a questão de o migrante ser um estrangeiro e sofrer discriminação no país onde decide habitar.

Os doze entrevistados dessa pesquisa não mencionaram episódios de xenofobia ou algum preconceito mais grave ou violento pelo qual tenham passado, exceto um único acontecimento, que será relatado a seu tempo.

Para Leonardo Boff, “a hospitalidade supõe a superação dos preconceitos e confiança quase ingênua, mas indispensável para que a hospitalidade e a convivência sejam verdadeiramente hospitalidade e convivência sem constrangimento”. (BOFF, 2005, p. 95).



Essa convivência tem relação com a migração. Acerca disso, Ranyane Melo (2011) faz uma conexão entre migração e aspectos culturais e de territorialidade muito interessantes ao afirmar que

a migração vai muito além de um simples deslocamento de um povo para um outro território, pois os migrantes além de modificarem o local para onde migram, também acrescentam uma carga cultural muito grande aos que permanecem em seu lugar de origem, seja através do imaginário, de idas e vindas, não esquecendo jamais de seus costumes e das crenças culturais iniciais (MELO, 2011, p. 19).

O ser humano tende a pensar que estrangeiro é o outro, e que esse estranho deve ser repellido, não só pelo fato de ser um desconhecido, mas por representar um perigo. Ocorre que, como foi visto acima, a condição de estrangeiro está também em cada um, em cada uma. É uma ilusão enxergar como estrangeiro somente o outro. Talvez por isso seja tão difícil e complexo aceitar o outro. Aceitar o outro é uma utopia e essa utopia é comum, é universal. Portanto, a utopia acaba por aproximar as pessoas, pois, no mesmo sentido, aceitar-se a si mesmo é utópico.

O turismo é um fenômeno que proporciona movimentos e encontros. Não é diferente com o “turista-migrante”, que no Brasil se encontra com o outro, e que aqui é encontrado pelo outro e que também encontra a si mesmo e proporciona ao outro um encontro consigo mesmo.

Há também a visão que é passada com relação ao outro e que impacta na relação do estrangeiro com seu novo lugar. Um fato interessante foi relatado por Gustavo Bianco (2017)<sup>8</sup> em sua entrevista. Ele contou que o imaginário tropical do italiano, do europeu em geral, sobre o Brasil passa muito pelo aspecto sexual.

*“Eu me lembro muito que minha mulher ficou, ficou horrorizada, um jornal italiano há alguns anos atrás e... tinha e dava como presente para quem comprava o jornal um cd de música brasileira, inclusive Chico Buarque, Caetano Veloso, música é... de qualidade, assim (...) Só que na capa da propaganda dessa música brasileira tinha uma imagem do carnaval do Rio de Janeiro, mulheres peladas, assim... Então, enfim, você atrelava o Brasil (...) Então, ela ficou horrorizada, falou “Olha, você apresenta música assim de qualidade, inclusive bastante desconhecida na Itália, é. E por outro lado você me associa a uma imagem”... Então, é isso. (...) quando eu vou, quando eu levo pra Itália eu levo sempre cd... cd pra... pra dar de presente, muita coisa de cd. Uma dificuldade é a língua, o português é pouco conhecido na Europa... acho que espanhol até seria um pouquinho mais fácil. Mas então, levar livros não dá, é muito difícil. A gente leva livro às vezes de... é... de fotografias... é... como é que se chama o... o... o fotógrafo brasileiro que é conhecido... [eu, entrevistadora, respondo que é Sebastião Salgado e cito o livro Êxodos] os meus amigos conhecem, não é muito*

<sup>8</sup> Entrevista concedida a Tatiana Tannús Grama, em Brasília/DF, no dia 15 de setembro de 2017. Duração: 26 minutos e 59 segundos.

*popular, de jeito nenhum, mas meus amigos conheciam lá.”*

O contato com a cultura é algo que permeia e molda as primeiras impressões acerca do local estrangeiro. Assim como Gustavo mencionou a música, outros entrevistados também citaram a importância dela para eles. Lucas Moreira (2017)<sup>9</sup> disse “mas talvez meu vínculo mais forte com o Brasil foi... já foi a música (...) Porque antes eu já gostava de escutar um samba jazz, um bossa nova, essas coisas. Talvez esse já foi meu vínculo mais forte com o Brasil”. Alice Rovana (2017)<sup>10</sup> também falou sobre a música brasileira

*“Eu comecei a fazer um curso de português com uma professora da UFRJ maravilhosa que me deu muitas dicas, assim, de português, e isso me ajudou bastante. Além do meu... do marido da minha prima que falava muito bem e ele sempre me... E eu gostava muito das músicas brasileiras.”*

Percebe-se que a questão do estrangeiro contida nesse percurso do “turista-migrante” não só ajuda na compreensão do(s) estranhamento(s), mas também é por meio dela que surgem pontos que podem aproximar, diminuir, minimizar as estrangeiridade e, assim, construir uma sensação de pertencimento.

## **2.2 Cidadão globalizado: o mundo aproxima turistas e migrantes**

Especialmente no final do século XX e início do século XXI a sociedade global despontou, trazendo consigo a necessidade de novas reflexões acerca dessa mundialização do planeta. Trata-se de um movimento onde “a sociedade nacional está sendo recoberta, assimilada ou subsumida pela sociedade global” (IANNI, 1994, p. 147). Hegemonias se alteram nesse contexto, visto que aspectos como religião, cultura, economia e outros tornam-se por vezes mais soberanos que as nações.

É difícil precisar a sociedade global, visto que ela não é uma mera continuidade ou o simples somatório de todas as sociedades nacionais que existem no mundo, por mais que essas continuem guardando suas principais e essenciais características, como por exemplo a língua, a bandeira, a cultura e outros aspectos. A sociedade nacional consegue manter suas

---

<sup>9</sup> Entrevista concedida a Tatiana Tannús Grama, no Rio de Janeiro/RJ, no dia 6 de setembro de 2017. Duração: 22 minutos e 30 segundos.

<sup>10</sup> Entrevista concedida a Tatiana Tannús Grama, no Rio de Janeiro/RJ, no dia 11 de setembro de 2017. Duração: 14 minutos e 58 segundos.

singularidades e ao mesmo tempo articula-las dentro da universalidade que é o cenário global.

Assim, para o autor, é interessante para a melhor compreensão acerca da globalização e, em especial, da sociedade global, que o pesquisador das ciências sociais não permaneça estático, “deixando que o seu olhar flutue livre e atento por muitos lugares, próximos e remotos, presentes e pretéritos, reais e imaginários” (IANNI, 1994, p. 150). Então, é um erro priorizar o global em detrimento ao local, assim como eleger o local e ignorar o universal também é um posicionamento limitado e limitante. Ambos se compõem de forma recíproca e simultânea.

A noção de tempo e espaço se alterou com a globalização, aproximando e, ao mesmo tempo, afastando ainda mais local e global. “As identidades embaralham-se e multiplicam-se. As articulações e as velocidades desterritorializam-se e re-territorializam-se em outros espaços, com outros significados” (IANNI, 1994, p. 155-156).

E como ficam os indivíduos nesse horizonte?

As diversidades, as desigualdades se manifestam no seio da sociedade global por meio, dentre outras questões, dos indivíduos. O sujeito é colocado diante de um novo campo de visão.

O geógrafo e humanista Milton Santos (2001) discute a questão desse sujeito no mundo inserida no debate que ele chama de “esquizofrenia do espaço”, que é o fato do espaço revelar, reproduzir o mundo, tendo em vista que o mundo, segundo o autor, não existe para ele próprio enquanto “um conjunto de essências e possibilidades”. Seguindo essa linha de pensamento, o cidadão do lugar instala-se como cidadão do mundo, mesmo que a concepção de mundo seja de algo distante. Como dentro dos países há impasses e impedimentos para a construção de uma cidadania plena, tal problema transporta-se para a cidadania global. A construção é, então, do pequeno para o grande, debaixo para cima.

Cotidiano e território são debatidos por Santos (2001) no contexto da esquizofrenia, que se traduz pelos territórios que, de forma simultânea, acolhem a globalização e seus tentáculos e também produzem dentro de si a resistência a essa globalização. A resistência vem da “contra-ordem”, que parte dos pobres, dos excluídos, dos marginalizados produzidos pela globalização. De semelhante modo, convivem em um mesmo território racionalidades e irracionalidades (ou “contra-racionalidades”) e estas últimas levam à tomada de consciência acerca das diferenças existentes no lugar. O geógrafo aponta que a consciência não reverbera

de forma homogênea, mas ela pode acontecer ao mesmo tempo tanto para um grupo de pessoas quanto para indivíduos de maneira particularizada. Ele também diz, dentre outras questões, que um entendimento mais sistêmico acerca do mundo global auxiliado pelo acesso a outros lugares diferentes do seu, pode despertar processos críticos no indivíduo. “Para isso, é fundamental viver a própria existência como algo de unitário e verdadeiro, mas também como um paradoxo: obedecer para subsistir e resistir para poder pensar o futuro” (SANTOS, 2001, p. 116).

O autor, na discussão desse ponto, não menciona especificamente como pode acontecer o acesso a outros lugares. Mas, fazendo um paralelo com a pesquisa, pode-se inferir que o turismo proporciona ao sujeito conhecer outros lugares, mesmo que superficialmente ou pontualmente. De certa maneira, então, à medida que esse turista que conhece outros lugares, adquire características de cidadão globalizado e, diante do que vai experienciando, desenvolve percepções e posicionamentos de resistência a determinadas coisas. Desta forma, de certo modo, pode escolher e negociar o que deseja.

Essa hipótese do ser humano mais crítico apareceu em algumas das entrevistas. Rosa Saldanha (2017) percebe semelhanças entre os países latinos no que se refere à resistência dos povos. Ela comentou: *“Eu acho que essa causa social ela vai muito além da própria identidade como nação, sabe. Eu acho que é por aí”*. Francisco Queiroz (2017) disse que depois que ele terminou o doutorado, em seu país houve um interesse muito grande pelo que estava acontecendo no Brasil

*“Até porque o Brasil teve um, um... na época do Lula teve uma, uma influência diferente, né, em termos de... de expectativa de país, ehm, que finalmente olha para a América Latina e que pode assumir uma liderança, né. Que... enfim, não deu muito certo e tal, mas teve uma tentativa interessante, entendeu.”*

Essas falas de Rosa e Francisco dialogam também com o que falou o colombiano Mathias Borges (2017)<sup>11</sup>, que é palhaço e tem as ruas da cidade como um de seus palcos.

*“Então... eu acho que estou acá porque gosto de estar acá. Porque gosto do Brasil e também sinto um grande parecido entre Brasil e Colômbia, então... eu acho que isso também faz que eu gosto tanto de estar aqui... e ahh... escolha ficar aqui, né. As pessoas, la comida, tem parecido, né, tem muita coisa parecida, si... as brincadeiras, as raças, a pele, sabe... as injustiças [Mathias ri], as... a corrupção do Estado, a*

<sup>11</sup> Entrevista concedida a Tatiana Tannús Grama, em Brasília/DF, no dia 18 de setembro de 2017. Duração: 17 minutos e 34 segundos.

*pobreza*” [Mathias ri novamente].

No momento em que foi questionado sobre se achar um cidadão colombiano, brasileiro ou um cidadão do mundo, Mathias respondeu

*“(...) porque muito tempo eu me questionei de onde sou e... e... Charles Chaplin falava que sou um cidadão do mundo, né. Eu acho que me incluo muito nessa resposta. Acredito muito que sou do lugar onde eu me encontro. Por quê? Porque estou vivendo aí, estou pagando aí, estou comendo aí, estou fazendo aí meu ofício, né? [Mathias faz uma pausa de alguns segundos] Então... considero que sou daí e acho que a pergunta deveria ser onde você nasceu. [Mathias faz uma nova pausa de alguns segundos] Ontem uma criança me respondeu no hospital, hehehehe, (...) eu perguntei a cidade onde nasceu você e ele respondeu Brasília. Eu nasci em Bogotá e acho que isso não, não muda o sentido do meu presente, isso já faz parte do meu passado, né, de uma origem, das raízes por assim falar, né.”*

Mais especificamente sobre a questão ligada a uma resistência individual, mas ao mesmo tempo fazendo um contraponto, Mathias Borges mencionou

*“Sou consciente de muitas coisas e isso... de... quando você, às vezes... vai abrindo conhecimento, vai entendendo muitas coisas, mas às vezes (...) não é tão feliz, por exemplo, muitos preferimos ignorar muitas coisas (...) ou fazer de conta que isso não está acontecendo, como o que acontece atualmente com Brasil. Todos sabem isso o que está acontecendo, né... mas ninguém se organiza, ninguém... todos continuamos como ovelhas... não sei... ou... hehehe... ah, não sei...”*

Por mais que se tenham características que aproximam os estrangeiros uns dos outros, ao mesmo tempo os lugares diferenciam-se em vários pontos. Isso porque na modernidade, as cidades alcançaram um aspecto diferente, tanto visual quanto em outras dimensões, abarcando novas relações, principalmente no campo da mobilidade. Tal aspecto tem relação direta com a indústria, que “inventou” novos meios de transporte. Nesse período, as indústrias passaram a estabelecer-se mais na periferia e os grandes centros tornaram-se locais de entretenimento.

Essa passagem, para Molina (2004), foi feita por meio do turismo. Nesse processo, há o aumento da competitividade, tanto entre cidades quanto entre serviços turísticos dentro da própria cidade. O autor pondera que é preciso compreender o rumo que o turismo vai tomar diante dessa evolução social, tendo em vista que há competitividade entre destinos. A percepção da dimensão de alguns processos como, por exemplo, entender os diferentes estilos de vida e motivações pessoais, pode gerar vantagens para alguns (MOLINA, 2004, p. 31). Então, o destino turístico que conseguir captar individualidades e adapta-las ao seu programa, tende a se destacar e sair na frente de outros que tratam do público de forma homogeneizada,

como nos “não-lugares de Gallero” (2004). Ora, então em tese os destinos competem entre si pelo interesse dos turistas. Quem melhor interceptar o que move esses turistas, os ganha.

É preciso traduzir e compreender, então, a dupla motivação dos “turistas-migrantes”, onde uma é do turista e a outra pertence ao migrante.

Ao relatar as razões que os trouxeram até o Brasil, os entrevistados e entrevistadas deram diferentes explicações. Esta competitividade entre destinos talvez apareça um pouco na fala de quem não veio ao Brasil mais ao acaso, mas que tenha escolhido o país para estudar ou trabalhar, por conta das melhores condições aqui ofertadas se comparadas ao país de origem desses “turistas-migrantes”. Ainda assim, para alguns deles, a única opção não era o Brasil e o cálculo para a escolha foi feito levando em conta diversos fatores. Então, por certo o Brasil soube captar as individualidades desses turistas. Aliás, manteve o patamar dessa captação, pois os turistas aqui ficaram.

Álvaro López Gallero (2004) apresenta uma ideia que não necessariamente se contrapõe ao turismo ativo de Molina (2004), mas que menciona a passividade dos turistas a partir da globalização, que incutiu uma perspectiva ao turismo semelhante à dos grandes entretenimentos que são movidos pela busca do lucro e, assim, o turismo se transforma em mero passatempo. E um passatempo não acessível a todos, diga-se de passagem. O autor afirma, sem citar dados ou números, que o poder econômico dos viajantes faz com que os deslocamentos de um país a outro ocorram em baixo número. A não ser quando há a migração de trabalhadores em busca de melhores salários, migração esta que acontece, como ele diz, do “Terceiro Mundo” rumo a “economias mais fortes”. Mas este aspecto não influenciou, pelo menos não de forma única, na motivação dos entrevistados e entrevistadas para viajarem ao Brasil pela primeira vez, quando eram turistas. Entretanto, de certo modo, questões econômicas pesaram na decisão de ficar no Brasil.

Mas as motivações dos “turistas-migrantes” foram diversas e apresentaram-se, em sua maioria, em bloco. E nada melhor que a própria voz dessas pessoas para expressar os ânimos que influenciaram o seu caminhar.

*“E eu cheguei no Brasil pela primeira vez em 2001, é... que foi com uma intenção altamente acadêmica de fato, né”*. Assim, resume a sua vinda o entrevistado Francisco Queiroz (2017) da Nicarágua. Porém, mais adiante em seu relato, ele conta uma linda história que, de certo modo, também o guiou para estar no Brasil.

*“Até que um dia, eu já tinha acho que 14 anos, talvez, 15 anos, tocou na rádio Elis Regina, né... na rádio de lá. Eu adorei aquela música! Eu não entendi nada! [Francisco dá ênfase nessas duas últimas frases, demonstrando emoção] E nisso, isso, foi impulso “ah, eu quero aprender português só pra poder entender essas coisas”! Foi uma coisa assim, tão... entendeu... Sei lá... ah, eu quero! Foi um impulso que eu tive, né [Perguntei a Francisco que música era] Depois descobri, era Para Lenon e McCartney, e... E... Aí eu... Ai eu fui lá, fui atrás, fui tentar ver que lugares tinha curso de português, né. Tô falando 91 mais ou menos foi isso, já. Já tinha passado a revolução, também e tal. Aí fui atrás e tal, e descobri que na universidade tinha o curso livre, de extensão, né... é... de graça. Aí eu fui fazer... matriculei, era de graça... ah, fui lá, não sei que e tal, era português... minha mãe surtou, né, porque hehehehe eu larguei inglês pra fazer português, que era uma língua que não tinha função nenhuma naquela época, né. É... e... assim, tanto é que no meu curso éramos quatro pessoas só, entendeu, fazendo português. Mas foi assim, então (...) E aí... ahmm... é... e foi assim. Mas mesmo assim eu não, eu não fiz muito movimento pra vir pro Brasil naquela época, né. Aí comecei faculdade, larguei português... até porque não continuou o curso porque todo mundo saiu, né. Assim, ninguém mais continuou, né. E aí, ahm, larguei, mas eu tinha uma base, né. Aí fiz faculdade, consegui emprego... enfim, eu tava fazendo a minha vida lá, né. Até que... sei lá... um dia, um belo dia eu tive muita vontade de fazer mestrado e aí comecei a criar essa ideia, “pô, porque não o Brasil, né, já tenho o português, não sei o que”... Fui atrás de fazer curso de inglês, né, hehe, tinha o inglês incorporado. E... foi assim que cheguei ao mestrado.... dessa forma. Esse é um pouco o histórico, né.”*

Queiroz conta que chegou a dar aulas de português em um projeto da Embaixada brasileira na Nicarágua.

*“(...) que foi na área cultural, que foi uma... um projeto pra (...) fazer uma reforma no método de ensino de português para hispanos (...) lá na Nicarágua (...) trabalhei lá como professor de português, lá na embaixada, né, apoiando essa reforma e tal e tal. E... aí eu percebi como mudou a questão, a percepção do Brasil fora do Brasil. Assim, quando, quando eu fiz português éramos quatro alunos, quando eu já tava lá dentro eram trezentos alunos, né. E era curioso ver como o português começou a crescer como língua estrangeira.”*

O encantamento pela cultura, especialmente pela música brasileira perpassa por praticamente toda entrevista de Francisco, sendo uma das motivações de sua permanência no Brasil. Além disso, ele conta que historicamente também teve uma relação de infância com o Brasil, quando ele morava na Nicarágua. Isso ajudou na construção de seu imaginário com relação ao Brasil.

*“Eu de alguma forma compreendia que a nossa realidade com a dos Estados Unidos, ou a nossa relação com os Estados Unidos era uma relação de confronto, de conflito, né. Eu lembro... eu tinha oito anos talvez, oito, nove anos, todo mundo falava na invasão, que os Estados Unidos iam invadir, uma, uma invasão militar, não sei o que... E... e eu lembro que na escola faziam um exercício, de como a gente ia reagir quando tivesse uma bomba, por exemplo, na escola, entendeu, dos refúgios e tal. Cara, eu... Pra mim (...) era... ah, eu adorava fazer exercício pra brincar com*

*meus coleguinhas no refúgio, entendeu? Bom, mesmo assim era uma zona de confronto. Em paralelo, na escola onde eu estudava, tinha filhos... é... de brasileiros que, atraídos pela revolução, pelo contexto que tinha lá – porque aqui tinha uma ditadura, né, é... foram lá para colaborar, pra fazer algum trabalho coletivo, não sei o que... E os filhos estavam na escola, e éramos coleguinhas de escola, né... (...) eu comecei a perceber uma razão diferente, entendeu. Então, pra mim o... a... Estados Unidos era, era uma relação de confronto, enquanto que um país como o Brasil que a gente não sabia quase nada, sabia muito pouco, sabia só que era da América Latina e que não falava espanhol, só isso. E... e ver que tinha brasileiros que foram ao país pra colaborar, entendeu... me fez, me chamou a atenção “ah, que legal, né, tem uma relação de colaboração enquanto tem confronto do outro lado”. Então, eu conseguia ver uma relação de solidariedade com o Brasil, né? Bobagem! (...) tinham os americanos que também são solidários, né, e tal... mas já viu, menino, né...”*

Alice Rovana (2017) também citou que mesmo antes de vir para o Brasil já tinha uma admiração pela língua portuguesa

*“E... quando tive a decisão de vim pro Brasil foram na verdade três opções de países que eu tinha que escolher pra vir estu... pra estudar (...) Brasil, México e Argentina. Só que sempre me chamou a atenção o Brasil, pela questão da cultura, do idioma, eu sempre gostei muito de língua, é, latina. Então, assim, o português pra mim era um atrativo muito grande. E, eu comecei... eu tinha uma prima aqui no Brasil, que já estudava (...) Acho que o que definiu, assim... é, o que me ajudou a tomar essa decisão foi ela estar aqui no Brasil. Então quando eu vim pra cá a primeira vez ela me recebeu e começou a me mostrar, é, a cultura, o idioma. Eu não sabia falar português a primeira vez que eu vim. Nada! Absolutamente nada. (...) E meu sonho sempre foi tentar falar direitinho, né, o português.”*

Ela conta que veio para ficar pouco tempo, mas que foi estendendo esse período.

*“Então... ehm... eu vim três meses primeiro pra saber se eu gostava, se era isso que eu queria, as faculdades... e acabei gostando muito, e acabei me identificando muito. O, a, o estado onde eu moro na Colômbia tem... é litoral, né, então acaba que a gente é muito descontraído, então isso me identificou muito. Mas... ehhh... comecei a, a explorar as coisas aqui do país e acabou que, é, gostei e fiquei. Então, depois desses três meses a minha prima foi embora e eu fiquei sozinha aqui com um grupo de colombianos. (...) Dois anos depois, ehm, na faculdade (...) fiz uma pós graduação (...) e o diretor da escola veio convidar a gente pra abrir uma empresa pra... a gente trabalhar pra ele. E aí começou meio que a fixação aqui no Brasil” [E Alice ri após dizer essa frase].*

Alice continua a contar a sua história e chega no período de ter que decidir por voltar para a Colômbia ou ficar no Brasil.

*“a gente abriu uma empresa, eu e uma brasileira, uma amiga (...) E a gente*



*trabalhou um dois ou três anos mais ou menos. No último ano que eu já tava na decisão porque eu já tinha acabado faculdade (...) eu conheci o meu marido. Ehm... faltavam dois, três meses pra, pra eu ir embora. E tomar a decisão de se ficava ou não ficava. E aí a gente foi se conhecendo, a gente se conheceu em outubro e eu tava viajando pra Colômbia em dezembro, isso foi dez anos atrás. (...) E... ele falou (...) “vamos casar, você fica”! Eu falei (...) Vamos esperar, eu vou pra Colômbia, tomo a decisão... e a gente se falava todos os dias. Aí eu voltei em janeiro ou fevereiro, a gente continuou namorando, aí continuei com a empresa, (...) e aí acabou que a gente se fixou mais, a gente começou a morar juntos e... cada vez eu ia gostando mais do país. Enfim, as pessoas começaram a falar “ah, você fala muito bem o português” e eu já me sentia já mais carioca, enfim. (...) A gente casou na Colômbia, ehm, com dois anos de namoro. Aí voltamos, fizemos a documentação toda, compramos apartamento... e... aos três anos de casado a gente teve um filho.”*

Tal qual como Francisco Queiroz, Alice Rovana também conta que adora a música brasileira e que isso a ajudou no aprendizado do idioma.

*“Eu comecei a fazer um curso de português com uma professora da UFRJ maravilhosa que me deu muitas dicas, assim, de português, e isso me ajudou bastante. Além do (...) marido da minha prima que falava muito bem (...) E eu gostava muito das músicas brasileiras. Então, a professora falava “(...) escuta muita música brasileira e tenta cantar a música”. E aí eu comecei a escutar... o primeiro cd que eu comecei a escutar foi Jorge Aragão, que eu não entendia nada! [Alice ri quando se lembra disso] E aí, ehm, tentando, né, cantar... escutava muito... assistia muita televisão. E, aos pouquinhos... assim, eu acho que eu tenho um pouquinho de facilidade pro idioma, e assim, fui adquirindo, enfim... E aí quando eu comecei a entrar na faculdade, o professor toda semana me dava um texto pra ler e eu tinha que expor, explicar na frente de todo mundo. E eu era muito cheia de vergonha. Mas isso me ajudou muito.”*

Rosa Saldanha (2017), peruana, menciona como motivo de sua vinda as melhores condições econômicas experimentadas pelo Brasil à época, em especial a questão do ensino público gratuito.

*“eu vim porque os... os meus pais na época e a situação social e econômica do país estava bem, bem ruim. Eu estudava numa universidade privada lá (...) e na época a mensalidade era paga a cada vinte e oito dias e era paga em dólar... hahahaha. E e era um absurdo de cara, eu não lembro se era uns 480 dólares, mas era alguma coisa assim. E mesmo eu estando com bolsa lá, era... começou a ficar inviável para meus pais, né? Eu queria terminar minha formação, para meus pais sempre foi uma coisa importante a gente ter um diploma universitário, né? E... aí eu vim pro Brasil para tentar terminar a faculdade. Mas a escolha foi... foi assim, um pouco, onde que eu tenho família que eu possa chegar, né, para pelo menos ficar um tempo até me situar e... onde que tem universidades públicas gratuitas, cem por cento, né. E aí surgiu o Brasil como uma dessas opções. Surgiu o Canadá também, mas no Canadá eu avalei que a realidade econômica iria ser muito discrepante da realidade brasileira, né, da realidade latino-americana. E aí eu também na época tava estudando questões do meio ambiente (...) e o Brasil tinha já alguns avanços nessa área que eu não cheguei a achar no Canadá (...).”*

Ela conta que não conseguiu fazer a transferência do curso para a federal aqui no Brasil e, por isso, teve que prestar vestibular.

*“então a transferência foi por... né, foi um processo que eu entrei com a documentação e tal, mas foi pro espaço. E aí eu tive que estudar pro vestibular. Aí (...) no cursinho vestibular conheci meu atual marido, companheiro há dezesseis anos, né... E... na época nós dois passamos pra faculdade. (...) E a princípio era isso... eu ia fazer faculdade, eu ia estudar, ia voltar, né. Mas aí...” [Rosa ri] continuo por aqui dezesseis anos depois [Rosa dá um gole no café que ela pediu].*

Sobre sua permanência, ela relata o momento exato em que teve que tomar a decisão de ficar.

*“No final daquele ano, acho que já era 2002 (...) engravidei da minha filha mais velha (...) E.. e aí... foi aquela história, né. Bom, grávida, comecei a avaliar se voltava pro Peru ou se ficava no Brasil, né? Ficava, quer dizer... criava minha filha, né, no Brasil... Aí a gente optou por morar junto, né, com meu companheiro. E aí entre idas e vindas, passaram-se dezesseis anos, e continuamos aqui, assim... Na época eu acho que eu avalei também... a situação tava bem difícil pra estudante, porque eu não tinha conseguido a moradia estudantil. (...) Aí o início da gravidez tipo, foi aquela coisa conturbada, digo “meu Deus, volto... fico... que que eu faço”? Então, assim, pelo menos assim... o Brasil não dava boas situações econômicas pra alguém se manter, mas tinha universidade pública, né... Então aquilo de alguma forma me motivou a ficar, né? Depois que minha filha nasceu, eu fiz aquelas bolsas (...) de iniciação científica e... minha filha foi para uma creche cem por cento pública (...) que era um creche de referência para o Estado, inclusive, né, e cem por cento gratuita; e aí ela ficou até os seis anos. Então eu fui pro mestrado, também completamente gratuito, ainda ganhei uma bolsa pra poder fazer o mestrado, né... então, de alguma forma o Brasil me dava essas opções... Ganhei minha filha numa, é... no hospital público... é... Então, o Brasil dava essas, essas condições.”*

Além disso, Rosa conta que tem muita relação com a cultura brasileira, em especial com a música.

*“Aí... o povo, que é muito bacana, muito receptivo. Mas assim, uma coisa que eu sou apaixonada no Brasil é a batucada, os tambores, a capoeira, essa cultura negra, assim, afro-brasileira. E... quando eu conheci a capoeira (...) eu me apaixonei pela capoeira. Foi uma coisa assim amor à primeira vista. O toque do berimbau fez um, uma chamada assim que eu “opa! Esse eu conheço”! De alguma forma tá no meu sangue aquilo, sabe. E... Inclusive foi a capoeira uma das coisas que trouxe a minha convivência com meu esposo mais pra próximo assim, que a gente terminou também juntando, assim, a nossa vivência juntos passa muito pela capoeira. (...) Mas assim, por exemplo, o pandeiro, eu fiz umas aulas de pandeiro (...) a percussão, né. Essa parte da boemia e da cultura brasileira, da música, da musicalidade, e... né, e do movimento, que é um movimento que eu acho que... ele vem de uma espontaneidade que tenta se apropriar dos espaços públicos e daquela parte do ser humano que*

*ainda luta para não se deixar enquadrar em estruturas postas, sabe.”*

Jayme Nascimento (2017)<sup>12</sup>, que está no Brasil desde 99, conta: “*Vim aqui... primeiramente de férias. Aí, por diversas características, terminei ficando*”. E sua última frase na entrevista é “por isso digo ‘caí de paraquedas aqui’. Agora temos que viver aqui”.

A permanência de Jayme no Brasil passa por um pequeno intervalo em que ele retornou para a Argentina. É como se a decisão de fato por ficar tenha sido após a decisão de vir para o Brasil uma segunda vez. Ele destrinçou as características, ou como ele mesmo diz, as facilidades que o fizeram permanecer no Brasil.

*“Primeiro conheci uma mulher daqui, terminei me apaixonando, vi que existiam umas... é, facilidades [Jayme fala como que entre aspas a palavra facilidades] e cheguei... na época que eu vim da Argentina a Argentina estava passando por uma crise econômica e eu vi que aqui existia um potencial crescimento econômico nessa época. Aí avaliei se eu terminava ficando qual seria o... o... na balança, o positivo e negativo, e vi que aqui me parecia melhor (...) na verdade lo que pesou... é, bastante, foi a facilidade que eu tinha pra me estabilizar é... laboralmente... tinha trabalho, em comparação a como estava... Bom, terminadas as férias, eu voltei pra Argentina e... é, apenas voltei e tinham demitido, tinham me demitido junto com muitas pessoas, né, não é que tinham demitido a mim somente. Então, eu com o dinheiro eu disse “bom, quando eu tive lá de férias eu vi determinadas possibilidades. Eu vou tentar”! E voltei. E quando voltei, disse “vamos tentar ver; se eu consigo passar desta data, significa que já sobrevivo”. E foi o que aconteceu. Lo que pesou foi: consegui! [Nesse momento, Jayme bate (dá um pequeno tapa) na mesa onde está sendo feita a entrevista]. Lá nesse momento estava muito mais difícil e aqui foi mais fácil.”*

Por mais que no início de sua história ele tenha contado que se apaixonou, ao longo da entrevista ficou claro que esse não foi o motivo principal, como ele mesmo narra depois. Além disso, ele cita muito a tranquilidade e as praias de João Pessoa, onde mora.

*“Mas aqui tem a tranquilidade que na Argentina eu não, eu não vejo hoje, inclusive quando vou pra lá de férias. E aqui é muito tranquilo, é... Eu sempre digo que eu moro onde muitas pessoas desejam passar o resto da vida! E eu já tô morando aqui. É muito tranquilo, isso é o que mais, É... sinto falta quando viajo, ao pouco tempo. “Eu quero voltar pra minha casa”! (...) a tranquilidade da minha casa, que é aqui agora, né.”*

E, quando a pesquisadora pergunta a Jayme sobre ele sentir-se um cidadão do mundo, o entrevistado responde, mesmo estando no Brasil há 18 anos:

---

<sup>12</sup> Entrevista concedida a Tatiana Tannús Grama, em João Pessoa/PB, no dia 30 de setembro de 2017. Duração: 14 minutos e 49 segundos.

*“Não, eu me considero um brasileiro que morou na Argentina e veio parar aqui (...) É... me considero muito argentino, que caiu de paraquedas aqui, terminou se adaptando e... por diversas circunstâncias, é... como vou dizer... se estabilizou aqui. Mas ao mesmo tempo, é... eu... tenho uma tendência a... não tenho nada que me ate. Ah, se amanhã aparecer algo na Austrália, vamos pra Austrália! Mas não penso “então, sou cidadão do mundo”. Hummm.... Seria muito prepotente dizer também “sou cidadão do mundo”. Estou aberto a qualquer outra possibilidade em qualquer outro lugar. Essa é a, a realidade.”*

Henrique Souza (2017)<sup>13</sup>, um inglês que hoje tem 74 anos, diz com simpatia que “a primeira coisa é que eu não escolhi o Brasil, o Brasil eu acho que me escolheu”. Henrique é um excelente contador da sua própria história. Tem uma memória invejável e lembra-se de fatos muito inusitados pelos quais passou.

*“Ahm, eu estava lá estudando belas artes e conheci uma garota na faculdade de belas artes e então me casei e tive um casamento que durou seis anos e acabou. Eu, num veu de lágrimas, sai, fui para o porto (...) eu falei “tem algum navio saindo daqui? Não quero saber para onde vai, mas eu quero ir embora”. Me indicaram um navio que ia para Equador. Então mais ou menos umas seis horas da manhã eu peguei o navio com duas malas, com todas as minhas coisas, só que eu estava num estado tão péssimo que eu deixei uma mala nas docas, perdi já metade dos meus pertences (...) Vim passando, ehmm, atravessando o Atlântico e o navio teve problemas de motor. E o capitão diz um dia “desculpe gente, vai ter um, um... delay, uma paradinha não programada porque tem que consertar o motor. Então nós vamos entrar no porto de Salvador no Brasil antes de proceder para Guayaquil em Equador”. Só que ele entrou no porto de Salvador e falou “vai levar oito dias, se pode descer se quiser ou pode ficar a bordo como quiser, mas daqui a oito dias nós vamos embora”. [Henrique tosses] Desci e olhei Salvador e achei “que coisa esquisiiiiita [Henrique fala a palavra com muitos is]... não sei não... porque todos os homens estão vestidos de mulher? Tá muito esquisito pro meu gosto. Ai eu... Tá maluco, digo, todo mundo tá maluco um bocado”! Ninguém me falou que era o primeiro dia de carnaval, não sabia. Aí, eu tava num taxi lá, tentando de achar um tipo de bed and breakfast (...) e foi cercado por uma corda e o taxi ficou no meio de um bloco. Aí eles começaram a balançar o taxi, aí e... gritar alguma coisa que não entendi e depois eu entendi era “gringo viado”, hehehe, aí eu não sabia se era amizade ou o contrário, ahm. Aí de repente a porta abriu, eu virei pro porta onde abriu e jogaram um balde de água em cima de mim; aí eu... [Henrique respira fundo e diz alguma palavra indefinida, que não foi possível ser transcrita da entrevista] a outra porta abriu e eu pronto para levar outro balde de água, só que jogou uma mulher em cima de mim que estava quase nua. Aí (...) eu acabei perdendo o navio, que foi embora com a minha outra mala. Eu fiquei no Brasil com um jeans e uma camiseta, ehmm... e... eu to aqui até, até agora. Fiquei em Salvador duas, dois meses. [nesse momento a pesquisadora pergunta que ano foi isso e Henrique continua sua narrativa] Fiquei em Salvador dois meses, isso foi no ano de 72 (...) tudo foi muito bom, aí fui para alguns lugares bonitos como Arembepe. Adorei, adorei. Mas eu venho para o Rio de Janeiro, venho para Rio de Janeiro, aqui eu achei meu lugar.”*

<sup>13</sup> Entrevista concedida a Tatiana Tannús Grama, no Rio de Janeiro/RJ, no dia 11 de setembro de 2017. Duração: 36 minutos e 15 segundos.

E desta forma ele conta como escolheu o Rio de Janeiro para morar, cidade onde viveu e vive histórias incríveis, parte delas como correspondente dos maiores veículos da imprensa inglesa de atuação internacional. Henrique é tão apaixonado pelo Rio de Janeiro que construiu um lugar com arquitetura totalmente inspirada na capital fluminense, a princípio para ser seu atelier, mas que tornou-se bar e local para receber amigos e hóspedes.

*“um arquitetura totalmente inusitada que ninguém nunca fez, eu ... eu... que realmente fez isso, não só como casa, mas homenagem ao Rio de Janeiro, realmente que é incrível, ninguém nunca fez. (...) As casas velhas era imitação de Lisboa, as casas modernas são imitação do Miami. Aí ninguém pensou, olha em volta e fala as formas do Rio de Janeiro são coisas que não existe em outro lugar, são maravilhosas. Então aqui embaixo criei um lugar que era uma extensão da...da... da... floresta, da Mata Atlântica, como todas as colunas são... são feitos como árvores geométricas, com a luz vindo atrás de claraboias como fosse a, o cânapi da floresta. É exatamente como você traduz um lugar que tem luz assim, ahm, onde você tem uma coisa longo e normalmente só teria luz em um lado em um outro mas não no meio. Então fiz isso aí... fiz, tudo, ehm. E eu fiz também a coisa de forma que ia bater e absorver som, porque eu pretendi... ahm... tocar música aqui. E... depois quando foi em cima escolhi os arcos assimétricos porque as montanhas em volta que eu vejo são assim. Então... é... e as, as, as paredes são as curvas das baías. Essa é uma homenagem ao nosso maravilhoso Rio de Janeiro. E mais ninguém tem feito.”*

Um pouco mais a frente, ele conta que a construção já recebeu um prêmio da Revista National Geographic quando esta escolheu duas das construções mais bonitas, criativas e originais da América Latina e uma delas foi a de Henrique.

Não restam dúvidas que Souza tem muita identificação com o local que escolheu para viver. Ele deixa isso claro em diversos trechos da entrevista, como por exemplo ao contar que conheceu outros lugares no Brasil. Estes, foram lugares de passagem. No caso dele, então, o Rio de Janeiro é uma das motivações por ter permanecido.

*“Então fiquei aqui trabalhando como [Henrique cita um grande veículo da imprensa britânica que não será mencionado para preservar a identidade do entrevistado], viajando o país inteiro, fazendo reportagens sobre esporte, economia, hum... situação social, mini revolução, ahm... agricultura, seja o que for... tudo que você podia imaginar. E passei muito tempo na Amazônia, até morei com um tribo de... durante quase três meses, muita coisa super interessante, era como estar na... na... numa faculdade aprendendo coisa mega interessante e alguém te pagar, né.”*

Um outro exemplo da certeza de Henrique por ficar no Brasil é um trecho de sua entrevista quando ele cita que já pensava em se aposentar morando no Rio de Janeiro desde o início de sua vinda.

*“E fiquei um ano aqui, hã, depois de um ano cheguei a sair do país mas fiquei voltando de vez em quando e... ahmm... até que um ponto em 72 me ofereceram a posição de correspondente da [Henrique cita um veículo da imprensa inglesa que não será mencionado a fim de preservar a identidade do entrevistado], que naquela época era a maior agência da imprensa do mundo. Então, fiquei aqui, eu comecei a construir; ahm... eu morava lá no asfalto como dizem, ahm, mas eu já tinha planos pra eu... pra me aposentar bem no futuro, eh, o dia que eu ia parar de correr pra lá e pra cá, acordar quatro horas e meia de manhã para fazer reportagens, essas coisas assim. Um dia eu ia me aposentar, eu ia voltar para a minha pintura. Então, decidi construir um atelier. Lá onde eu morava, tinha... a, a empregada, a... Creusa, gente boa pra caramba. Ela passou mal, eu trouxe ela pra casa. Ela morava aqui em cima, nessa época aqui na Tavares Bastos tinha talvez ahm quatrocentas pessoas morando aqui, e era tudo casebre, tudo feito de restos de qualquer coisa né, mas não tinha nada de alvenaria, nem de concreto, nem de nada. Ai eu olhei fora da janelinha dela, depois de dar um água pra ela, ver que ele está bem, olhei na janelinha dela eu vi esta vista aqui, uau que absurdo, maravilha, que... de tirar o folego! Aí... meu Deus, este é o lugar onde tenho que construir o meu atelier!”*

As experiências levaram Henrique para muitos lugares e situações diferentes. Ele poderia ter escolhido qualquer um desses para viver, para fazer sua nova morada. Isso respalda o fato de que não foi por falta de opção, que realmente o Rio de Janeiro foi a preferência real dele.

*“E durante esse tempo eu, eu conheci muito gente mesmo, eu...e presidentes do país e políticos até poetas e... e... ahmm eu fiquei dois vezes hospedado na casa do Jorge Amado, ahm, e... e não só aqui... América Latina eu... ahmmm, eu... eu fiquei hospedado na casa do Mario Vargas Llosa também é, e ahm... falando de escritor.. É muita gente assim.. Então eu conheci poetas e escritores e gangsters, e... [Henrique faz uma pausa e respira fundo] e... gente do melhor e do pior que você pode imaginar com... durante o meu tempo de... de correspondente, hein. Já fiz muitos filmes independentes também, devo ter feito milhares de filmes, né. Aí já algumas que lançaram pessoas em carreiras internacionais, de filmes que ficaram famosos.”*

Em determinado momento da entrevista, Henrique, de certo modo, resume a sua decisão: *“pra mim Brasil é um, é um base que... que quase a gente pode simplificar... ah... não totalmente, mas há um fato que eu não preciso aguentar tantos dias cinzas de chuva como eu, se eu tivesse ficado lá em Londres”*.

Márcia Prada<sup>14</sup> tem 37 anos e veio parar no Brasil por acaso, numa história de certo modo parecida com a de Henrique Souza. Um turismo movido por algo inusitado, se é que pode ser assim chamado.

---

<sup>14</sup> Entrevista concedida a Tatiana Tannús Grama, em Brasília/DF, no dia 20 de setembro de 2017. Duração: 37 minutos e 27 segundos.

*“eu vim pra o Brasil por.. nem sei porque eu vim hehehehe (...) Então... minha família tem uma... empresa familiar. Eu tenho dois irmãos e meu pai. Aí... pelas circunstâncias familiares, da... da... da vida, né. Da minha vida. Eu aposentei no ano de 2015 (...) com (...) 35 anos. E aí eu fiquei em casa quando me aposentei com um monte de grana, mas minha vida não era aquela vida que eu achava que ia ter, era aquela vida vazia (...) Meu pai pediu pra mim ajudar eles, ele lá na em... no negócio familiar, eu fui lá ajudei um pouco, mas... cara, não era o que eu precisava. Então, minha família é muito [Márcia faz uma pequena pausa e respira fundo] fechada (...) Então... eu tive uma briga com eles. Má uma briga muito feia, hehehe, coisa de família. Aí, infelizmente, por deformação profissional, não sei se é a palavra certa no português, eu sempre levo o passaporte comigo no carro. Sempre levava no meu carro meu passaporte (...) Aí eu cheguei no aeroporto, peguei um avião, cheguei em Madri. Mas aí eu achei que Madri... eu precisava me afastar daquela vida que eu tinha lá. Eu... ia tomar férias, pegar umas férias de dez, quinze dias, aí eu quando eu voltasse, tinha a cabeça mais fria, mais.... E aí... naquele avião eu achei que Madri ficou perto. Falei pra moça da informação, eu falei pra ela “você tem algum avião que vai sair agora”? Ela falou “tenho, tá indo uma pra Panamá”. “Me dá uma passagem” (...) Aí, bom... eu dei o cartão, entrei naquele avião. Aí chegando... ainda chegando pra pousar no aeroporto do Panamá, em Tocumen, eu achei que o Panamá me ficava perto ainda (...) Aí, no ponto mesmo de informação do aeroporto de Panamá eu falei com a moça “Tem algum voo que esteja indo pra outro lugar, para outro país”? Ela falou “temos aqui Costa Rica”. Mas Costa Rica era perto... hahahaha. “Temos um que vai sair quarenta minutos pra o Rio”. Eu falei “Pô, dá esse, dá esse voo aí pra mim”. Eu peguei o avião, cheguei no aeroporto do Galeão mês de julho do ano passado. 13 de julho. Sem mala, com a roupa que eu tinha no corpo. Dinheiro... sim, trazia dinheiro. Mas... cartão, dinheiro na vista, dinheiro vivo, né. Mas com a roupa que eu trazia no corpo, cara. Não... era o passaporte e cabou, não tinha nada mais. Com passagem de ida. Hehehe. Só que aí eu cheguei no aeroporto do Galeão, e ... o cara da imigração falou “é, mostra sua passagem de volta, me mostra”. Eu falei “não trouxe, se gosto do Brasil, fico”. [Márcia ri muito quando conta essa situação] (...) Foi naqueles dias das Olimpíadas, antes das Olimpíadas que Rio estava lotado. Tinha um monte de estrangeiro, tinha um monte de pessoas, tinha... tava louco aquilo... Tá, mas eu não queria isso, eu precisava paz. Tranquilidade. Aí, eu... [Márcia ri] foi muito curioso, né. Porque eu saí do aeroporto sem referência nenhuma de n... ninguém, de nada, sem falar português, sem conhecer ninguém, sem ter ainda nem hotel pra onde ficar. Mas eu sou assim... eu sou... doida mesmo. Eu acho que é a profissão, né, de, de... que você não tem medo de nada. Chega numa cidade, se não fala, não fala. Eu faço sinais, aí... se entendeu... mímica. Se entendeu, entendeu, se não... furei! Hehe. (...) E... aí saí de uma volta, mas tudo tava muito lotado. (...) E aí, (...) eu peguei um avião e vim pra Brasília. Do mesmo jeito, sem hotel, sem conhecer ninguém, sem nada...”*

A princípio, ela conta que não ia passar muito tempo na capital federal. *“Minha ideia era vim dez, quinze dias. Um mês, no máximo. Não tinha roupa, não tinha nada. Nada! Nem conhecia ninguém”*. Então Marcia conheceu um rapaz, *“aí o cara resultou ser um cara muito legal. Então, a gente começou a se envolver, e se envolver mais, e mais, e mais, e mais, e mais... Você não imagina até ponto que chegou”*. E, em seguida, ela conta sobre outras conquistas.

*“Eu falo cinco línguas, eu sou uma pessoa preparada, tenho duas formaturas (...) Fiz um currículo, comecei a procurar escolas de línguas. (...) achei que tinha uma escola. Aí... fui lá pra perguntar, nem foi pra procurar um trabalho. Fui porque eu precisava aprender português. Eles falaram “Não, estamos precisando de uma professora de espanhol”. Falei “Pô... táí, vou enviar o currículo pra vocês”. Aí outro dia comecei com uma turma. Arrumei emprego. (...) Eu fiquei porque me apaixonei. Fiquei no Brasil por isso, me apaixonei por um brasileiro que... agora eu nem sei como me acordar de manhã sem uma mensageira dele no zap “Bom dia meu bem, você tá bem”? [Márcia faz uma pausa de poucos segundos] É isso... é a história. Tenho um trabalho, tenho um emprego, tenho, agora tenho um... trabalho em três escolas diferentes, tenho meus alunos vips, tenho... agora não quero ir embora.”*

Gustavo Bianco (2017) tinha um desejo de fazer trabalho voluntário internacional e isso o trouxe ao Brasil.

*“A... a escolha do Brasil na realidade foi... não dependeu diretamente de mim. O que dependia de mim era a vontade de fazer uma experiência de voluntariado internacional fora da Itália. Essa era a minha vontade. Depois, a escolha do Brasil decorreu mais de fatores é... con... contextuais, contingentes (...) É... Eu queria ir na África, por exemplo, na América Central. Se eu tivesse que, a partir do meu imaginário, esc... ter que escolher um país, eu teria escolhido algum país africano ou da América Central que eu conhecia um pouco melhor. O Brasil também con... quer dizer, sabia que existia, mas não tinha muito mais conhecimento do Brasil. (...) A motivação foi... assim, até hum... pra mim, algo de... uma experiência até pra me ajudar a repensar minha vida por algumas questões pessoais, assim. Então, eu tinha vontade de fazer uma experiência forte, vamos dizer, uma experiência que mexesse um pouquinho na minha vida. E a ideia era um projeto de três anos. Então, a ideia era fazer três anos e voltar pra Itália. Aí eu cheguei no Brasil, em Guarulhos exatamente, é... vim pra Brasília depois de um mês pra fazer um né... um curso de formação, é... curso de português e ao mesmo tempo de formação vamos dizer, sobre a cultura brasileira, o conhecimento do Brasil. (...) Entrando nas questões das motivações, então a motivação pra vim no Brasil foi, repito, a vontade de fazer uma experiência tanto em termos pessoais do que uma experiência que me ajudasse a me repensar então uma questão mais pessoal quanto uma experiência de voluntariado, de serviço, de transformação social, que era o âmbito onde eu trabalhava e que tinha muita vontade mesmo de fazer. Então, foram as duas, essas duas motivações, uma eu diria mais interior, pessoal, e outra, uma outra mais de motivação social.”*

Já com relação a permanência, Bianco cita a relação afetiva como uma motivação de estrangeiros para ficar no Brasil, inclusive como a sua própria motivação principal, pois aqui conheceu sua esposa e isso, de certa maneira, o fez ficar. Mas ele faz uma avaliação um pouco mais ampla a respeito disso.

*“Agora, chegando no Brasil, a decisão de ficar no Brasil pra mim esteve relacionada... então, aqui também foram várias motivações. A primeira é a questão de que conheci a Sônia [esposa de Gustavo, cujo nome também foi trocado para preservar a identidade de ambos]... e... e a decisão foi de ficar no Brasil pra dar*



*continua... continuidade com essa experiência de vivência com, com essa pessoa. Mas acho que não foi a única razão. Porque eu... enfim, a ideia era ficar três anos. Inclusive os que mandaram pra cá pensavam, apostavam no meu retorno e já tinha arrumado o que eu fazer na Itália no meu retorno. (...) Mas assim, eu acho que um outro fator que me fez com que eu ficasse no Brasil é o fato de que eu no Brasil achei oportunidades que talvez eu na Itália não teria. É... Oportunidades... é... tanto em termos de trabalho, assim, eu consegui com bastante facilidade achar trabalho (...) E de qualquer forma, eu percebi que... não sei se pelo fato de ser italiano, ou pelo fato da formação também que tinha, é... que aqui no Brasil teria mais espaços do que, do que propriamente na Itália. E acho que isso pesou também, o fato de que pra mim uma permanência no Brasil do ponto de vista profissional poderia ser interessante é... em relação a Itália onde eu tinha uma única saída (...) não tinha muitas outras possibilidades. De fato isso se concretizou, porque eu permanecendo no Brasil eu ahm...comecei a dar aula (...) atualmente trabalho num centro de pesquisa (...) Enfim... acredito que consegui um enriquecimento do ponto de vista profissional que eu acredito que não teria, não teria na Itália. Então, enfim, em termos de motivações eu diria que a primeira foi a Sônia, o fato de dar continuidade a esse encontro que eu tive. (...) Mas mesmo assim não foi só isso... eu acho que... é... eu gostei muito da, da riqueza cultural do Brasil.”*

Gustavo diz que muitos estrangeiros que se apaixonam levam a pessoa amada embora do Brasil, então é preciso algo além disso para fazer com que optem por permanecer aqui.

*“Então, enfim, tem uma questão afetiva, tem uma questão profissional e ... no sentido de trabalho, mas tem também uma questão de, de afinidade cultural, é... no caso específico do meu trabalho (...), mas não é só trabalho, é opção de vida, eu diria, que realmente era muito forte, e... no caso do Brasil, da América Latina eu diria em geral, não é só o Brasil.”*

Lucas Moreira (2017) também não escolheu precisamente o Brasil quando veio em 2001. Ele queria fazer um estágio em algum país da América Latina e também aprender um idioma.

*“a motivação foi querer fazer mais um estágio num país estrangeiro e também de alguma forma aprender outro idioma. Ehm... Já falei espanhol, mas é... do outro lado queria ir num país ehmmm... da América Latina. Mas não era por... super, muito, preciso ir pro Brasil... não, não... nem, nem foi essa a intenção na verdade. Também a intenção foi um pouco mais porque já tive algum... ehm... alguns contatos através de um instituto na Alemanha onde trabalhei como bolsista, de... como estudante bolsista (...) Aí na verdade nem foi... o... a ideia inicial nem foi muito que “ah, tem que ser Brasil” porque já estava meio apaixonado pelo Brasil antes de vir pra cá. Isso nem foi a motivação, a motivação foi mais pra ir num país da América Latina e talvez ainda aproveitar pra aprender idioma. (...) Ah, isso foi em 2001 (...) Fiquei uns dois ou três meses, dois ou três meses.”*

Em 2001 aconteceu mais de uma vinda, que perdurou até 2002, 2003. Em 2004 Lucas

veio novamente, com motivação semelhante as das vindas anteriores.

*“Bom, depois... durante esse tempo de estágio eu fiz é... hum... é... contatos (...) e surgiu a ideia de voltar pra cá pra fazer a pesquisa de campo pra tese de diploma... diploma como mestrado. Aí meio ano depois eu voltei pra fazer a... é, acho... é, foi mais ou menos meio ano, voltei pra fazer a pesquisa de campo pra mestrado. Aí fiquei mais uns dois ou três meses, aí depois voltei pra Alemanha, terminei o... o mes... o diploma, o mestrado (...) Aí eles começaram, começou um projeto lá de pesquisa na região serrana do Estado do Rio. Aí eu comecei a trabalhar nesse projeto, e fui... uns dois ou três meses também não só trabalhar da Alemanha para esse projeto, mas também fazia pesquisa de campo dentro desse projeto em Teresópolis. Aí fiquei uns dois ou três meses em Teresópolis (....) Isso era.... .... ahm.... 2002 ou 2003, por aí. Teria que ver, eu não lembro (...) Aí também nesse tempo pensei também o que vou fazer depois de terminar o diploma e tal. Aí, ehm.... como minha orientadora da tese de mestrado gostou bastante da tese, ela ofereceu de ser orientadora de... ahm... de um doutorado. Aí pediu uma bolsa de fazer pesquisa de campo de doutorado (...) Aí ganhei a bolsa de um ano. Isso foi... em... 2004, eu acho... que finalmente recebi é... recebi a bolsa... o... é... começou a bolsa em 2004, em setembro de 2004. Aí eu voltei com essa bolsa de um ano pro doutorado. Que na verdade nessa época me lembro bem que não estava muito a fim de, de voltar pra cá. Por fins pessoais também ia ter preferido mais ficar em Colônia, na verdade.”*

Mas durante a entrevista ele conta outros vínculos que já tinha ou que criou com o Brasil.

*“Bom, aí... bom, eu gostei bastante o tempo aqui no Rio e tal... É... Talvez uma coisa.... também... antes... eu não... como falei, eu não, não tinha muita coisa, eu não sabia muita coisa do Brasil em geral, digamos. Bom, tem algumas impressões do Rio que todo mundo tem. Muitas coisas do Brasil em geral, que sabe a Amazônia, por exemplo. Essas coisas, não. Mas talvez meu vínculo mais forte com o Brasil foi ... já foi a música, na verdade. Porque antes eu já gostava de escutar um samba jazz, um bossa nova, essas coisas. Talvez esse já foi meu vínculo mais forte com o Brasil.”*

Mais uma vez a música brasileira imbricada nas questões ligadas ao ânimo dos turistas de permanecerem no Brasil. Porém, Lucas acrescenta outras justificativas.

*“Mas como tava com essa opção, aí fui... e na verdade até eu me lembro também bem que falei pra alguns amigos “ah, quem sabe eu volto antes desse ano terminar” na verdade. Mas aí fui pra cá e tal... e bom, comecei a me sentir bem, assim, o arranjo tava, tava bom e tal. Ahm... aí também, bom, fiz várias coisas no doutorado também. Aí mas também surgiram opções também de, de ficar talvez um pouco mais tempo aqui também. Novo projeto começando (...) Na verdade um projeto em Recife. Mas, é... podia trabalhar a distância daqui do Rio. Fui às vezes também pro Recife. Bom, isso já no ano, no primeiro ou no segundo ano depois da bolsa terminar. Mas aí continua ficando digamos, mas nada muito fixo dizendo que “ah, não, eu quero morar aqui pra minha vida inteira”, o que na verdade ainda não, não vou dizer nunca. Talvez nunca vou dizer, sei lá. Mas continuei ficando, digamos, ah, mais um*

*ano. Digamos, aí continuava tendo opções de ficar aqui, trabalhar aqui, ou trabalhar daqui talvez para outras coisas também. Quer dizer, ter a minha base aqui no Rio de Janeiro. Aí isso continuou e eu continuei mais, tal (...) O que me atraiu pra ficar aqui? (...) a cidade, a cidade do Rio eu acho que é muito especial pela localização, pela mistura entre a cidade na natureza, a natureza no meio da cidade, as praias, o mar, as montanhas, a floresta. Tudo isso junto com uma, uma cidade que tem bastante história também, que é muito diverso. A diversi... ahm, a diversidade no Rio de Janeiro me atrai muito, a diversidade em vários sentidos. Não só nos sentidos bons, também, mas... também com todos os problemas também que acho interessante de conhecer, de estudar, talvez de contribuir também pra alguma coisa melhorar, que também é o foco do meu trabalho. Ahm... e o que me deixou ficar aqui é, é bastante isso também. Eu gosto do... O tempo aqui, eu não preciso mais que 35 graus que faz no verão aqui. Mas em geral o clima é muito atraente também. E atrai... essa diversidade, gosto muito de natureza. E ter a opção de morar perto da praia, do mar, mas também das montanhas, da floresta... ehm... pra mim significa um alto grau de qualidade de vida, na verdade. E também tem questões de... é social, ehm... o povo é bem aberto, eu gosto também muito de música em geral (...) Aí todas essas coisas juntando me deixaram a ficar aqui.”*

Uma das razões da permanência de Lucas é muito parecida com a razão de Henrique, que a paixão por uma cidade.

*“eu amo a cidade do Rio de Janeiro (...) Bom, às vezes assim, tipo pensando em São Paulo, por exemplo, eu acho que não ia ter ficado tanto tempo em São Paulo. E gostaria talvez de conhecer mais um pouco, de só ficar dois ou três dias, durante final de semana. Tipo, se, se surgir uma boa oportunidade de um trabalho, um projeto de três meses, talvez até meio ano... talvez eu ia fazer isso pra, só pra conhecer mais, eu gosto de cidades grandes, ehm... essas coisas... mas não ia ter ficado tanto tempo em São Paulo. Quando fui, por exemplo, ehm... visitar Buenos Aires, aí também pensei que olha, Buenos Aires é legal também. Quem sabe ter feito o estágio em Buenos Aires e não no Rio de Janeiro talvez hoje em dia estaria em Buenos Aires. Ou talvez eu ia estar algum tempo em Buenos Aires até visitar o Rio de Janeiro [Lucas ri muito e a pesquisadora ri junto com ele]. Depois pensar... olha aí, eu acho que o Rio de Janeiro é um lugar legal pra ficar! [Ele diz essa frase com ênfase e meio rindo] Não, mas realmente é a cidade mesmo. Não sei se eu ia morar tanto tempo em outra cidade do Brasil.”*

André Vidal (2017)<sup>15</sup>, africano de Guiné-Bissau, contou uma história emocionante e inesquecível. E, em seu caso, a motivação para vir coincide com a motivação para a permanência. O Brasil é para ele o país de seus sonhos, isso o fez viajar e isso o motiva a ficar.

*“Com 11 anos sempre tinha vontade de conhecer o Brasil, sempre tinha vontade, com 11 anos de idade! É... eu, eu me, eu me lembro como se fosse ontem quando tava com meus amigos... a gente brincava e... aí a gente... é, brincando na areia na África, perto da casa do, do meu pai. A gente cavando, brincando... coisa de criança... aí peguei moeda, aí eu olhei... moeda era República, República Federativa do Brasil. Nem era cruzeiro na época, não era cruzeiro na época, eu não lembro*

<sup>15</sup> Entrevista concedida a Tatiana Tannús Grama, em João Pessoa/PB, no dia 23 de setembro de 2017. Duração: 6 minutos e 22 segundos.

*qualé dinheiro que era, mas eu lembro que tava lá República Federativa do Brasil. Aí eu disse pro meu amigo: ó, eu vou nesse país um dia! Meu amigo “mas como??”. “Eu vou”! hehe, tinha 11 anos... Aí... comecei estudar, terminei o ensino médio no meu país e entrei na Embaixada. Entreguei documento como... para medicina, eu fiz a prova para medicina. Só que... eles em 2009, eles diz que a medicina não, para medicina não tinha vaga, não tem vaga (...) Eu disse “tá bom, mas tem pra odontologia”? Aí ela diz que “odontologia tá muito, tá ocupado” (...) Então eu resolvi encaminhar para enfermagem. Aí assim que eu comecei... a enfermagem... (...) Trabalhei estudando, trabalhei estudando, escola pri... privado. Aí me formei... aí eu fui pra federal, eu fiz prova pra mestrado, fiquei em sétimo lugar, aí eu tô concluindo a minha, o meu mestrado agora, entendeu? Então, o Brasil é um país do sonho e eu consegui realizar esse sonho, entendeu... sempre sonhei com isso.”*

O italiano Benício Martinelli<sup>16</sup> vem para o Brasil desde a década de 90, e diz gostar muito daqui.

*“Deixei a Itália porque gosto muito do Brasil. Conheço seu país desde 1990, a primeira vez que cheguei aqui era 13 de dezembro de 1990, no Rio de Janeiro. Cidade maravilhosa! Depois conheci São Paulo (...) casei na Itália e me separei em 2009. Em 2010 peguei um avião e cheguei outra vez no Brasil. E escolhi pela primeira vez na minha vida o Nordeste, lá cidade de Natal. Passei um tempo (...) muito bom (...) Aí depois, sessenta dias, veio outra vez de avião e cheguei outra vez aqui em Natal. Mas segunda vez não teve boa sorte, fui assaltado em Natal. É... o bairro, de Natal, Ponta Negra, é turístico, é... é não é muito bom. É, antes vai de volta na Itália, em 15 dias, antes da passagem. Paguei a multa e voltei antes na Itália. Depois de um ano, depois, 2011, conheci João Pessoa. Todo mundo falava que a cidade era tranquila, bonita, verdade. Cheguei aqui, aluguei apartamento (...) Aí depois, conheci minha (...) namorada. Ah, vai... ida e volta, ida e volta. Aí depois eu pensei numa coisa: tenho 57 anos, 56 anos (...) Preciso mudar minha vida (...) morava junto com minha mãe. “Mama, preciso mudar minha vida”. “Filho, vai, vá onde tiver bom coração”. Aí voltei pra cá.”*

A princípio o relacionamento fez Benício ficar, mas depois ele relata outras questões.

*“O dono de questo barzinho (...) precisava alugar. E não tinha que dar a um brasileiro, tinha que dar a um estrangeiro. E eu conhecia ele (...) reformei totalmente, totalmente. E fiz um quiosque com um jeito europeu. Construir uma família de cliente era a coisa mais importante. Porque se (...) não tem cliente, então não tem nada. Estou construindo, devagar, devagar, questa grande família (...), é a primeira coisa isso. E você comprar mercadoria boa, de qualidade, abaixo nunca. É tudo muito gosto, gasta dinheiro, primeira qualidade. Acho que o segredo de questo sucesso, (...) seriedade, não gosto de fofoca, fico, fico longe (...) não me, não gosto. E ser sempre simpático, educado com o cliente. Cliente (...) tem sempre um carinho (...) é meu segredo. Agora que separei da minha mulher, mas tudo bem, não dá certo, não dá certo (...) a vida continua. Chegou, chamei um italiano que... da minha, da minha região porque tinha que colocar uma pizzaria aqui na orla, vamos fazer uma pizzaria italiana (...) com preço barato e com qualidade. Meu sonho é quisto, hahaha, não preciso de um apartamento de um milhão de reais aqui, preciso de trabalhar.”*

<sup>16</sup> Entrevista concedida a Tatiana Tannús Grama, em João Pessoa/PB, no dia 29 de setembro de 2017. Duração: 14 minutos e 49 segundos.

Além disso, outras coisas atraem Martinelli no Brasil, e ele também faz severas críticas a determinadas questões.

*“Deixa pra lá o Lava Jato, deixa pra lá a corrupção, seu país precisa levantar a cabeça e controle do banco. É que bancos estão matando. Porquê? Na Itália, na Europa, o cartão de crédito o juro é 100% por ano, senhora, por ano! E aqui, quanto? Quatrocentos e tanto por cento por ano! Quisto é um delito, entende? Comprar apartamento na Itália é quatro por cento. Aqui quanto custa? [Benício cita algumas palavras indefinidas que não foi possível transcrever enquanto bate a mão na mesa para dizer-las, demonstrando indignação] Aqui quanto custa? Acho que o grande problema do seu país são os bancos. Os donos de banco colocam o brasileiro com a cabeça no chão. Levantemos a cabeça, por favor! (...) o salário mínimo não dá pra viver hoje, não dá... porque o juro é alto (...) [A entrevistadora pergunta a Benício o que ele acha que mais o identifica com o Brasil] Calor, calor... gosto de sentir calor. Sul de Itália é o nordeste do país. No norte da Itália é, é outro lado do país. Agora, italiano do sul da Itália aparece muito o carioca, o nordestino, gente alegre (...) eu (...) trabalho, trabalho muito...”*

Cleber Ferreira (2017) veio da Alemanha para o Brasil para realizar seu projeto de pesquisa acadêmico em 2005, 2006.

*“eu fui a primeira vez para o Brasil em dois mil e... seis... cinco, 2005! E nessa época eu fui para o Brasil porque eu tinha um projeto, eu tava estudando física na Alemanha (...) eu... ahm... tinha contato com um professor, eu trabalhei com um professor por muito tempo que tinha contatos para o Brasil e para muitos, muitos outros países. Eu sempre quis sair, então eu sempre quis ir para um outro país mais exótico. A maioria dos físicos vão para ... Estados Unidos, ou para outros países europeus porque lá geralmente a qualidade de equipamentos é melhor (...) Ahhh, mas eu honestamente escolhi o meu orientador na Alemanha porque eu sabia que ele tem contatos para o Brasil, para a Índia, e alguns desses países. E assim eu fiz o meu trabalho, o meu... eh trabalho experimental para a minha graduação, um sistema antigo da Alemanha de uma graduação de um ano, um trabalho de pesquisa, ahm, ahm... aqui no (...) no Brasil, aqui no Rio.”*

Assim como outros entrevistados, o verão brasileiro é algo que atrai Ferreira. E isso faz parte do conjunto de motivações que o fizeram permanecer no país, mesmo que tenha conhecido e até mesmo morado em outros lugares.

*“Mas quando eu voltei para a Alemanha, depois... algum... eu morei em muitos outros países, ahm, então nalgum momento eu pensei que talvez eu quero para o Brasil, especi... para o Rio, na verdade, por causa das praias, as montanhas e tudo que tem aqui.... E também eu tinha nessa época uma namorada quando vim em 2005, 2006, e... ahm... eu pensei que talvez eu vou tentar de novo com ela [Cleber ri] Isso foi também... Foi tudo no meu cálculo. Ehm... E nessa época, isso foi em 2011, eu não trabalhei mais na física, eu já tinha o meu doutorado, eu tinha uma empresa*

*nessa época (...) eu quis sair dessa empresa, mas os meus colegas não quiseram me deixar, então eu fiz... ahm... é... então eu falei: então eu posso ficar, mas só se isso, isso, isso, e... caso alguma... eu posso trabalhar do Rio. E assim eu voltei do Rio. Isso foi em dois mil... no fim de 2011. Depois eu saí dessa empresa. Depois eu comecei trabalhar (...) como pós doc. Depois eu tinha uma bolsa (...) entre aqui e a Universidade em Cambridge, fui professor ida e volta e depois eu consegui alguma vaga aqui (...) Isso é a história mais ou menos” [Cleber ri um pouco].*

Chama a atenção na fala dele o fato de querer ajudar o Brasil. Ele cita mais de uma vez esse ponto que, com certeza, faz parte de sua motivação em ficar.

*“Então, iá, e assim, por causa disso eu decidi... foi uma decisão mais, mais fácil, porque eu sabia que a cidade é muito linda (...) eu sabia que eu gosto da praia, eu sabia que eu gosto do tempo bom, que na Alemanha sempre é um problema... ehm... muitas outras coisas... ehm que eu gosto daqui, iá, mas é isso [Cleber sorri e é questionado sobre o que ele acha que mais o identifica com o Brasil] eh, com certeza sim, especificamente com a cidade... sem dúvida, ahm sem dúvida. E eu também ahm faço o meu traba... (...) considero o meu trabalho... por exemplo, também... porque eu sou professor, significa que eu estou educando pessoas. E eu estou vendo o meu trabalho também como uma ... a minha motivação também chega do fato que eu quero ajudar ... ehm... o Brasil, e também, sim, com certeza, então isso faz parte com certeza do meu, da minha missão [Cleber dá um suspiro profundo e ri. Nesse momento questiono de que forma ele pretende ajudar o Brasil] (...) Então, porque, porque... Então, aqui é assim que, por exemplo, na [ele cita o nome da universidade onde trabalha, que não será mencionado para preservar a identidade do entrevistado] o sistema de educação como os cursos são estruturados é muito... é muito ruim na minha opinião, muito muito ruim. Além do fato que muitos professores da [nome da universidade] são... hoje a [nome da universidade] está obviamente cheio de pesquisadores pelo menos conhecidos, ehm, mas no mesmo tempo a qualidade dos cursos e também... por exemplo... é... não é tão bom. Então, isso eu quero mudar. Eu acho que eu estou motivado... mas talvez a coisa pior aqui nas universidades em geral ehm... que o jeito como a educação funciona é que eu acho não muito bom para o futuro dos alunos. Os alunos são considerados alguma coisa menor, o estudante é uma coisa... com menos peso. Mas na verdade é o contrário, porque o professor normalmente ele tá, não tem mais tempo para fazer pesquisa, ele tá, tem cabeça cheio com coisa de administração. E essa hierarquia que os estudantes realmente são tratados como pessoas de segunda, ou, vamos dizer, como a classe mais baixa que tem na universidade. Isso é programado dentro da cabeça deles, isso é o que eles experimentam o tempo todo. E assim, eles vão, no caso pior, continuar assim, se eles não vão para os Estados Unidos e experimentam um outro ambiente. Isso, por exemplo, eu estou ativamente combatendo (...) Isso é, por exemplo, uma coisa onde que eu quero ajudar. E além disso, tenho que dizer que os estudantes daqui são extraordinariamente, pelo menos (...) os meus alunos são extraordinariamente boas. Eu dei aulas em Cambridge, em Berlim, eu nunca tinha tantos alunos que eu acho que são, tem um potencial muito grande. Só que o potencial é parcialmente destruído do sistema. Mas, é, os meus alunos são muito bons, então eu quero dar um apoio para... eu acho que isso é a minha parte, né” [Cleber termina de dizer isso e ri com simpatia].*

Mathias Borges é artista e conta que sempre viajou muito e que já tinha vindo antes para o Brasil, mas que um convite para participar de um curso que o fez vir mais recentemente. Ao fazer seu relato, ele já entra um pouco nas questões que motivaram a sua permanência aqui.

*“sou artista, sou artista de rua, sou palhaço. E... a primeira vez que eu vim aqui foi fazendo essa arte, né. Viajo por todo lugar desse jeito. E esta vez, é... me encontrava na Colômbia, e apareceram umas moças “estou indo para o Rio de Janeiro, para uma escola de palhaços”. E... além de parecer-me algo estranho, e... uma escola de palhaços, me pareceu interessante, né, atraente. E aí eu vim a Rio de Janeiro. Por isso (...) convocaram uma turma de 33 e (...) escolheram 21 personas (...) ficamos dez meses aqui na escola estudando... uma semana durante o mês e... daí... cada um voltava para o seu lugar onde mora. Mas eu não conseguia voltar para a Colômbia (...) E aí eu escolhi ficar, e comecei a morar em Rio de Janeiro (...) fui mudando durante o ano de estudos entre São Paulo e Rio de Janeiro. E aí terminou a escola e gerei muitos laços de amizade durante a escola, né e também gerei muitos amigos que já conhecia da primeira vez que viajei aqui no Brasil (...) as amizades, né, os laços que se geram, as oportunidades que... com a escola, conhecer pessoas do grêmio, né... das pessoas que... festivais, convenções. E aí fui viajando já para outras cidades de Brasil, participando de convenções e festivais. E aí fui conhecendo mais galera do mesmo grêmio, já não só de Rio e São Paulo, se não de mais estados... e aí... resolvi ficar... (pergunto que ano foi isso) ... isso faz curso de dois anos. [Mathias faz uma pausa] E agora estou por acá Brasília porque antes estava em Goiânia em dois festivais de circo, uma convenção e um encontro. E é isso.”*

Ele também relata outros aspectos que estão relacionados com o seu estímulo em ficar, e demonstra ter uma noção diferenciada acerca do fazer turismo. Uma noção que coaduna-se com o viés escolhido pela pesquisadora, de um turismo humanizado.

*“Eu acho que eu convidaria as pessoas a que virem a Brasil, a conhecer o verdadeiro Brasil, si. A conhecer o verdadeiro mineiro, a conhecer o verdadeiro carioca (...) É... que venha a Brasília, mas que não fique no... acá no plano, que vai para suas satélitas, que vá a Ceilândia, que vá a... Que conheça o brasileiro de pele, sabe. Eu acho que assim deveríamos ir para o mundo todo, a conhecer as verdadeiras pessoas, não aquelas que nos mostram nem na televisão, nos meios de comunicação.... as brasileiras não são as garotas de Ipanema, né... tem Marias Bethanias, tem... tem monte de coisas lindas, sabe. Então... eu acho que a galera deveria ser mais que turista (...) eu acho que a cultura es infinita em cada lugar onde consigo ir, sabe... é... ter a comunicação com as pessoas... falar... pra mim Rio de Janeiro (...) eu já morei em Rio de Janeiro tantos meses, mas sabe, nunca fui ao Cristo... nunca fui ao Cristo. Não acho que o Rio de Janeiro seja essa figura turística que plantaram de um negócio através de uma fé, né... a manipulação das massas... A mim... Pra mim o turismo, não sei... pra mim mais que turista, é viajar. És que viajar tem mais sentido, que não se trata de tirar uma foto “estou aqui”, senão do que me gerou esse lugar, as pessoas, esse, esse trato, essa comunicação, né. Porque sempre que você passa por lugar e intercambia, pelo menos uma fala com uma pessoa, você tem mudanças em sua vida. Não tem pessoa que fale que eu viajei e voltei e não seja o mesmo.”*

Ao ser perguntado sobre ter sido bem recebido no Brasil, Mathias responde de forma mais ampla, trazendo outras impressões pessoais interessantes.

*“Olha, vou te contar uma coisa. Eu já fui a vários países e... por coisa humana, sei lá... ou por ser (...) na forma que eu penso de viver (...) acho que em todo lugar fui bem, fui bem recebido. Só que aqui senti essa semelhança com Colômbia e esse... de a vontade, sabe, de... é... tem um calor humano aqui especial, sabe. Não sei... acho que essa raiz indígena e afro que se misturou acá com os brancos ocupadores, e... temos este mestiçagem, né.”*

Em resumo, percebe-se pelos relatos que os interesses ligados à vinda dos turistas entrevistados para o Brasil são diferentes dos estímulos que os fizeram prosseguir morando aqui, exceto no caso de André, o africano que vive o seu sonho de estar no Brasil. Também pode-se dizer que há uma coincidência na motivação dos que vieram estudar, desenvolver seus projetos de pesquisa e que permanecem aqui também com esse intuito. Porém, nesses casos, como fica claro nas narrativas, questões outras influenciaram na escolha por ficar, como as culturais. Assim, para os que vieram fazer turismo acadêmico, a motivação da vinda torna-se apenas uma das motivações da permanência e isso as torna diferentes, mesmo que guardem esse detalhe em uma semelhança.

Para dilatar ainda mais o entendimento acerca dos sinais e marcas ao longo da estrada que percorre o turista até tornar-se migrante, é preciso tratar das vertentes que tratam da territorialidade, pois ela contém pontos presentes nas falas dos entrevistados.

Gallero (2004) traz em sua análise algumas questões relacionadas com a compreensão sobre lugar e o que ele chama de “não-lugar”, e, assim, ele menciona a migração e cita a alteração de identidade que ela provoca. Para ele, há mudança na identidade de um lugar quando grande parte de seus habitantes migra, ou quando esse local recebe muitos migrantes, ou ainda quando há uma mudança radical no território por meio de alguma grande obra de uso nacional. E, para o autor, “as reações contra os imigrantes estrangeiros estão relacionadas com o ataque às verdades locais, criadas pela chegada de seres humanos portadores de outras convicções e valores culturais” (GALLERO, 2004, p. 39). Isso que o autor discute é muito atual e muito percebido nos países que repudiam receber migrantes, em especial os refugiados.

Não há por parte dos entrevistados e entrevistadas para essa pesquisa, ou pelo menos isso não foi dito, a percepção de que modificaram as relações por onde passaram, por serem estrangeiros. Ou pelo menos, se existe essa percepção, ela não foi relatada. Por outro lado, houve o relato das mudanças vividas por eles estando em um país diferente do seu, tais como o aprendizado de um novo idioma, o descobrimento ou ressignificação de códigos, dentre outros fatos.



De todo modo, é possível inferir que, por mais que passe despercebida, há sim uma influência do “turista-migrante” em seu novo habitat. Um exemplo é dito por Henrique, um dos entrevistados. Ele é filho de indianos e conta que não encontrou comida indiana de qualidade no Brasil e que, por isso, começou ele mesmo a fazer. Ora, a partir do momento que um novo sabor é introduzido ou ofertado, isso muda o local de destino, pelo menos sob o ponto de vista da alimentação. Não que haja uma imposição de um novo alimento ou tempero, mas da possibilidade que se abre para quem não conhece de consumir algo que antes, sem a presença desse “turista-migrante”, talvez nunca fosse experimentado. O brasileiro se abre a aventura de deixar de consumir feijão e arroz (citando um exemplo de um prato tipicamente brasileiro) para consumir a comida indiana feita por Henrique e seu filho.

Gallero (2004, p. 40) acrescenta que o lugar é modificado pela mobilidade, e aparece o *não-lugar*.

Correlativamente ao *lugar*, diz-se que o *não-lugar* é o que não guarda referências de identidade, relações ou história. A apresentação tende a tornar-se um pouco esquemática porque o *lugar* não desaparece totalmente e o *não-lugar*, introduzido no lugar, tampouco se consolida indefinidamente. Existe – e no turismo é muito claro – uma interpenetração entre ambos: o não lugar turístico necessita de, pelo menos, uma parte do lugar. Se o espaço de ócio distante cria *não-lugares*, estes também são produzidos pelas vias de circulação (estradas, viadutos, grandes áreas comerciais, aeroportos modernos), principalmente quando os governos abandonam suas responsabilidades e entregam obras públicas em concessões a particulares, sem maiores controles.

As falsas construções de novos cenários, vigiados e controlados; a propaganda midiática; o distanciamento dos visitantes e a transformação da vida cotidiana preexistente no *lugar*, contribuem para a configuração do *não-lugar*, *desprendendo-se* das características de identidade dos povoadores e criando um sentimento de estranhamento. Aqui, o grave não é a mudança, mas, sim, o fato desta mudança surgir por imposição externa. O *lugar* é construído através de relações horizontais para o interior da comunidade, e o *não-lugar* é fruto do peso vertical do poder que participa da economia global e dispõe de bons *lobbys* do ponto de vista político.

O autor dá alguns exemplos de não lugares: hotéis construídos nas costas de algumas praias com semelhantes arquiteturas; *resorts* (que são praticamente iguais) em diversas partes do mundo; feiras de artesanato que contenham muito mais do que produtos locais, mas uma gama de artigos que possam interessar ao consumidor. Ou seja, os “não-lugares” são frequentemente visitados por turistas. Se os turistas vão, quase sempre, para os não-lugares, o que os leva a tornarem-se migrantes? Se nos não-lugares não há identidade, então neles não há a transformação do turista em migrante? O não-lugar pode representar o “turista-

migrante”?

Os “turistas-migrantes” entrevistados não se encaixam nesse perfil. Eles não vieram para os “não-lugares” no Brasil. Por mais que alguns tenham se fixado no Rio de Janeiro, que é uma capital que contém espaços tidos como “não-lugares”, eles não vieram em busca disso. Não se hospedaram em lugares famosos ou em grandes complexos turísticos. Assim, tais locais não contribuíram para que ocorresse a metamorfose do turista em migrante.

Mathias e Márcia, em seus relatos, citaram os grandes eventos que aconteceram no Brasil como a Copa do Mundo e as Olimpíadas. Esses grandes eventos também se encaixam nessa concepção de “não-lugar”. Nesse sentido, ambos entrevistados criticaram tais atividades, conforme já foi transcrito o trecho. Márcia deixou o Rio de Janeiro exatamente por estar lotado na época das Olimpíadas, pois ela queria paz. Mathias (2017) contestou tais espaços, tais eventos, ao encerrar a entrevista com a seguinte fala: *“Acho que agora Brasil se ... está num momento bom para que venham pessoas a viajar ... porque está se vendo o verdadeiro Brasil, já se acabou a Copa do Mundo, se acabou os Jogos Olímpicos, se acabaram todas as cortinas de fumaça, né”*.

Há, além dessa questão atual, na fala de Gallero (2004) uma conexão que ultrapassa o que refletiu Melo (2011). Ele introduz também a questão da identidade, mais especificamente alteração de identidade por meio da migração, sobretudo do local do destino. Tal pensamento gera um encadeamento para que possa ser trazido o debate sobre a temática da identidade, relacionando-o com o turismo e a migração. Junte-se a isso a questão da nacionalidade, do pertencimento, que também passa por uma análise dos aspectos da identidade e da representação social e que pode ser sentida na fala dos entrevistados. Portanto, é preciso discutir tais questões, que colocam-se inseridas na trilha que leva o turista a tornar-se migrante.

### **2.3 O “turista-migrante”: um híbrido da diferenciação entre viagem e migração**

Bauman (2012) referencia a identidade como uma necessidade de pertencimento do indivíduo que deseja ser aceito por outros, pelo grupo e, na aceitação de sua identidade por esse coletivo, forma-se a identidade social. O autor aponta que a identidade dá ao *eu* um significado, uma segurança, um abrigo e uma possibilidade desse *eu* se livrar de suas

ansiedades.

Em uma abordagem acerca da construção e reconstrução de identidades e culturas, Chambers (1994) menciona que acontecem em um mundo que está em constante deslocamento. Migração e as fronteiras são citadas pelo autor como propulsoras de uma cultura moderna. Vale aqui dizer que, assim como o deslocamento é um fundamento da migração, deslocar-se também é a base do fazer turismo.

Porém, ao comparar viagem com migração (mais no sentido de um deslocamento constante, como uma peregrinação), o autor diferencia ambas. Pontos fixos de partida e chegada caracterizam a viagem e essa necessariamente tem um retorno, uma volta para casa. No caso da migração, não existe imutabilidade nos pontos de partida e de chegada e há uma submissão com relação a mutação de línguas, histórias e identidades. Para o autor, tudo está em trânsito na migração. O “turista-migrante”, pode-se assim dizer, é um híbrido dessa diferenciação entre viagem e migração apresentada pelo autor, visto que o turista que passa a residir no Brasil guarda a imutabilidade do ponto de chegada, que é característica da viagem e também preserva, no mesmo passo, a inconstância na linguagem, identidade e história mencionadas por Chambers (1994) quando fala da migração.

Isso fica muito claro em algumas das falas feitas nas entrevistas para a pesquisa. A questão do idioma, no início, é algo que muitos citaram como uma dificuldade, um estranhamento.

Segundo Chambers (1994), também não há como separar o “eu” em categorias e se contentar em apresentá-las como estanques e como suficientes para a descrição completa de cada identidade. Enquadrar alguém como “homem branco e inglês”, por exemplo, é um refúgio de certo modo reconfortante. Talvez esse refúgio seja o abrigo sugerido por Bauman (2012) quando fala da identidade. Mas o estrangeiro e todas nuances que carrega pode ser um dos contrapontos a esse e a outros confortos.

Há um reconhecimento da complexidade das próprias identidades no reconhecimento do estrangeiro em nós mesmos, quando a história de outras pessoas vira a nossa própria história. A identidade pressupõe uma relação entre indivíduo e social. Portanto, forma-se no movimento e nas contradições aparentes, está sempre em construção e em trânsito, apesar da fantasia que todo humano tem de se achar pronto e completo, possuidor do que o autor chama de “identidade plena”. Esse “eu” fictício, porém, não deixa de ser também composto de história e de cultura e, essa relação promove uma sensação de segurança, como relatou

Bauman (2012).

O teólogo Paulo Suess (2010) em sua análise sobre a migração, usa uma metáfora bastante apropriada. Ele compara a construção da identidade com uma casa que está em permanente construção, sempre recebendo mais anexos. Como cada um foi erguido em uma época, os anexos diferem-se entre si, com estilos díspares. Por mais que isso aparente uma quebra na construção, na casa, não há uma destruição do núcleo central dela que outrora foi erguido e que se mantém. Assim é a identidade, ela não é perdida, encontrada ou resgatada. A identidade incorpora anexos, se transforma o tempo todo.

Gustavo Bianco (2017) relata de forma muito franca o que ele pensa sobre a experiência do migrante e mostra compreender esse eterno construir da identidade.

*“Eu, eu acho que a experiência do migrante é... é a ausência da pátria no sentido de que a pessoa que migra tenta relativizar, inclusive o pertencimento. Eu não me considero brasileiro, mas não me considero também italiano, é... Agora, eu me considero, vamos dizer, é... alguém que é profundamente ligado e condicionado pela experiência no Brasil, como sou ligado e condicionado por vinte e cinco anos que eu vivi na Itália. Mas a experiência da migração, do turismo, da mudança, do deslocamento, é a experiência de você relativizar esses elementos identitários e você percebe que ninguém mais te identifica. Eu não sou nem brasileiro, nem italiano. Sou um italiano que vive há vinte e cinco anos, metade da própria vida, né, na... no Brasil. O que não me faz mais, eu não sou mais italiano, mas também não sou apenas um brasileiro, no sentido que tenho vinte e cinco anos de vida na Itália que me diferencia de qualquer pessoa que vive no Brasil. Então você percebe que você não se identifica mais com nada (...) Ou então, no sentido positivo, você se identifica com dois países. Embora não plenamente com nenhum dos dois. Mas, sua identidade se tornou uma identidade dupla. Ehm, então, é aquela história, você não perde nada, mas você na verdade acrescenta, acrescenta elementos. Mas, por outro lado, eu repito, eu não me sinto nem propriamente italiano, nem propriamente brasileiro.”*

Acerca da concepção da fragmentação das identidades, Stuart Hall (2006) a confirma, utilizando o termo descentrado para descrevê-las. Para o sociólogo, as identidades deslocadas são uma característica da pós-modernidade e, assim como estão acontecendo mudanças estruturantes na sociedade e no mundo, as identidades também estão passando por transformações. Essa ideia segue um pouco na linha do que Bhabha (2003) dissertou, de que há um deslocamento dos indivíduos. Mais uma vez o deslocamento presente, deslocamento esse que, como já foi dito, também caracteriza o sujeito turista.

Hall (2006) debate a perspectiva da fragmentação apontando três concepções de identidade: 1) do sujeito que tinha como suporte a concepção iluminista, ou seja, uma identidade individual, centrada, unificada; 2) de um sujeito que ele chama sociológico, cuja

identidade era formada pela articulação entre o indivíduo e a sociedade; 3) o sujeito denominado “pós-moderno”, pelo autor, que não tem “uma identidade fixa, essencial ou permanente”. Assim, hoje a identidade é cada vez mais provisória. Porém, não se deve confundir com inexistência de uma identidade por mais que, por conta dessa temporariedade, a identidade que dá noção ao pertencimento esteja quase em extinção. Essa questão aparece um pouco na fala de Jayme Nascimento (2017), que está no Brasil há dezoito anos e diz na entrevista que está aberto a novas possibilidades, que não tem nada que o ate ao Brasil. Gustavo Bianco (2017) afirma em um momento de sua narrativa

*“Se alguém falasse “Gustavo, você quer ir morar no México”? Eu gostaria. “Quer ir morar na Argentina”? Eu gostaria. Aliás, pelo menos pra mim a experiência no Brasil me mostrou a riqueza de encontrar outros lugares, outras pessoas, outros referenciais identitários. E, por razões familiares, não posso fazer isso. Mas se alguém me dissesse “Se você pudesse escolher, amanhã você iria morar em Buenos Aires”? Eu iria. Ou seja, não tem nada que me apegue, que me prende ao Brasil a tal ponto de dizer “não, eu sem o Brasil eu não poderia viver”. Não, eu posso viver tranquilamente sem o Brasil. Eu sim, já minha família, que foi criada aqui no Brasil, talvez tenha alguma dificuldade a mais.”*

Rosa Saldanha (2017) conta que com a atual situação do Brasil, também cogita a possibilidade de ir embora.

*“E lamentavelmente não são mais as condições que eu estou vendo que o Brasil vai continuar tendo pra frente. Inclusive a gente, volta e meia eu falo muito com meu esposo pra gente fazer um processo migratório agora pra outro país, mais pro norte do mundo, que a gente possa dar pras nossas filhas as condições que a gente conseguiu ter e que agora parece que estão escapulindo assim, né (...) Então, a gente tá o tempo inteiro reavaliando, eu principalmente, né, a gente tá... eu coloco muita energia e tendo motivar meu esposo, inclusive, com essa história de procurar outros horizontes ainda, sabe. Embora eu tenha me naturalizado (...) porque na época me falaram que tinha aquela coisa maravilhosa que era concurso público e que a gente podia apostar em concurso público e que eu tinha o perfil pra passar (...) Então aí eu me naturalizei pra tentar o tal do concurso público” [E Rosa dá uma risada ao dizer isso].*

A globalização para Hall (2006) tanto pode fortalecer identidades locais quanto produzir novas identidades. Isso fica cristalino nos trechos das entrevistas citados, sobretudo neste último trecho transcrito da entrevista com Gustavo Bianco. Hall (2006) aponta a migração como um exemplo de relativização de identidades culturais e essas, por sua vez, uma das consequências da globalização. Ele destaca a migração que ocorre da periferia para o centro do planeta, movida por questões de pobreza, fome, seca e outros fatores de

subdesenvolvimento.

O consumismo global é um atrativo das potências europeias que outrora foram as grandes nações colonizadoras e que erroneamente imaginaram que no processo de descolonização deixariam para trás os seus rastros imperialistas. E, esse fluxo migratório da periferia para o centro, “(...) esta formação de ‘enclaves’ étnicos minoritários no interior dos estados-nação do Ocidente levou a uma "pluralização" de culturas nacionais e de identidades nacionais” (HALL, 2006, p. 82-83).

Esse ponto leva a uma reflexão acerca do turista que passa a ser migrante no destino, a de que exatamente pelo fato dele não ingressar como migrante, mas como turista, não há, a princípio, o movimento da periferia para o centro. Tal questão se manifesta muito mais em turistas-migrantes como Lucas Moreira e Benicio Martinelli, que vieram várias vezes como turista e só depois resolveram ficar. E, com relação a acesso e consumo de bens citado por Hall (2006), até pode ser que proporcionem a transformação do turista em migrante. Porém, não foi o que se observou com as entrevistas. Isso, por sua vez, reflete a importância da abordagem inicial feita pela pesquisadora, que priorizou os aspectos sociais do turismo em contraposição ao seu lado econômico e industrial, que mormente são destacados em outras publicações.

De certo modo, como já foi dito, a busca por melhores condições guiou sim a vinda de alguns dos “turistas-migrantes” entrevistados, mas não necessariamente o consumo. Pelo menos não o consumo *strictu sensu*. Inclusive, Cleber e Henrique, dois dos entrevistados, mencionaram a importância da culinária para eles, contaram que gostam de cozinhar e que no Brasil não encontram ingredientes necessários. Ora, é o contrário, não é o consumo ou a possibilidade desse tipo de consumo que os atraiu. A entrevistada Márcia também fez um relato que é um contraponto ao consumo, pois foi esse estilo de vida que deixou para trás na Espanha e que não a fazia feliz. Já no Brasil ela diz ter encontrado a felicidade, mesmo na ausência dos bens que tinha em seu país. Lucas Moreira (2017), um dos entrevistados que faz várias referências a música brasileira, também não está no Brasil movido pelo consumo. Inclusive, atualmente ele está sem trabalho fixo e tem um selo musical que, como ele mesmo diz

*“o selo é lazer, digamos. Eu faço nas minhas horas livres, isso não é pra ganhar dinheiro. A não ser que a gente licencie uma música pra Coca-Cola, sei lá... mas isso não é pra ganhar, ganhar dinheiro. Não... esses meses agora eu realmente só tô focado no doutorado. Não estou ganhando dinheiro agora. Tô meio com uma*

*autobolsa, digamos*” [Lucas ri].

Mas a possibilidade de uma vida melhor não só guiou a vinda como faz parte da permanência dos migrantes entrevistados aqui no Brasil. Porém, não se pode traduzir por vida melhor somente seu aspecto econômico, de mercado.

Jayme Nascimento (2017) foi o entrevistado que teve a fala mais objetiva com relação a isso, tanto ao relatar a sua decisão de vir quanto a sua decisão de ficar. Para ele, pesou e pesa bastante a questão da subsistência. *“Sim, na verdade lo que pesou... é, bastante, foi a facilidade que eu tinha pra me estabilizar é... laboralmente... tinha trabalho, em comparação a como estava”* na Argentina. Mas, ele também cita a praia e a tranquilidade de onde mora como importantes.

Lucas Moreira (2017) fala em sua entrevista *“bom, eu di... eu amo a cidade do Rio de Janeiro e não vou dizer que sou super mega fã do Brasil. Eu acho que tem, cada país tem suas coisas pra você amar e tal e tem muitos lugares que são tão lindos como o Brasil”*. E mais adiante na sua fala ele completa *“depende quando eu vou... se ou quando eu vou embora vai depender mais das, das opções de trabalho aqui. Enquanto tem trabalho bom que faz sentido pra mim, eu vou, acho, por enquanto eu vou ficar”*.

A questão da globalização trazida por Hall (2006) relaciona-se com a ideia do “não-lugar” exposta por Álvaro López Gallero (2004, p. 40): *“(...) o não lugar não é apenas a negação do lugar, mas a construção de um espaço novo que, ao criar uma nova infraestrutura em substituição a anterior, produz uma desterritorialização seguida por uma reterritorialização”*. Percebe-se que há, mais uma vez, a construção e a desconstrução. Nesse contexto, também está presente a identidade.

Poderia haver uma transitoriedade pela qual passaria a permanência na perspectiva de quem visita – o turista, e que se estenderia para ele quando se tornaria exclusivamente migrante, ou seja, do turista que faz a metamorfose, que se transforma em migrante. Talvez o não-lugar faria com que ele se sentisse em casa, ou com vontade de vencer desafio, ou seja, o não-lugar poderia ser exatamente o que estava na sua expectativa e talvez por isso ele optaria por ficar, por deixar de ser turista e ser um migrante. Porém, isso não se concretizou por meio da oitiva dos “turistas-migrantes”. Conforme já mencionado, o perfil dos entrevistados não contemplou o de um turista ou uma turista que buscava um não-lugar, por mais que os turistas-migrantes pratiquem sim a construção e desconstrução constante de suas identidades.

Mas fazem isso em um local de empoderamento, não de passividade. Portanto, inexistindo, mesmo que no imaginário, um não-lugar, ele permanece inexistindo na equação que traduz a metamorfose.

O não-lugar de Gallero (2004), por sua vez, relaciona-se com o que Bauman (2012) chama de “dentro e fora”. Estar “dentro” é mais do que estar em casa, tem a ver com interação, com elementos da rotina, de tudo que cada um encontra no seu cotidiano, sejam pessoas ou coisas. “Fora” é onde não se vai geralmente, só ocasionalmente, é onde ocorrem os imprevistos, o que não se sabe ou não se conhece. Então, a dicotomia “dentro-fora” implica em certeza e incerteza. O “dentro” é como uma zona de conforto e o “fora”, pelo contrário, é a ansiedade, a hesitação, o risco.

Tanto em Gallero (2004) quanto em Bauman (2012) há um flerte com o estrangeiro ou o estranho, que está presente também no pensamento de Ramos (2003), quando ela expõe que por meio da viagem o homem pode perceber que é para si mesmo um desconhecido. A viagem desperta no ser humano o estrangeiro que habita em si, “provocando uma desestruturação significativa. Dessa forma, o estrangeiro torna-se um objeto de ódio para o outro e, às vezes, para si mesmo, gerando comportamentos de aversão e discriminação” (RAMOS, 2003, p. 49). Quem também trata desse assunto é Chambers (1994) quando cita que o estrangeiro, o confronto com o outro, faz com que cada ser humano perceba a sua própria incompletude.

Essa percepção do estrangeiro faz muito sentido para a identidade e para a representação social, pois há a compreensão de si mesmo enquanto sujeito e também a compreensão de si mesmo enquanto inserido em um grupo e a partir da opinião do outro sobre si, ou seja, do que o sujeito representa para o outro. Nancy (2000), quando descreve o intruso, aponta o “inquietante ímpeto do estranho”, que é ele mesmo, o autor, em constante alteração, tanto para o mundo como para si mesmo. Para Gallero (2004) há um confronto entre os nativos, a população local e o turista, que é tido como o estranho que chega.

Lucas Moreira (2017), em seu relato durante a entrevista, conta que deixou de tocar na bateria de uma escola de samba por conta do tratamento diferenciado que sofreu, por ser estrangeiro.

*“Aí na hora de pegar a fantasia uma vez eu não estava com a ficha de pegar, aí eles, ele me deixou ahm esperar por horas até me dizer que deveria voltar no outro dia e no outro dia ainda não rolou, uma coisa assim (...) exercendo o poder de deixar o gringo branco querendo tocar na bateria (...) Tem muita panelinha que não é só comigo, mas eu tenho uma certa impressão que comigo ele é ainda assim, mais*



*assim. Quando ele começa te... uma conversa, e... e, e começa um pouco talvez tentando esculachar e fazer uma, uma brinc, uma brincadeira meio feia com alguém, ele normalmente começa por mim [Lucas faz um pequeno silêncio nesse momento, de poucos segundos] Mas ele é conhecido por ser um cara que, que tem um pouco esse jeito também. Ele faz com outras pessoas de alguma forma também. Mas ehm... me parece e outras pessoas me falaram isso também... parece que eu como gringo sou mais visado a ele (...) Eu acho que sim, e outras pessoas me falaram também que acham que é por causa disso.”*

Nas entrevistas houve mais de uma menção por parte dos “turistas-migrantes” de que já ouviram falas de brasileiros no sentido do que estão fazendo aqui e porque não voltam para seus países de origem. Como, por exemplo, Alice Rovana (2017), que disse “*Já teve momentos de ser jogada na cara de que eu sou estrangeira. Eu tenho sentimento de que sempre [ela enfatiza no tom da voz a palavra sempre] vou ser estrangeira”*”.

Um dos entrevistados, Jayme Nascimento (2017), ao ser perguntado sobre as dificuldades que passou por ser um estrangeiro no Brasil, disse algo que, de certa forma, iguala a sua condição de migrante com uma camada social mais vulnerável da sociedade brasileira. E, nesse ponto, ele toca na questão do consumo, ou melhor, do não consumir.

*“É... seria muito... é... malvado de minha parte se dissesse que sim. As dificuldades que eu passei são muito pequenas e... não são grandes dificuldades para ter que dizer que por ser estrangeiro. Porque... as mesmas dificuldades que eu passei eu vi que outras pessoas já passaram por ter um nível econômico mais baixo. Eu acho que determinados comportamentos de... pelo menos daqui, não consigo comparar sul do Brasil ou outro lugar porque não morei. Mas, é, vejo que qualquer dificuldade que há... seja um trâmite em banco, seja qualquer coisa... que não conseguem resolver, é porque você é estrangeiro, no. Qualquer coisa você vai embora, no. Entonce, é a saída mais rápida. Que eu já também percebi que o atendimento com as pessoas de nível socioeconômico mais baixo é igual, porque você não atende ele, ele não vai consumir, não vai... Então não posso dizer que por ser estrangeiro sofri, não! Seria muito malvado de minha parte dizer isso.”*

Rosa Saldanha (2017) mora há dezesseis anos no Brasil. Contou na entrevista que o tempo todo sente ou sofre o estranhamento. Inclusive ocorreu nesse momento um estranhamento, pois foi preciso explicar para ela o que significava a própria palavra estranhamento. Em sua história, percebe-se que ela usa a seu favor o imaginário do brasileiro sobre o Peru quando cita Machu Picchu.

*“Ahm, várias vezes, o tempo todo! Hahahaha. O tempo todo! O tempo todo! Começo até pelaaa... pela pronuncia, pela dicção [Nesse instante começa a chover e Rosa gentilmente pergunta à entrevistadora se quer mudar de lugar, se está molhando ficar ali e a resposta é que não havia problema, que poderiam continuar*

onde estavam] começa até pela questão da dicção, né... porque ... o zê... aquele, aquela, aquela fonética que é muito exigente no português, do zê e da c cedilha e tralala... aí, nossa, o pessoal fala assim “não, mas você não é brasileira, mas você fala muito bem”! Até que tem alguma palavra com c cedilha, com zê que você tem que falar... haha e você se entrega. E... mas assim... Em Florianópolis já senti até um desrespeito porque lá no sul o pessoal odeia argentino, então se alguém te ouve com sotaque latino, tu já é argentino, entendeu? (...) muitas vezes eu me apresentava assim, em círculos, sei lá... numa aula, numa coisa... já meu nome é diferente, (...) a pessoa já... opa, essa não é brasileira... (...) E aí... eu às vezes já me apresentava como (...) a peruana. Como todo mundo gosta do Peru, porque tem Machu Picchu, e tem os incas... hahahaha, aí já me aceitavam um pouco mais, sabe. A pessoa baixa um pouco a bola quando eu falo que sou peruana, né. E... Sempre que falo que sou peruana: ahhhh, Machu Picchu! (...) agora no meu trabalho tem coisas da história do movimento sindical brasileiro que eu também não me sinto à vontade pra falar com tanta propriedade quanto um brasileiro mesmo, né, poderia debater ou falar, né. E eu até evito, assim, algumas questões, né. Agora, por exemplo, se vamos falar de formação econômica do Brasil, nananá... aí eu posso dar alguns pitacos e eu me sinto mais... né, apropriada inclusive da história do Brasil hoje em dia do que da própria história peruana de desenvolvimento econômico, né, desde um aspecto crítico, né. Maaaas [ela enfatiza o a nessa palavra]... é... em alguns debates públicos, eu evito também de me pronunciar em relação ao Brasil, por exemplo, de me mostrar no facebook um pouco... hoje em dia eu tô com raiva, com muita raiva de várias coisas que estão acontecendo no Brasil, da corrupção, nananá, e eu me sinto no total direito, porque (...) eu tenho duas filhas brasileiras que vão viver aqui muito provavelmente, né. Então eu me sinto muito brasileira em muitos aspectos, né. Então, assim... eu peit... eu hoje em dia, né, sinto numa posição mais de peitar assim um respeito ao espaço, assim, mas com certeza tem gente que quando a gente começa a, a, a, a criticar as próprias coisas do Brasil, fala assim “ah, então volta pra teu país! Se aqui não tá bom, volta pra lá”! Entende? Então, tem um... a gente tem que ter muita sensibilidade em relação também ao que fala pra que o outro não pegue como se a gente estivesse se queixando, não... de um país que aspas, né, pode... que a gente não nasceu aqui. Não vou dizer que não é nosso, porque eu já me considero que é nosso.”

André Vidal (2017) cita a violência como um dos estranhamentos para ele, mas narra em entrevista uma situação até curiosa que repercute de forma inversa ao preconceito com o fato dele ser estrangeiro, pois não o assaltaram quando souberam que ele era de origem africana. Ele diz que não passou por essas situações de violência por ser estrangeiro, que qualquer outra pessoa passaria da mesma forma.

*Eu fui assaltado quatro vezes. É... uma.... Três vezes, três com arma de fogo (...) três e um com arma branca. Primeira vez levaram meu celular, segunda vez levaram dinheiro com celular, terceira vez, e... não levaram nada e quarta vez não levaram nada. [A pesquisadora pergunta se ele acha que isso tem a ver com o fato dele ser estrangeiro] Não, não, qualquer pessoa seria assaltada. Ao contrário, uma vez veio me assaltar e eu disse “Eu sou estrangeiro, ah... sou africano” Ah “deixa ele, deixa ele” [André refere-se ao que disseram os assaltantes]... quinta vez! Entendeu? Ao contrário, ao contrário! Eles disse “não... deixa o... deixa o... deixa o”... – aquela gíria deles, “deixa o boy, o boy é africano, o boy é nosso”! E deixaram. Iam roubar só a bicicleta, nesse dia eu não tava sem nada, tava só com bicicleta só passeando. Deixaram.*

O argumento acerca do estrangeiro também pode ser percebido em Bhabha (2003), principalmente quando ele fala das fronteiras, que no texto não são somente as geográficas.

O “além” não é nem um novo horizonte, nem um abandono do passado... inícios e fins podem ser os mitos de sustentação dos anos do meio do século, mas, neste fim de siècle, encontramos-nos no momento de trânsito em que espaço e tempo se cruzam para produzir figuras complexas de diferença e identidade, passado e presente, interior e exterior, inclusão e exclusão. Isso porque há uma sensação de desorientação, um distúrbio de direção, no “além”: um movimento exploratório incessante, que o termo francês *aù-delà* capta tão bem – aqui e á, de todos os lados, *fort/da*, para lá e para cá, para frente e para trás (BHABHA, 2003, p.19).

Há, para o autor, locais onde as diferentes culturas se articulam e, conseqüentemente, “dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade” (BHABHA, 2003, p. 20). São os já mencionados “entre-lugares”, onde se formam os sujeitos. Nesses locais, há uma negociação. Por exemplo, um migrante sai de seu país não perde seus signos, também não absorve completamente os signos do novo lugar para onde foi, mas negocia ambos. São, portanto, construções e desconstruções. “Os embates de fronteira acerca da diferença cultural têm tanta possibilidade de serem consensuais quanto conflituosos” (BHABHA, 2003, p.21). Interessante notar ainda que o autor descreve um tempo descontínuo, tendo em vista que por meio do “além”, de certo modo, estrutura-se o futuro no presente. Presente este que é também constantemente modificado pelo passado, pelo passado que se faz presente. Assim, pode-se dizer que os “entre-lugares” de Bhabha (2003) são espaços dialéticos. E, nesses locais de negociação, pode ser percebida a representação social.

O “entre-lugar” de Bhabha (2003) tem conexão com a identidade fragmentada de Hall (2006), quando este a descreve como algo que abriga consensos e contradições por vezes ainda não solucionados.

Nesse caminho de negociação intermitente, as identidades tornam-se mais complexas, no sentido de que não são fixas como antes, mas sim ressignificadas. O sujeito torna-se, assim, um sujeito multicultural. Nessa concepção, então, o “turista-migrante” contemporâneo é um sujeito essencialmente multicultural, como o sujeito de Bhabha (2003) que está no “entre-lugar”. Esse trajeto, esse caminho ou caminhar, também tem seu aspecto histórico, onde as fronteiras são movimento e abrigam uma articulação contraditória, onde “histórias

dissonantes” e vozes diversas habitam um lugar chamado *além*. É no além que há possibilidade de ressignificar relações humanas.

É possível extrair essa ideia na fala de um dos entrevistados. Depois de um breve silêncio que faz no meio de sua narrativa, Francisco Queiroz (2017), quando perguntado se ainda sente estranhamentos por ser estrangeiro, expressa exatamente o que o Bhabha (2003) diz sobre as negociações no espaço.

*“Eu acho que esse momento de estranhamento que eu tive no começo (...) Eu, eu aprendi com o tempo que (...) que o lanche da tarde é isso, aquelas coisas... que mamãe é da manhã, entendeu. Então... os certos códigos, os códigos que as pessoas já tem, porque nasceram aqui, viveram isso e tal e tal, eu tive que aprender com 24 anos, entendeu. Então, esse... esse um estranhamento. Mas agora já superei isso, isso foi bem nos primeiros dois, três meses (...) Não, não foi preconceito, não foi preconceito. Foi tipo... é... é... estar no entorno de pessoas... que isso, todo mundo vive isso, né... Imagina... se você vai pra Alemanha, por exemplo, você vai ter que aprender os códigos das pessoas no dia a dia, entendeu, e é isso... Então, eu, eu tava um pouco por fora disso... né... Sei lá... Porque todo mundo escuta na rádio a... sei lá... tocar uma música, é... de Los Hermanos e eu não entendia nada, entendeu, porque eu não conhecia aquela música. Coisas desse tipo, entendeu, do co... pequenininhas, né, mas que unem as pessoas, né. Então, isso eu não tinha, eu tive que aprender, entendeu. E agora tudo bem.”*

Bhabha (2003) também afirma que é preciso sair de si para depois retornar e ter o que ele chama de espírito para reconstruir. É como um turismo interno ou interior, um *tour* em si mesmo. Tal questão também está relacionada à intervenção no presente por meio do “além”. Para ele “há um retorno à encenação da identidade como iteração, a re-criação do eu no mundo da viagem, o re-estabelecimento da comunidade fronteiriça da migração” (BHABHA, 2003, p. 29).

Na entrevista, Henrique Souza (2017) conta um pouco sobre essa volta, esse *tour*, ao falar do seu atelier, um projeto arquitetônico que fica no alto de um morro no Rio de Janeiro, onde funciona também um hostel e um bar de jazz.

*“Então, isso aí...as pessoas fisicamente se perdem aqui dentro, mas moralmente, e... vamos dizer, intelectualmente, espiritualmente, poeticamente as pessoas vem aqui e se perdem pra se achar de novo, hã... então... eu, nós temos a experiência, é um lugar muito inspirador, já teve, já teve, hum... hum...bastante escritores que vem aqui pelo paz e inspiração que o lugar tem, e... para terminar suas obras e coisas assim. Então, nesse ponto da vida que... só posso.. ahmm... só posso dar o polimento da da joia, ahmm... vamos dizer. Mas, saio bem, vou deixar um..., vou deixar uma coisa que... humm.... que nenhuma cidade tem, e que é realmente Rio de Janeiro. Eu espero que pare essa besteira do... da prefeitura que é derrubar todo mundo e botar prédio pra ganhar um dinheiro aqui, porque dinheiro não é tudo. E de qualquer jeito, todos eles tem dinheiro suficiente, né.. todos eles tem tanto*

*dinheiro que não conseguem nem gastar aquilo.”*

Henrique, além de muito simpático, tem um olhar e atuação artística ímpares. Não só por essa construção inspiradora que fez, pois na sua entrevista ele relata outras histórias muito especiais.

*“obviamente como eu fiz meu curso de belas artes na Inglaterra, e eu fiz muitos filmes, eu tenho um incrível senso de desenho, já meu primeiro trabalho na vida foi fazer as naves espaciais pra “2001, Uma Odisseia no Espaço” ahm pro Stanley Kubrick ahm, agora, eu fui... eu... éramos um time de seis pessoas, escolhidos, escolhidos num monte de gente, aí eu era jovem demais de saber porque fui escolhido, mas fui, aí eu fui, não me sai mal não, ahahahaha. Aí foi um inspirador trabalhar com (...) pessoas assim, que eles eram visionários. Durante a minha vida toda eu consegui, eu consegui ter que... a gente fala que é sorte, mas quando fica se repetindo todo hora se vê que (e fala sorrindo com voz mais animada) não é sorte não, ahm. Quer dizer... Há uns poucos anos, por exemplo, eu fiquei... eu decidi que eu gosto de ficar gravando, gravando músicos, hã. Eu, eu fiquei no palco com Jimmy Hendrix, owmm, com Miles Daves, pessoas assim. Eu já gravei com ... com.. ahm... ahmm... ahmm... The Doors, com Who, com... ahmm.... au, muita gente assim. E quando... claro... Depois disso aí, lá... quando o Fred Mercury veio aqui, a primeira coisa que eles foram foi encontrar, foi entrar em contato com nós, com aqui, porque a gente já tinha fama daquilo. Então falei “você quer fazer o making off do... do... maravilhoso festival do Rock in Rio”? Então a gente ficou andando nos helicópteros com eles... maravilhoso, sim... mas, esse... esse... de uma certa forma não é sorte, é porque, porque você já tá lá, eles não vão chamar outra pessoa, ahm. Essa é realmente, ahm, vida muito cheia.”*

Bhabha (2003) lança, de forma brilhante, a proposta de que “o estudo da literatura mundial poderia ser o estudo do modo pelo qual as culturas se reconhecem através de suas projeções de 'alteridade'” (BHABHA, 2003, p. 33). E, nesse sentido, sugere que as histórias dos migrantes sejam o terreno, o novo tema central dessa literatura. Assim, não haveria soberania nem universalismo de nenhuma cultura.

É importante se atentar a esse desejo de Bhabha (2003). A escuta dos “turistas-migrantes” por meio das entrevistas respondeu em parte a esse chamado do autor. Que a contação e a análise da história desses reais personagens possa auxiliar no caminho rumo a uma sociedade que, cada vez mais, conviva melhor com as suas diferentes identidades.

A presença do migrante altera a realidade da metrópole moderna, modifica sua estética, muda a sua ordem. Assim como Hall (2006), também há em Chambers (1994) a afirmação de que com a presença do migrante o que era periférico alcança o centro. O autor descreve a voz, o reconhecimento do outro, os estereótipos, as residências e todas as instabilidades geradas nesse movimento, especialmente a linguagem que, para ele, é um instrumento de construção cultural. Assim como o silêncio e o escutar o outro, que se

misturam com a fala.

A língua é um grande instrumento de poder. O migrante fala a língua do local onde está, mas com alguma diferença, que pode ser na entonação, num acento, com sotaque. Esses detalhes demonstram uma certa resistência (poder) e ao mesmo tempo também significa que não houve uma total “integração” ao novo ambiente. A migração, para o autor, coloca em xeque a própria identidade do nativo, de quem é local. “Nós, como sujeitos históricos, culturais e psicológicos também estamos desenraizados e nos vemos obrigados a responder a nossa existência em termos de movimento e metamorfose”. (CHAMBERS, 1994, p. 44, tradução nossa)<sup>17</sup>.

O que foi dito pelo autor lembra muito a fala de Melo (2011) e Gallero (2004) no sentido de que o migrante modifica o lugar de destino e, por meio de idas e vindas e do imaginário, acrescenta uma carga cultural considerável no local de origem. A autora também salienta que o migrante não perde a crença e costume originários.

Alice Rovana (2017), uma das entrevistadas, disse que não se incomoda com o fato de ser tratada como estrangeira, mesmo porque ela mesma diz “*eu tenho sentimento que sempre vou ser estrangeira*”. Mas adora quando dizem que ela fala bem o português. Chegou a dizer que quando isso acontece ela se sente “mais carioca”.

Essa relação do migrante com o local de origem passa pela representação. De igual maneira, a relação do “turista-migrante” também. “A relação de representação — entendida como relação entre uma imagem presente e um objeto ausente, uma valendo pelo outro porque lhe é homóloga — traça toda a teoria do signo do pensamento clássico”. Assim afirma Chartier (1991, p. 184), ao mencionar a importância da imaginação para a representação e também o seu contrário, ou seja, que a ausência da imaginação enfraquece ou desvia a representação. Para facilitar o entendimento, o autor utiliza um trecho de Pensamentos, de Pascal, para citar um exemplo: dos “disfarces” utilizados por certos profissionais, tais como os médicos e os magistrados, que se ocultam atrás de suas vestes e acessórios impactantes. Até hoje, infelizmente, essa afirmativa do autor é válida, basta observar como um terno é um cartão de visitas em muitos lugares e quem o está vestindo transmite, para a maioria das pessoas, a ideia de ser uma pessoa íntegra, responsável, um bom profissional e até mesmo alguém que tem posses. Nesse sentido, o autor chama a atenção para a representação como

---

<sup>17</sup> “También nosotros, em tanto sujetos históricos, culturales y psíquicos estamos desarraigados y nos vemos obligados a responder a nuestra existencia en términos de movimiento y metamorfosis”.

forma de poder.

As representações, em consonância com os estudos de Sandra Jatahy Pesavento (2006), são ligadas aos estudos da cultura, e abarcam as formas utilizadas pelo homem, seja por meio de imagens, sons, símbolos ou outros, para traduzir, refletir a realidade, o mundo. Para a autora, a representação tem como característica a ambiguidade, visto que é e não é a coisa representada. Nesse cenário, então, está presente um enigma e Pesavento (2006) diz que ele é muito bem traduzido em obras do pintor René Magritte “Isto não é um cachimbo” e “Isto não é uma maçã”.

Aqui vale estabelecer uma relação entre cultura e identidade feita por Vasconcelos (2014), pois o sujeito se reconhece como semelhante a um outro ou a alguns outros e como diferente de outro ou de um grupo de outros. Essa é uma relação atenuada com a cultura e com a identidade, sendo identidade compreendida como “conjunto de elementos relativamente sistematizados e internalizados no processo de socialização” do ser humano e cultura como “práticas, valores, saberes”, princípios com os quais todos se identificam e que trazem a sensação de pertencer ou não a um determinado grupo. A construção da identidade tem nexos com a alteridade: há uma união de semelhantes em um contexto de diferenciação onde o diverso é sempre o outro. E o processo de construção da identidade está em interação com as “transformações vivenciadas no contexto social” onde, por sua vez, está presente a representação. Tudo isso auxilia a compreensão da transformação do turista em migrante. Os entendimentos comuns ou semelhantes do “turista-migrante” sobre a sua metamorfose podem indicar uma regulação da compreensão desse sujeito acerca do processo pelo qual passou.

Paulo Suess (2010) discute a migração sob o olhar da teologia e a relaciona com a identidade e com a interculturalização. Para ele, a alteridade é fundamental na construção da identidade do migrante.

A identidade de grupos e indivíduos precisa da categoria do “outro”, que não faz parte de um grupo estranho ou estrangeiro, mas de um grupo diferente e igual, próximo e distante ao mesmo tempo. A identidade é construída não em contraste com a não identidade, mas em contraste com a alteridade. A identidade dos migrantes tem como contraste a identidade dos não migrantes, dos cidadãos do país que os recebe, a identidade do micro-organismo de operários e vizinhos com os quais convivem (SUESS, 2010, p. 174-175).

Um dos entrevistados, antes que a pesquisadora ligasse o gravador, achou interessante a questão da metamorfose, da presença dessa palavra no trabalho. No geral, a percepção por

parte da entrevistadora é a de que o processo de transformação do turista em migrante não é algo refletido de forma separada pelos entrevistados, ou seja, o fato de permanecerem no Brasil não é percebido pelos migrantes como uma transformação, mas sim como algo natural em suas vidas. O ato de contar a história talvez tenha funcionado como um momento de fazer um recorte individual, particular em cada uma das linhas do tempo dessas pessoas. Assim como escolhas fazem parte do cotidiano, a escolha por permanecer no Brasil consta como um capítulo na vida dessas pessoas, ou mais de um capítulo pois, para alguns, essa opção é intermitente. Pode ser que após a entrevista cada um, cada uma tenha refletido um pouco acerca de sua metamorfose. Um dos entrevistados quis ouvir a sua própria fala e pediu que fosse enviado o arquivo da gravação.

As representações arremetem ao imaginário, que é um “sistema de ideias e imagens de representação coletiva que os homens constroem através da história para dar significado às coisas” (PESAVENTO, 2006, p. 50). Além disso, o imaginário existe em função do real, e, pode-se dizer, vai além desse, pois se somam ao imaginário as sensações e sentimentos como os sonhos, os medos, os desejos, e esses passam a ser quase que reais, tendo em vista que são vivenciados.

De forma bastante breve as sensibilidades, segundo a autora, tratam de “razões e sentimentos que qualificam a realidade” (PESAVENTO, 2006, p. 50). Estão as sensibilidades atreladas à experiência humana por meio suas reações ou respostas à realidade, não às reflexões ou ao conhecimento científico. Tais sensibilidades são aspectos interessantes que podem estar interligados à transformação do turista em migrante. A realidade brasileira pode fazer mais sentido ao turista do que sua terra natal, trazendo-lhe experimentação de sentimentos ora adormecidos ou nunca experimentados anteriormente.

Esse é o caso de Márcia Prada (2017), a entrevistada que, entre todos, se mostrou a mais apaixonada pelo Brasil. Quando perguntada sobre o que ela diria para convencer uma pessoa a vir conhecer o país, ela respondeu sorrindo “*Bem-vindo ao Brasil!*”! Prada completou, ainda sorrindo

*“Porque é um país que dá bem-vindo... é um país tão grande, com tantas coisas ... tantos lugares bonitos, ou feios... tantas coisas por descobrir, tantas pessoas maravilhosas que... finalmente você acaba se apaixonando, né. Finalmente você acaba se... amando! Aquela terra cor vermelho que fica sujando sapatos, aquele calor que esquenta sua alma! Hahaha Aquela secura que quebra sua pele, mas você acaba amando isso (...) Mas finalmente acaba se acostumando, tem que comer*



*arroz, tem que comer feijoada (...) as sextas-feiras, que tem que comer... assistir ao jogo do Flamengo contra Corinthians, de ter que... finalmente você se acostuma, e acaba gostando disso, e termina amando.”*

Vale lembrar que, assim como Márcia citou o calor, nas falas de Lucas, Henrique e Benício também há a menção a ele como algo que gostam no Brasil. Todos são de origem europeia, assim como Cleber (2017), que diz *“Eu gosto muito da, do tempo tropical (...) é fato, o fato que eu preciso menos roupas, isso... hahahaha, essas coisas”*.

Pesavento (2006) debate que *pari passu*, também as sensibilidades guardam similitude com manifestações espirituais ou do pensamento que, ao serem assimiladas e ordenadas, transformam-se em sentimentos ou afetos. Desta forma, em ordem, as sensibilidades são comparadas com outras experiências e, assim, gravadas na memória dos indivíduos. Sensibilidades tornam-se, então, lembranças. E desta forma, a autora interliga o conceito de memória aos anteriores.

A memória recupera na forma de imagens algo vivido, vivenciado e, assim, é capaz de recriar o que é ausente. “E, neste ponto, é preciso considerar que todos nós temos um museu imaginário de imagens, transmissoras de uma herança do passado, veiculadas pela memória individual, forjada de acordo com a memória social” (PESAVENTO, 2006, p. 51). Ela revela, a partir da sua fala sobre memória, oposições que se completam, o interessante mecanismo da lembrança e do esquecimento, ou de como as pessoas processam as suas lembranças, especialmente no contexto da História. “O que somos levados a reter, o que somos induzidos a abandonar, formando lacunas? Silêncios e vazios são um enfrentamento cotidiano para aqueles que buscam entender as razões e os sentimentos que guiavam a vida dos homens do passado” (PESAVENTO, 2006, p. 51).

O turista que se transforma em migrante também lida com a memória. Uma possibilidade seria, porventura, encontrar no Brasil um grupo onde consiga acessar parte dessa memória, e isso talvez pudesse influenciar na sua necessidade de permanência.

Em determinado momento da entrevista, há uma provocação por parte da pesquisadora com relação a saudade. Tanto do que a pessoa tem saudade da sua terra natal quanto do que sente falta do Brasil quando está fora daqui. A saudade é uma ferramenta de acesso a memória.

*“Ah, de lá da Argentina... sinto saudade de muitas coisas. Sinto saudade da comida,*

*principalmente, é... (...) alguns costumes... não todos, mas alguns costumes que aqui obviamente são diferentes”, diz Jayme Nascimento (2017). Ele também explica que*

*“Sabe que na verdade muito poucas coisas me identificam com o Brasil. É... Eu ainda me... sinto que não sou daqui. Mas também quando eu vou visitar minha família todo ano, sinto que não sou mais de lá também não! Então, é... chega um momento em tantos anos que eu não me identifico já com nenhum dos dois, e lo que tenho es vontade de me adaptar realmente aqui ou fico com una... nostalgia de como era quando eu morava na Argentina.”*

Rosa Saldanha (2017) também fez relatos acerca da saudade

*“Ah, eu sinto, morro de saudade da comida peruana e da família, né. Só que a minha família já se espalhou, então eu aprendi a administrar bastante a saudade da família porquê... quando você volta pra lá, quando eu volto pra lá... eu tinha saudades de uma família que ficou, que não é mais a minha, e de uma casa que ficou e que não existe mais, entende? Então assim, todas as vezes que eu voltei, eu fui ressignificando quem eu sou, de que que eu realmente eu sinto saudade, né. E aquilo foi ficando cada vez mais claro, né. Hoje em dia eu administro muito melhor a saudade, que antigamente doía pra caramba, né, da família principalmente. E quando eu vou embora do Brasil eu sinto falta de falar português, hahahaha, eu adoro falar português, hahahaha.”*

Francisco Queiroz (2017) conta de uma forma diferente sobre o que sente falta de seu país, estando aqui.

*“a vida tá acontecendo lá também, entendeu, e eu tô perdendo, de alguma forma... tudo bem, agora é mais fácil que tem whatsapp, facebook e tal... Mas, não é a mesma coisa do que estar presente fisicamente, entendeu, estar lá e acompanhar de perto, né... Então, isso é uma coisa que, de alguma forma, é... é... enfim... tudo bem, não é.. ah... eu não vou sofrer por isso, né... Mas eu tô perdendo certas fases das pessoas mais queridas, entendeu? Estando aqui, eu sinto isso, né, que tem muita coisa acontecendo lá: “ah, eu comprei uma casa nova, vendi minha casa, é... eu tô morando em outro lugar”, “eu me formei naquilo”, “conheci alguém”, “tô namorando alguém” ou “separei de alguém”... tudo isso eu não tô mais vivenciando.”*

Henrique Souza (2017) é uma espécie de mago. Ele, de algum modo, transformou em ação as saudades que sentia e, assim, conseguiu tornar presente o que era ausente, como quando sentiu falta de pintar e construiu seu próprio atelier. Assim também ele fez com outras saudades.

*“senti falta da minha (...), fazia parte de um banda de jazz em Londres que eu*

*adorava e aí eu... pô, senti falta... O que que eu vou fazer? Fazer uma aqui. Tem músicos maravilhosos aqui no Brasil. É. E aí... aí a gente vai, por exemplo, agora, nessa sexta feira, nós vamos fazer um noite retro com o primeiro banda que começou aqui [Nesse instante, Henrique fica feliz, emociona-se], primeiros que começou a coisa. E a gente vou, vai mudando ahmm durante os anos, claro, como todo banda de jazz muda. Até hoje que nós somos o única banda, o único lugar que fica, está no Downbeat Magazine, aquela revista de jazz dos Estados Unidos, que estamos no Word Top Jazz Venue, os, os Tops do Mundo, vamos dizer. Sete anos seguidos, ahm, o único, o única. Tem alguns outros que entram aqui uma vez ou outra, mas nós sete anos seguidos, ahm (...) Ah, outra coisa que eu, claro, senti falta sendo filho de indiano é comida indiana. Porque não tem nesse país. Não tem, não tem, não tem, não tem. Tem gente que diz faz, mas não faz, não faz, não faz (...) Então o que que você faz quando você não acha ninguém pra fazer uma coisa? (...) Você mesmo faz, não é? Então comecei a fazer uns dois anos atrás, de vez em quando pra mim, dois ou três anos atrás. Aí depois, depois, claro, meu filho (...) começou a fazer também, (...) aqui nós, nós, nós... ahmm... fizemos até uns cursos desses aí para polir um pouquinho, depois esse ano ele foi pra Índia e agora o única comida realmente indiana que você vai achar no Brasil [Henrique dá ênfase na sua fala à expressão “no Brasil” que foi dita por ele] é aqui nessa casa hehehe, todo domingo, hahaha (...) todo domingo! É, é... Ahm Isso aí... e tá... no início claro, o brasileiro começou ai ah ah tô morrendo! Agora tá viciado, ahm hahahaha.”*

Márcia Prada (2017) tem pouco mais de um ano no Brasil e sente saudades da comida mediterrânea.

*“Ah, saudade todo dia! Saudade todo dia! A comida. Pra mim é o pior. Porque o... a cultura brasileira, o brasileiro come arroz e feijão todo dia. Nós lá, pra mim o arroz é uma vez por semana, e não, nem é esse tipo de arroz, é aquele arroz com que a gente faz a paella, aquele arroz arbóreo, entendeu... risoto, paella. Nós lá... a dieta mediterrânea é carne, peixe, legumes, muita legumes. E o brasileiro não tem essa costume. Pra mim eu nunca consegui comer farofa. É... Mandioca pra mim resulta pesada. Manteiga resulta pesada na, na, no estomago. É... Muita comida que pra mim resulta muito pesada. Mas tenho que... tô morando com um brasileiro, às vezes tenho que comer. Hehehe. Do mesmo jeito que ele comeria se ele morasse lá comigo. Então... Coisas diferentes, muitas. Coisas similares, muitas.”*

Uma reflexão interessante acerca da saudade, que conversa com as já citadas falas de Rosa Saldanha e de Jayme Nascimento, é feita pelo entrevistado Gustavo Bianco (2017).

*“a gente geralmente tem saudade de algo que mais, não existe mais, porque você tem saudade de uma realidade que já não existe, passou. As pessoas já não são mais aquelas, o lugar já não é o contexto social, mudou tudo. Mas nas suas lembranças, aquele muda, aquele que você deixou e que você acha que voltando lá você vai reencontrar. Na realidade você mudou e a Itália mudou também. Seus pais mudaram, seus irmãos, seus amigos (...) aquela Itália não existia mais, e não só, aquela Itália não era tão boa como às vezes no imaginário o migrante acha. E... então, nesse sentido que teve saudade do Brasil, no sentido que eu me dei conta que esta minha vida no Brasil, com os elementos que eu falei, culturais, e... profissionais, afetivos, as novas amizades feitas, provavelmente pra mim no momento atual eram muito mais preciosas do que o imaginário retorno pra um*

*lugar que não existe mais.”*

Alice Rovana (2017) conta que quando está aqui, sente saudade da família e quando está lá sente saudade do açaí, e dá uma gargalhada. Depois ela completa dizendo

*“Não... eu sinto fal... é porque lá eu moro em cidade pequena também. Então, assim, é bem diferente. Quando eu vou pra lá eu, eu vou com aquela sensação de que eu vou matar a saudade e que eu vou descansar. Quando eu venho pra cá, é, é a sensação de que vou ta voltando a minha vida (...) é, a realidade, é a minha vida, lá eu não tenho a minha vida. Então, assim, eu sempre fui muito independente da, da minha mãe, dos meus pais. Então, essa é a sensação que eu tenho, assim. É o que eu tava falando, assim, ehm, de uns dois, três anos pra cá, realmente, por essa dificuldade de que o Rio de Janeiro, o país, a gente tá passando de... as coisas tão mais caras, ehm, a educação pros filhos tá mais difícil com relação a segurança... Então, é... isso me deixa um pouco aflita, assim (...) Mas, é... não sei, assim... eu acho que vai superar e... acho que o ser humano vai se adaptando também à realidade de cada década, cada época, enfim...”*

A saudade da variedade gastronômica e de produtos (ingredientes e temperos) no supermercado é mencionada por Cleber Ferreira (2017), que diz gostar de cozinhar. Enquanto a entrevista acontece, Cleber preparou e serviu um café maravilhoso.

*“eu sinto falta da variedade de comida, e não especificamente para a Alemanha, mas para Europa e para Estados Unidos, onde você tem mais... ahm... culturas pequenas. Isso é uma coisa que eu sinto falta, a variedade como... Eu nem sei, eu não sei onde eu posso comer vietnamês aqui no Rio de Janeiro. Eu nem sei se existe, eh, por exemplo, hahaha (...) E também na variedade de produtos no supermercado. Eu gosto de cozinhar, e aqui tem muitos ingredientes que são para mim legais, eu gosto, mas tem muitas coisas que ainda não chegaram aqui muito bem. Então, é difícil para comprar certos temp... temperos, é difícil comprar certos tipos de cortes ah... de carne, dessas coisas, ehm. E, nesse sentido também, o que eu sinto falta... tudo sobre comida, desculpe, mas... hehehe. É, é... não, esse não é tanto sobre comida, mas ehm... a qualidade de serviços é um problema aqui. Eu vou para uma loja... O meu açougueiro aqui, ele não é açougueiro, ele só vende carne. Isso é um problema. Na Alemanha eu vou para o açougueiro e açougueiro, ele pode me organizar a carne. Isso é um pouco... isso, isso faz a vida um pouco mais complicado. Quando eu estou em Europa, então isso depende obviamente do lugar. É... Quando eu estou na Europa (...) sinto falta geralmente do estilo da vida que eu conecto com esta cidade, indo para a praia, encontrando, encontrando amigos. (...) Antigamente não, mas hahaha... se faz algum tempo, eu sinto falta de, de, é, de picanha, por exemplo, que eu gosto muito, de tipo churrasco brasileiro, eu gosto muito. Essas coisas, de novo de comida, desculpe, hehehe, essas coisas eu, é... é... sinto falta. E talvez hum (...) talvez uma... uma certa... é... atitude geral que eu gosto daqui, sim, hun run, acho que isso são mais ou menos coisas que... me deixa pensar [Cleber passa uns segundos em silêncio] obviamente... então, muitas coisas são, tem a ver na verdade com a vida aqui da praia, que eu tenho essa possibilidade de fazer essas coisas... (...) eu quase sempre posso... é, tomar... eu tenho um terraço grande, agora tem obra lá, e por causa disso a gente não senta lá hoje, a gente sentaria lá hehehehe... ahm... (...) então, ficar do lado de fora, trabalhar, fazer as coisas ...”*

E assim a saudade, que de início despontou como uma questão de pesquisa menos importante, torna-se, por meio dos relatos, um elo que possibilita a análise dos aspectos da negociação das identidades para além de sua fundamental ligação com a memória. Quando na narrativa de Cleber, por exemplo, ele conta que antes não sentia saudade do churrasco brasileiro quando estava fora daqui e agora sente, é possível perceber claramente isso. Para Epicuro (2002), não é necessária a abundância de alimentos para ser feliz, mas sim o sabor, mesmo que breve. Talvez isso explique tanto a saudade que Cleber relatou sentir quanto a que Márcia e Jayme disseram ter da comida de sua terra natal.

É possível perceber por meio de outras falas de entrevistados que, mesmo sentindo falta, os migrantes são capazes de se adaptar no Brasil às questões que são diferentes em seus países. Por mais que não se acostumem, que revelem não se acostumar, conseguem viver sem, ou melhor, conseguem viver de forma diferente. Pode-se dizer, então, que a saudade é uma das habitantes dos “entre-lugares” e funciona como um fiel da balança. Ela serve de apoio quando media, concilia os pactos feitos nos “entre-lugares”, ela inspira em parte a construção e desconstrução das identidades, em especial a dos “turistas-migrantes”.

#### **2.4 O silêncio: resultado da condição do “turista-migrante”?**

Muitas são as abordagens sobre o silêncio. Além das acima mencionadas, citando mais uma vez o pensamento de Maldonato (2004), ele o considera a língua do estrangeiro, ou ainda, como a única possibilidade desse estrangeiro. O silêncio, para o autor, é a única resposta compatível com as perguntas do estrangeiro, que tem sempre interrogações para as quais não está buscando respostas, assim como tem filosofias que não podem ser duradouras, pois a sua jornada não é estável. “O silêncio (...) dá lugar ao lugar e devolve a palavra a sua promessa, deixando ao outro as chaves para libertar a palavra de seu isolamento. (...) Um silêncio que (...) nos gestos da palavra e da escrita, se subtrai ao desvelamento” (MALDONATO, 2004, 32).

Esse aspecto da linguagem, que, como demonstrado, foi também explorado por Chambers (1994), está presente de semelhante forma em Derrida (2003) quando ele não menciona exatamente o silêncio, mas demonstra que a manifestação que o interrompe, ou seja, a fala, gera violência por meio do uso da língua. Mais uma vez se apresenta a hostilidade, o estranhamento e a hospitalidade, referente ao acolhimento do estrangeiro. E o

mais interessante é que silêncio, fala, hospitalidade e hostilidade e não convivem em oposição ao ponto de uma querer subjugar a outra, mas uma existe na outra e, desta forma, a convivência não pode se dizer harmônica, mas também não se pode negar que há um certo equilíbrio nessa coexistência.

Entre os graves problemas que tratamos aqui, existe aquele do estrangeiro que, desajeitado ao falar a língua, sempre se arrisca a ficar sem defesa diante do direito do país que o acolhe ou que o expulsa; o estrangeiro é, antes de tudo, estranho à língua do direito na qual está formulado o dever de hospitalidade, o direito ao asilo, seus limites, suas normas, sua polícia, etc. Ele deve pedir a hospitalidade numa língua que, por definição, não é a sua, aquela imposta pelo dono da casa, o hospedeiro, o rei, o senhor, o poder, a nação, o Estado, o pai, etc. Estes lhe impõem a tradução em sua própria língua, e esta é a primeira violência (DERRIDA, 2003, p. 15).

Nesse sentido, a experiência dos “turistas-migrantes” com o novo idioma resultou como algo que foi difícil para eles no início e, por mais que não tenha sido relatado, o silêncio provavelmente mostrou-se companheiro da estrangeiridade. Jayme Nascimento (2017), quando questionado sobre o que achou mais difícil, assim respondeu: *“Ah, o idioma. Quando vim aqui não sabia nada de português, o primeiro foi saber o idioma para sobreviver nos país, que é começar a trabalhar, viver... Enfim, era outra vida. Ai... aqui primeiro foi o idioma”*. De igual modo, Cleber Ferreira (2017) também descreveu esse obstáculo: *“No início ahm... eu não senti um estranhamento, além da língua, né, você não pode falar com ninguém [ele ri]. Isso é um pouco difícil no início (...) porque eu não entendia a linguagem, a língua”*. Márcia Prada (2017) narrou um episódio onde de fato teve que, como menciona Derrida (2003), pedir a hospitalidade em outra língua. Quando chegou, precisou falar com um taxista e contou que pediu pra ir a um hotel *“falando nemportunhol, eu falava espanhol mesmo, hehehe”*.

Voltando a Chambers (1994), ele afirma que é impossível abandonar ou negar sua língua, tão pouco sua história e optar por uma outra. Isso acontece também com a identidade. Há uma herança que cada um carrega e que se move e se modifica, se ajusta às novas situações. *“(...) não preexiste um movimento do "eu" para, em seguida, sair para o mundo. O "eu" se forma e reforma constantemente nesse movimento e no mundo”* (CHAMBERS, 1994, p. 45, tradução nossa)<sup>18</sup>.

---

<sup>18</sup> “(...) el “yo” no pre-existe a este movimiento para luego salir al mundo. El “yo” se forma y se reforma constantemente en esse movimiento, en el mundo”.

Uma das entrevistadas, Alice Rovana (2017), afirma de forma tranquila e bem resolvida que sempre será estrangeira. E, por mais de uma vez durante a conversa ela diz “*vou morrer colombiana*”, como que confirmando que isso ninguém retira ou toma. Ela diz rindo que sempre fala pra todo mundo vir ao Brasil, “*que eu quero todo mundo perto de mim*”! Fala sobre o Rio de Janeiro considerando que, se fossem os problemas atuais, seria um paraíso para se viver. Alice também menciona as pessoas como sendo um atrativo do Brasil

*“quando eu cheguei aqui, assim, no início, eu achava o Brasil muito fechado... com relação a cultura latina, porque pra Europa ou pra América do Norte eles se abriam! Mas... eu sinto agora que as pessoas estão se abrindo mais, assim... é... querendo conhecer mais com relação a América do Sul, assim... (...) ao latino, ao Despacho... Anitta, Maluma, essas coisas todas.”*

Márcia Prada (2017) também diz ser orgulhosa de sua nacionalidade

*“Pra mim ser espanhol é um orgulho. Pra mim ser espanhol é aquela coisa que não posso tirar do meu sangue. Eu tenho sangue espanhola, eu tenho aquele... é, orgulho, da minha bandeira, de meu país, da minha... das touradas, das, das, do vinho... de isso. Embora, eu morando aqui, conhecendo um brasileiro, eu sei que afinal vou adotar a nacionalidade brasileira, vou adotar as costumes do país porque eu sei que ao final eu vou acabar morando aqui... hehehe. Em Brasília, no Rio, Cabo Frio, Fernando Pessoa ou João Pessoa, nem sei aonde sei. Mas, ao final da vida, eu acabarei sendo uma espanhola [Márcia enfatiza a expressão “uma espanhola”] que mora no Brasil, ou uma espanhola com nacionalidade brasilien... brasileira, mas espanhola sempre. Meu filhos, ainda eles falem português pelo pai ou pelo país, meus filhos comigo vai falar sempre espanhol. Porque eu não quero, não gostaria que a minha cultura, minhas raízes, acabasse. Pra mim isso é... a Espanha está em meu coração.”*

Vale aqui retomar o silêncio como um aspecto da fala, do uso da linguagem, também pode ser uma forte característica do turista que se transforma em migrante. No caso dos entrevistados, independentemente de serem a mesma pessoa, tanto o turista quanto o migrante são estrangeiros, ou seja, os dois tem no silêncio um instrumento de defesa e também de autoafirmação acerca de sua origem, bem como uma das ferramentas que marcam a metamorfose. O silêncio pode ser considerado também como um dos instrumentos que “dá liga” a essa massa que é a constante transformação das identidades. Desta forma, silêncio e fala, assim como a saudade, habitam os “entre-lugares”.

A presença de momentos de silêncio nas entrevistas, mesmo que rápido, com a duração de segundos, apareceu em todas as narrativas das histórias dos “turistas-migrantes”. Geralmente quando queriam lembrar alguma coisa, ou quando falavam algo difícil de lidar, ou

ainda quando queriam buscar uma palavra para traduzir o que desejavam expressar.

Os entrevistados não mencionaram especificamente o uso do silêncio como resistência ou como imposição de sua nacionalidade ou identidade, mas de certa forma expuseram outras maneiras de persistir.

Lucas Moreira (2017) disse que se habituou-se com o fato de ser estrangeiro no Brasil, mas falou de uma forma dialética e, por isso, bastante interessante: *“Tem algumas coisas que nunca vou me acostumar em termos de saber como é, mas talvez não de achar bom ou tranquilo como é”*. Ele diz isso após dar o exemplo a questão da pontualidade, ou melhor, a ausência dela no Rio de Janeiro

*“Ah, não, tem várias coisas que você tem que, tem que se acostumar ou aprender pra, pra morar numa cidade como, como, como o Rio né. Desde o... várias coisas do, do jeito carioca de pontualidade é um, é uma, é uma coisa que muitas vezes é mencionado que é bem diferente pra alguém que vem da Alemanha, da Europa em geral, talvez né. Coisas como também se... fisicamente, rapidamente bem próximo também. Na Alemanha nunca alguém vai pegar no seu braço para te mostrar um caminho, pra você achar algum lugar. Que você tem sua esfera que é a sua, e, se não é alguém conhecido, na Alemanha ninguém vai entrar nesse espaço de sei lá... mil metros, trinta centímetros, assim como me diz. Mas aqui é muito que alguém já, já pega você no braço ou na mão pra mostrar alguma coisa. Ai na, nas primeiras vezes você pode ficar assustado, digamos. Coisas assim, que você tem que se acostumar e aprender pra é.... como lidar com isso, com certeza [A pesquisadora pergunta a Lucas se ele se acostumou] Não, essas coisas, com certeza.”*

Aliás, a ausência de pontualidade foi um vértice, pois apareceu em algumas das entrevistas. Benício Martinelli (2017) disse *“uma palavra que não gosto ‘estou chegando’. Quanto falta? ‘Estou chegando’. (...) A que hora marcamos? ... Dez, onze... Meio dia, descansa, só esfriar a cabeça (...) No início eu ficava incomodado, agora não, estou acostumado”*. Henrique Souza (2017) contou que saiu de Salvador por causa disso. E depois, mais adiante, ele também falou *“mas eu senti algumas, eu... claro, eu, eu senti algumas coisas.... faltas de coisas como lá. A pontualidade eu não mudei, sou pontual até hoje. Aí quem trabalhar pra mim tem que há, tem que entrar na minha, pô, senão tchau”*. E Jayme Nascimento (2017) relatou *“alguns costumes que aqui obviamente são diferentes (...) a falta de pontualidade (...) aqui es muito (...) exagerado (...) marca oito, pessoal chega nove e tudo começa dez, hehehe”*.

Todas essas questões de estranho, estrangeiro podem ser observadas também sob o ponto de vista da hospitalidade, no viés do acolhimento, como analisou Derrida (2003).



Porém, para adentrar na seara da hospitalidade, é necessário trazer mais algumas questões que permeiam as interseções entre turismo e migração, especialmente nas relações de cotidiano, trabalho, lar e tempo livre. Tais aspectos auxiliam na compreensão das motivações do turista e tem potencial de também se encaixarem nas causas que fazem esse turista decidir ficar e ser um migrante no Brasil.

## **2.5. Cotidiano, trabalho e acolhimento inseridos no âmbito da transformação do turista em migrante**

Krippendorff (2000) descreve o que ele denomina “humanização do cotidiano”, reforçando a ideia que há uma estreita relação entre cotidiano e viagem. Para ele, o ser humano ao mesmo tempo viaja para fugir do cotidiano, mas também para voltar a esse cotidiano. É como se cada viajante precisasse fugir do cotidiano para, assim, retornar ao mesmo. Nesse sentido, para o autor, a melhoria do cotidiano, ou no mínimo a mudança de sua polaridade do negativo para o positivo (ou para o menos negativo possível) faria com que as férias, as viagens, se transformassem em “parte da realidade social”. Em suma, o ideal seria um cotidiano tão bom quanto uma viagem boa.

No caso dos turistas entrevistados, a maioria escolheu o Brasil de forma planejada, e, pelo menos aparentemente, isso não é fugir do cotidiano. Mas não necessariamente a fuga do cotidiano tratada pelo autor é consciente. Então, pode ser que no inconsciente tenha acontecido tal fuga. As histórias de Márcia Prada e Henrique Souza se aproximam dessa reflexão. Ele não relatou que a princípio pensou em voltar pra Inglaterra quando saiu de lá, Já ela, disse que saiu da Espanha cogitando tirar uma quinzena de férias e que, portanto, voltaria.

A história de Alice Rovana também se encaixa na questão que o autor trata, pois ela conta que quando vai a Colômbia, a sensação é de passar férias e descansar e quando retorna ao Brasil, sente que aqui está a sua vida. Ou seja, como migrante, ela tem seu cotidiano no Brasil e sua terra natal é mais próxima do lazer.

Então, em resposta ao que pondera Krippendorff (2000), é possível depreender que os turistas-migrantes encontraram no Brasil um bom cotidiano. Tanto que muitos viajaram bastante, moraram em outros lugares, mas escolheram aqui para viver. É como se, no caso dos entrevistados, a fuga do cotidiano pertencesse a eles enquanto eram turistas e o bom cotidiano pertence a eles na sua condição de migrantes.

Uma das questões que Krippendorf (2000) aponta sobre uma possível mudança do cotidiano passa pela modificação da relação da sociedade com o trabalho tendo em vista que o trabalho, ao longo do tempo, passou a trazer alguns inconvenientes, tais como perda de responsabilidade e interesse; uma rigidez de horários; forte influência sobre o tempo livre; o próprio desemprego e a ausência ou diminuição de direitos dos trabalhadores. Tais questões de fato geram insatisfações com o trabalho e influenciam fortemente na relação do ser humano para com essa instituição.

Outro aspecto interessante abordado pelo autor é a questão da moradia. Para Krippendorf (2000), o lar foi perdendo a capacidade e qualidade de ser um lugar de descanso e prazer, onde são feitos contatos sociais e com a família. Nas cidades modernas, separaram-se as funções morar, trabalhar, descontrair e deslocar. Perdeu-se, com isso, a humanidade. Junte a tal questão um fator importante, que já foi anteriormente mencionado e que tem total relação com o turismo e também com a migração, que é a mobilidade.

Cada vez mais a mobilidade conquista outros patamares e “a cidade de outrora, centrada no ser humano, é agora uma cidade centrada no trânsito” (KRIPPENDORF, 2000, p. 123). Com essa perda de humanização das cidades, as pessoas passam a querer fugir do lar, por ele não ser “mais um local acolhedor e agradável, que possibilita o isolamento, onde se pode desfrutar das alegrias da família, viver o lazer, comunicar-se com o outro e saborear o contato com a natureza” (KRIPPENDORF, 2000, p. 124).

Zygmunt Bauman (2012) também menciona tal questão. Ele descreve que historicamente a mobilidade foi se modernizando, ampliando suas potencialidades e possibilidades, inclusive na esfera da informação, que cada vez mais é “transportada” de maneira mais ágil e com alcance jamais imaginado. Para o autor, este progresso no campo da mobilidade influenciou fortemente a cultura, em especial por ter proporcionado mais viagens. Com meios de transportes mais modernos desloca-se com muito mais facilidade e em maior quantidade. Desta forma, pode-se dizer que, de certo modo, o turismo auxiliou nas mudanças culturais das sociedades e, sem receio de incorrer em exageros ou erros, que permanece influenciando. De igual forma a migração, que também é uma manifestação de viajar, por mais que seja uma viagem, em tese, só de ida.

Nesse contexto de globalização e mobilidade influenciando as questões de identidade e cultura e suas relações com o turismo e a migração, surgem os “valores em mutação para uma nova sociedade”, tratados por Krippendorf (2000). O autor menciona que considera

distante uma alteração desses valores e em outros momentos, como parte de um processo lento. De acordo com o pensamento que ele desenvolve, a mudança passa por uma reformulação do tempo livre, que se torna o tempo da convivência, das relações, do prazer, dentre outros aspectos, e por “uma nova maneira de encarar o trabalho e a atividade econômica” (KRIPPENDORF, 2000, p. 125).

Muitos são aqueles que consideram que o “reino da liberdade” chegou. Uma vez satisfeitas as principais necessidades materiais, é perfeitamente concebível que o nosso interesse se volte para os bens imateriais. Daqui para frente, a arte de viver e a qualidade de vida vêm antes do nível de vida. Valores como a liberdade, a participação, a expansão pessoal tornam-se prioritários, à medida que outros, como a promoção profissional, a segurança material e o mérito, perdem sua importância. A atividade econômica e o trabalho são depreciados.

Esses novos valores, segundo o autor, acabariam por transformar a relação com o trabalho e com o consumo, por exemplo, humanizando o primeiro e diminuindo o segundo. Aliás, para ele, “se desejarmos voltar a uma forma de trabalho mais humana, devemos ir à raiz: modificar as condições de base. A humanização do trabalho torna-se mais do que um *slogan* moderno atingido de anemia aguda” (KRIPPENDORF, 2000, p. 133).

Sobre essa questão, é possível traçar um paralelo com o turista que se torna migrante por meio de uma possível relação de trabalho, ou seja, o turista que opta por permanecer no Brasil por conta da conquista de um emprego. Tal relação foi verificada na coleta dos relatos dos “turistas-migrantes” por meio da escuta.

Em especial a fala de Cleber Ferreira (2017) traduz muito bem não só a relação laboral, mas comunga com esse trabalho citado por Krippendorf (2000) e com um cotidiano próximo de uma boa viagem.

*“Nesse caso eu, eu sempre digo que se você tem dinheiro aqui, um professor tem dinheiro, não é super rico, mas você tem dinheiro... você tem uma qualidade de vida acho que extraordinariamente boa, né... por causa do tempo, por causa do, da vida em geral que é mais relaxado, menos pressão mas no mesmo tempo muito liberdade em geral, ahm... Obviamente o Rio de Janeiro é fácil para promover o Rio de Janeiro é cheio de lugares muito legais... eh... eu, as montanhas, com certeza tem nesses... aqui, aqui tá cheio de lugares mágicos, normalmente relacionados com a natureza na cidade, né, normalmente.”*

De forma comparada, um misto de conquista de trabalho e de estudo, ou de estudo com renda (bolsa) que permitiu a subsistência também influenciou tanto na vinda quanto na permanência de alguns dos entrevistados, como já foi registrado na fala de Francisco Queiroz

e Rosa Saldanha. E, nas falas de Gustavo Bianco e Jayme Nascimento, também já mencionadas, percebe-se que a oportunidade de trabalho foi um dos fatores que pesou na decisão por permanecer no Brasil. Benício Martinelli narrou a importância para ele de ter comprado seu quiosque e, assim, poder trabalhar e, assim, permanecer no país. Alice Rovana, por ser estrangeira, ainda enfrenta uma certa barreira para trabalhar (que não será aqui relatada para garantir o sigilo em relação a entrevistada), mas ainda assim consegue. *“Eu amo a minha profissão, então não quero estudar outra coisa”*, ela diz.

Por fim, o autor trata de uma nova concepção de moradia, a acolhedora, a partir da “reconquista de parte do espaço vital que perdemos” (KRIPPENDORF, 2000, p. 139). Tal ação passa por tornar a cidade mais habitável, por meio de mudanças no trânsito e transporte; da ressignificação das escolas, abrindo-as como espaços esportivos e culturais; criação de jardins e pequenos espaços de cultivos de flores e hortas, dentre outros exemplos.

Chama-se a atenção aqui para mais uma possível condição do turista que se torna migrante. O espaço do destino que mostrar-se diferente e comparavelmente melhor que o da origem pode ser um dos motivos pelo qual o migrante opta por deixar de ser turista. Mais uma vez a hospitalidade, na qualidade do acolhimento, se manifesta como um diferencial, pois associada a um espaço urbano diferente e inclusivo, pode trazer a sensação da empatia e desejo de permanência, de morada. Há, então, um despertar da esperança acerca de um novo e melhor lar. Esse é o caso de Cleber Ferreira (2017), que não necessariamente descreve em sua entrevista o seu antigo lar na Alemanha, mas visivelmente gosta muito da sua nova casa no Brasil.

*“acho que isso são mais ou menos coisas que... me deixa pensar [Cleber passa uns segundos em silêncio] obviamente... então, muitas coisas são, tem a ver na verdade com a vida aqui da praia, que eu tenho essa possibilidade de fazer essas coisas... (...) eu quase sempre posso... é, tomar... eu tenho um terraço grande, agora tem obra lá, e por causa disso a gente não senta lá hoje, a gente sentaria lá hehehehe... ahm... iá, então, ficar do lado de fora, trabalhar, fazer as coisas... [A pesquisadora pergunta se ele considera isso uma liberdade] sim, sim, sim, com certeza... (...) essas coisas... eu... ahm... a alegria, com certeza, também, especificamente, [Cleber faz um curto silêncio] é... hoje em dia eu gosto de sair no Rio...”*

É interessante essa questão do espaço urbano sob a ótica de outra entrevista, porque não é só o lado inclusivo do espaço um dos fatores a proporcionar a permanência de um dos “turistas-migrantes”, mas a exclusão também contida nesse espaço. O geógrafo Lucas Moreira (2017), em determinado momento, diz isso, que a diversidade no Rio de Janeiro o atrai, tanto

no bom sentido, quanto nos problemas que tem. E, quando perguntado se estuda geografia política, ele conta mais detalhadamente seu campo e, com isso, compreende-se melhor ainda essa questão.

*“é sobre é... segregação socioespacial, na verdade. Como se distribuem as diferentes camadas sociais no espaço urbano da cidade do Rio (...) Tem... é... de alguma forma tem a ver com política também se pensar nos processos e nos fatores que que... que o... que ehm... são a base pra ter essa distribuição desigual da sociedade no, na cidade. Tem a ver de alguma forma também, tá. Não, em geral meu trabalho sempre tem a ver com política. Também... Hoje em dia na verdade eu ganho mais meu dinheiro em projetos que tem mais a ver com meio ambiente também. O vínculo entre o social e o meio ambiente. Aí sempre tem a ver com, com política de alguma forma também porque o resultado normalmente deveria também, ehm, orientar políticas públicas, essas coisas.”*

No caso de Lucas, então, não é tão somente que ele tenha contato com um espaço melhor, mas sim ele tem, de certo modo, um desejo de tornar melhor o espaço onde ele hoje se sente bem, tanto por meio de seu estudo quanto por meio dos projetos ou trabalhos em tenha atuado.

No caso de Márcia Prada (2017), ela relata que, mesmo tendo aqui uma vida completamente diferente da que levava na Europa, no Brasil ela tem o que não tinha lá, a felicidade.

*“Eu mudei uma mansão com piscina, uma casa de quase quinhentos metros quadrados, três andares, adega, é... jardim, piscina, tudo... por um apartamento de quatrocentos metros quadrados [Aqui ela queria dizer quarenta metros quadrados, mas se confundiu. A entrevista foi feita embaixo do bloco onde fica o apartamento de Márcia] de aluguel. Mudei um BMW por um... troquei um BMW por ônibus... ou pela caminhada. Troquei um salário de 3, 4 mil euros por mês na empresa do meu pai por ganhar 1.500 reais. Mas troquei... troquei toda aquela vida de luxo, de shoppings, de boutiques, de... por uma vida normal [Em sua fala, Márcia dá ênfase a palavra normal], que eu faço corrida na rua pela manhã, tomo uma Antarctica, que não é nem a melhor cerveja do mundo... mas é brasileira, na, num, num espetinho da rua; faço churrasco com meus colegas de trabalho na beira do lago. Tomo banho no lago e não tomo banho na, na praia de Ibiza, na Espanha... E... um... troquei tudo isso por essa vida que eu tenho. Mas aquela vida que eu tinha, com tanto luxo, com tanta coisa, eu não estava feliz com aquela vida. Agora aqui, sem nada, sou feliz [Márcia abaixa a cabeça um pouco e fica em silêncio por uns segundos] Essa.... essa é a minha história. Hahaha.”*

Sobre a morada, ela é abordada em vários momentos por Ian Chambers (1994). Uma delas é quando ele aponta o nomadismo da língua e do pensamento – momento em que cita a migração das periferias para os grandes centros, quando há uma concepção de habitação

menos fixa. Na disputa com outras línguas e identidades está a nova morada. O autor chega a dizer que há uma certa violência nessa disputa com o outro e, portanto, há violência na alteridade.

Pode-se fazer relação dessa citação de Chambers (1994) com as “teses para a humanização da viagem” de Krippendorf (2000), quando este objetiva “instaurar um novo turismo, um turismo melhor.” Vale dizer que para Krippendorf (2000) o turismo, na forma como se encontra atualmente, é de massas, voltado aos seus fins comerciais e se apresenta como uma indústria. Nesse sentido que ele propõe, então, sua humanização. E, para que aconteça essa humanização, o autor deposita no jovem sua esperança. O jovem é quem poderá humanizar o cotidiano e, por conseguinte, humanizar o turismo.

O novo turismo só virá quando a própria sociedade for melhor, quando as pessoas forem melhores, pois um cotidiano melhor leva a uma viagem melhor. Ao mesmo tempo, Krippendorf (2000) diferencia isso de uma sociedade ou de uma viagem ideal que, segundo ele, não tem como existir.

O autor suscita uma questão: se devemos esperar que a sociedade se modifique para que então o cotidiano, o trabalho e também as viagens, dentre outros, sejam modificadas ou se é possível tentar mudar um pouco as viagens e, com isso, influenciar na passagem para uma vida melhor. Aqui, mais uma vez é possível fazer um paralelo com o objeto dessa pesquisa. Essa busca por uma sociedade melhor independe do ato ou da motivação de viajar, ela é inerente a todo ser humano e, portanto, indissociável também do turista que, quando se percebe em seu tão esperado lugar melhor, opta por não voltar pra casa, escolha não mais ser um turista e torna-se, então, migrante. E foi mais ou menos isso que aconteceu com os entrevistados quando optaram por ficar. O Brasil foi considerado melhor por vários motivos, desde o clima até a possibilidade de viver um sonho, passando por questões de estudo, cultura e, porque não, afetos.

Por tudo que já foi relatado das entrevistas, é possível deduzir que independente do conceito que se tenha individualmente de paraíso, é inegável que a viagem ao Brasil, a vinda, transformou a vida de cada um, de cada uma e que aqui encontraram ou puderam construir um cotidiano melhor. Nenhum dos entrevistados está no Brasil por obrigação ou porque está preso a algo aqui, sobretudo algo ruim. Para nenhum dos entrevistados é um peso estar em terras brasileiras, muito pelo contrário, todos se sentem muito bem aqui. Todos se sentem em casa. Jayme Nascimento (2017), por mais que tenha dito que está aberto a novas

possibilidades fora do Brasil, afirma: “*Eu sempre digo que eu moro onde muitas pessoas desejam passar o resto da vida! E eu já tô morando aqui. É muito tranquilo, isso é o que mais é... sinto falta quando viajo, ao pouco tempo. Eu quero voltar pra minha casa*”! Mesmo que essa casa no Brasil represente o seu cotidiano, Jayme gosta dela, sente falta dela quando viaja, ou seja, quer voltar para seu cotidiano. É interessante, pois parece até que o cotidiano, por vezes, é melhor que a viagem, tanto que desejam voltar.

Não é um exercício difícil perceber a migração como resultado, consequência da busca por um local ou por um cotidiano melhor, diferente do atual. O povo indígena Guarani é conhecido por sua característica migrante, que é objeto de estudo em diversas áreas de conhecimento, e em torno dela foram construídos vários de seus mitos e ritos. E é também um motivo de grande luta para este povo. Um dos mitos é o da Terra sem Mal, ou, em Tupi-Guarani, *Ivy marãey*.

para os povos Tupi-Guarani, a sociedade – todas as suas regras e necessidades: o trabalho, as leis, as obrigações – tem um peso insuportável. Ela é demasiadamente maléfica. Alcançar a “Terra sem Mal” é a possibilidade de superação dessa condição, a contraordem, a recusa da atividade social. É o momento em que os Guarani, despidos em vida de sua condição humana, se transmutariam em homens-deuses, e se tornariam capazes de viver sem ter que trabalhar, eternamente jovens e felizes, numa terra esplêndida.

Na filosofia Tupi-Guarani, é possível atingir essa terra esplêndida sem que seja necessário passar pela prova da morte. A “Terra sem Mal” é um local a ser buscado em vida; daí a necessidade de migrar, caminhar, guiado pelo maracá do Carai.

(...) É como se pretendessem escapar do peso da sociedade, da coletividade demasiadamente humana para, desta forma, conseguirem atingir o suposto lugar da “terra prometida”, na condição de homens-deuses (COMISSÃO PRÓ-ÍNDIO DE SÃO PAULO).

Deslocando-se um pouco do mito indígena, o “homem branco” (assim chamado por esses povos) promove também alguns tipos de movimento. Krippendof (2000) transita pelos deslocamentos humanos atuais, pelas viagens feitas pelo mundo. E discute um pouco o que leva as pessoas a se deslocarem hoje em dia, seja em um fim de semana, em determinado período de férias ou em busca de uma nova residência (que ele atribui ao “desejo ardente” dos idosos). Para ele, as viagens acontecem porque as pessoas não estão mais à vontade no ambiente em que se encontram e, assim, sentem uma certa necessidade de saírem da rotina para depois retomá-la.

Ao elencar, em certo momento, as motivações para viajar, o autor afirma que “o próprio viajante é um ser complexo, por isso é difícil classificá-lo numa categoria bem-

definida” (KRIPPENDORF, 2000, p. 49). E, após essa e outras reflexões, constata que, antes de mais nada, o homem viaja para ficar livre de sua rotina, não para conquistar algo. Para ele, então, o que motiva o comportamento dos viajantes é o ego, que culmina com a autonomia para decidir o que lhe faz bem.

Seria, então, o ego que guia a metamorfose do turista em migrante? No sentido de ser o ego a essência do ser humano e, por conseguinte, ele busca o que faz bem para a sua essência em particular, pode-se dizer com base nas entrevistas que sim. Como já foi mencionado, todos os entrevistados e entrevistadas afirmam que se sentem muito bem no Brasil. Porém, esse sentir-se bem vem após a viagem inicial, da primeira vinda, como turista. Foi porque vieram como turistas que puderam experimentar cada coisa que os fez, individualmente, sentirem-se bem. E, porque sentiram-se bem, resolveram ficar.

Pode-se até fazer um exercício de generalização e colocar todas as motivações dos “turistas-migrantes” numa mesma categoria, mesmo que esse não seja o nome mais adequado, que é a categoria “sentir-se bem”. Assim, sentir-se bem tem a ver com possibilidade de estudo, encontro com uma cultura, oportunidade profissional, amor, sonho, clima tropical, praia, alegria, música, dentre outros. O sentir bem, em última instância, tem a ver com o encontro com a felicidade.

É preciso investigar um pouco mais se a transformação do turista em migrante não se aproxima da análise feita por Krippendorf (2000) ao tratar da questão da transformação do turista em hóspede, que passa pelo contexto das motivações e, mais uma vez, pela hospitalidade. O autor relata que o turista deveria ir mais a um lugar só em vez de perseguir inconstância na escolha do destino, a fim de estabelecer laços com o local e com as pessoas que ali residam. Essa relação transforma o turista em hóspede e, com essa tomada de consciência, há uma necessidade de proteger o local onde se está.

Excluída do raciocínio do autor a parte relativa à proteção, o fato de o turista visitar mais de uma vez o mesmo lugar e, assim, estabelecer laços com ele é algo que tem similitude com a metamorfose do “turista-migrante”. Benício Martinelli e Lucas Moreira vieram ao Brasil várias vezes antes de optarem por ficar. Franciso Queiroz e Mathias Borges viajaram menos vezes ao Brasil antes de tornarem-se migrantes, mas por certo encaixam-se também nessa análise.

Percebe-se, como já foi dito, que essa transformação que o autor conta vem carregada de hospitalidade, o hóspede passa a ter uma hospitalidade que o turista não tem. Percebe-se



também a relação do turista com o estrangeiro. Então, pode ser que a prolongação desse estado de ser hóspede é o que faz o migrante deixar a sua condição de turista. Ao analisar as entrevistas feitas, é possível dizer que essa relação existe sim, mas não necessariamente como um prolongamento da condição de hóspede, mas no sentido do prolongamento da experiência com a hospitalidade.

Para Krippendorf (2000), os turistas são “consumidores indecisos” e geralmente estão “perdidos” no local receptor, pois a maioria viaja rumo ao desconhecido. Nesse sentido, tendem a sentir confiança em quem lhes presta um serviço melhor e, de igual modo, em quem lhes dá um conselho.

O autor formula ao todo e três teses que vão ao encontro à busca, aqui retomando o mito Guarani, pela “Terra sem Mal”. Dentre elas, o destaque primeiro é para a que propõe um turismo suave, como ele mesmo denomina, ou seja, que não esteja voltado somente para as finalidades técnicas e econômicas, mas que também respeite o meio ambiente e que leve em conta os interesses da população, principalmente a do local do destino. “O importante é reconhecer que o turismo deve servir ao homem, e não o contrário. (...) É preciso voltar ao ser humano, às virtudes humanas, às atitudes sociais e à ética diante da vida” (KRIPPENDORF, 2000, p. 151).

O autor ressalta em mais de uma das teses a importância dos autóctones, seja na escolha da forma como o turismo deve se apresentar na sua localidade, passando pelo conhecimento do outro, de quem é o turista (sua origem, seus costumes, como é seu país, dentre outros aspectos) e chegando até na importância de que o solo seja mantido sob propriedade privada da população local. Para ele, o turismo não deve ser um novo colonizador que destrua o meio ambiente e se aproprie dos terrenos locais. Além disso, é preciso cuidar para que não haja uma monocultura turística. Desta forma, há um incentivo às estruturas mistas de economia. O respeito ao outro e sua cultura também permeia a grande maioria das ideias que Krippendorf (2000) expõe em sua obra.

Por fim, ele propõe, na última tese apresentada, que é preciso aprender a viajar, que o viajar deve ser aprendido na escola. Ele tece algumas sugestões de como inserir isso no ensino. E conclui que “*a chave da humanização da viagem é o novo ser humano*”. Um ser humano que compreenda a motivação de sua viagem, alguém que tenha feito uma viagem interior e, nesse *tour*, tenha adquirido consciência.

O ser humano consciente entende a sua estranheira e compreende o estranho, pois

tem no outro a si mesmo, não em condição de igualdade, mas de fraternidade e de respeito às identidades, mas ao mesmo tempo um sujeito que busca, que explora, que exercita sua errância. Esta solidariedade entre um e outro também tem relação com a alteridade.

A errância humana tem em sua essência o vazio ou a necessidade desse vazio diante da percepção que no mundo se convive com mazelas e tristezas ao mesmo tempo em que existe grandes riquezas e felicidades. Supõe-se, então, que o ser humano tenha desejo pela errância para opor-se à necessidade de fixar-se, tendo em vista que não existe o mundo perfeito da sociedade globalizada para que haja de fato um conforto em fixar-se. O fixar tem a ver com a dominação e controle onde a imobilidade torna-se uma forma de poder, de escape à vigilância. Michel Maffesoli (2001) analisa a errância nesse sentido. E isso pode ser encontrado na fala de alguns dos “turistas-migrantes” que já foram descritas, quando eles mencionam que não estão presos ao Brasil, por mais que morem aqui há algum tempo. Portanto, estão disponíveis para morar em outro lugar caso surja oportunidade. Porém, não relataram também que estejam planejando ou criando essa oportunidade, somente disseram estarem abertos. Além disso, mesmo tendo o gene da errância, os “turistas-migrantes” declaram que gostam de estar onde estão. São felizes. Pode-se dizer que seu encontro com a felicidade no Brasil venha do fato de já terem exercitado a errância como turistas e por também terem, em sua alma migrante, tal errância.

Para o autor, a vida social é comandada por quem tem poder de decisão, não pelos verdadeiros protagonistas, e isso “é a violência dos bons sentimentos, dando uma proteção em troca da submissão” (MAFFESOLI, 2001, p. 24). O autor comenta que a sociedade funciona como uma máquina. Mas, segundo ele mesmo diz, até uma máquina pode não funcionar perfeitamente. O movimento é silencioso e se faz de maneira inconsciente. Existe a vontade, o desejo de se chegar em algum lugar onde haja satisfação e ao mesmo tempo onde não haja pertencimento. Deduz-se, aqui, que é exatamente o que aconteceu com os *turistas-migrantes*. “A errância, desse ponto de vista, seria a expressão de uma outra relação com o outro e com o mundo, menos ofensiva, mais carinhosa, um tanto lúdica, e seguramente trágica, repousando sobre a intuição da impermanência das coisas, dos seres” (MAFFESOLI, 2001, p. 28-29). O autor afirma que o homem da pós-modernidade tem na errância uma prática e por meio da mobilidade algumas migrações aconteceram, como as do trabalho, do consumo, do turismo, das viagens e outras.

Além disso, para ele a errância tem afinidade com o ócio, com a vacuidade e com “o não-agir

da deambulação humana” (MAFFESOLI, 2001, p. 33). E, assim, de mãos dadas com o ócio, que a errância adquire uma certa dimensão de resistência. O autor compara a errância, o “passeio sem destino”, com o movimento da “pedra que rola”, com a história do “rock and roll” e chama isso de “nomadismo espiritual” (MAFFESOLI, 2001, p. 34).

O sociólogo francês propõe uma análise dos fenômenos individuais e também dos sociais por meio da apresentação do que é, pois esta é o que “se pode ver”, enquanto a representação para ele é uma “simples projeção”. Maffesoli (2001), ao tratar da representação desta forma, leva a uma comparação com o pensar o futuro. A errância, assim, conecta-se a uma questão ligada ao porvir, ou seja, ao futuro. Mas ao futuro formatado no presente, não ao futuro distante, que está além. Os turistas-migrantes sentem-se bem no presente, sentem a realização da errância, e, por isso, sentem-se felizes.

Epicuro (2002), em sua Carta a Meneceu, conhecida como Carta sobre a Felicidade, aponta que

é necessário, portanto, cuidar das coisas que trazem a felicidade, já que, estando esta presente, tudo temos e, sem ela, tudo fazemos para alcançá-la (...) Nunca devemos nos esquecer de que o futuro não é nem totalmente nosso, nem totalmente não nosso, para não sermos obrigados a esperá-lo como se estivesse por vir com toda a certeza, nem nos desesperarmos como se não estivesse por vir jamais (não tem página, baixado da internet como consta nas referências)

Para Moesch (2004, p. 396), “a mulher e o homem são sujeitos nômades, nomadismo (...) pelo tipo de deslocamento, (...) que se expressa determinado pelas condições econômicas, sociais, tecnológicas e ideológicas de cada tempo histórico mas criadora, acima de tudo”.

Partindo-se do pressuposto que o deslocamento humano, característico do turismo e também da migração, tem como um dos objetivos ir ao encontro do outro, é possível conectar a hospitalidade com tudo que já foi exposto, inclusive com o turista que se transforma em migrante. Mas o que pode ser entendido como hospitalidade?

#### O Mito da Hospitalidade

Certa vez Júpiter, pai-criador do céu e da terra e seu filho Hermes, princípio de toda comunicação – donde vem a palavra hermenêutica –, resolveram disfarçar-se de pobres. Decidiram, sob esta forma, vir ao reino dos mortais para ver como ia a criação que haviam posto em marcha. Júpiter depôs toda sua glória e Hermes desfez-se das duas asas, seu símbolo maior e de todos os demais adornos. Pareciam realmente pobres andarilhos das estradas.

Passaram por muitas terras. e encontraram muita gente Pediram ajuda a uns e a outros. Ninguém lhes estendia a mão. Recebiam maus-tratos e ouviram palavras ofensivas. Várias vezes foram afastados das portas com violência. Muitos sequer os

olhavam. Era o que mais lhes doía: não serem sequer olhados, como se fossem cães lazarentos de casas abandonadas. Por isso, passaram fome e toda sorte de privações. Depois de muito peregrinar e de sentir-se alijados por todos, o que mais desejavam era água fresca para beber, um prato de comida quente, aliviar os pés com água morna e uma cama para repousar os corpos. Sonhavam com a hospitalidade mínima! Até que um dia, chegaram à Frígia, província das mais longínquas e pobres do Império Romano, lugar para onde eram desterrados rebeldes e criminosos. Aí vivia um casal muito pobre. Ele se chamava Filêmon, em grego, “amigo e amável”, e ela Báucis, “delicada e terna”.

Sobre uma pequena elevação construíram sua choupana, rústica, porém muito limpa. Foi lá que, ainda jovens, uniram seus corações. O intenso amor tornava leve a pena. Viviam em grande paz e harmonia, pois faziam tudo juntos, um auxiliando sempre o outro. Quem mandava era também quem obedecia. Estavam já velhinhos, cansados de trabalhos e de dias.

Eis que chegaram à choupana Júpiter e Hermes, disfarçados de pobres mortais. Bateram à porta. Qual não foi a sua surpresa deles quando o bom velhinho Filêmon, sorridente, apareceu à porta e, sem muito reparar foi logo dizendo:

Forasteiros, vocês devem estar muito cansados e com fome. Venham, entrem em nossa casa. É pobre, mas está pronta para acolhê-los.

Os imortais tiveram que abaixar-se para entrar. Dentro sentiram a boa irradiação da acolhida e da hospitalidade. Báucis, a “delicada e terna”, logo se apressou em lhes oferecer duas cadeiras, na verdade, dois tamboretos de madeira rústicos. E foi buscar água fresca da fonte, atrás da choupana.

Filêmon, por sua parte, começou a reanimar o fogo da noite, quase apagado. Soprou as cinzas. Tomou raminhos finos e pedaços de lenha maiores, colocou-os por sobre as brasas ardentes e ajeitou a panela com água para aquecer. Dentro de pouco a água já estava morna.

Báucis com seu avental remendado começou a lavar os pés de Júpiter e Hermes, jogando água morna pelas pernas até perto do joelho para que se aliviassem de verdade.

Filêmon foi à horta atrás da choupana e colheu algumas folhas e legumes, enquanto Báucis tirava do alto, onde estava dependurado uma vara, o último pedaço de toucinho que restara. Estavam até pensando em sacrificar o único ganço que tinham, aquele que guardava a pobre choupana. Mas os imortais o impediram com determinação. Seus olhos, entretando, se encheram de lágrimas de comoção.

Numa panela de barro, bem antiga, cozinham os legumes com o toucinho. Um cheiro bom de comida caseira se espalhava pela choupana a ponto de fazer salivar Júpiter e Hermes, mortos de fome.

Báucis tomou do azeite turvo e grosso que eles mesmos faziam, e o deitou sobre a sopa. Grandes olhos de azeite espreitavam na superfície. Depois que tirou a panela, tomou alguns ovos e os meteu sob a cinza quente. Filêmon se lembrou do vinho que jazia numa vasilha escura e empoeirada no canto da casa, guardado como remédio. Haviam sobrado ainda alguns pedaços de pão do dia anterior. Aqueceram-nos na borda do fogão.

A hospitalidade e a aura benfazeja dos bons velhinhos fez aquecer a demora. E de repente tudo estava sobre a mesa em pratos limpos.

'Queridos hóspedes, vamos comer pois vocês o merecem depois de tantas canseiras. Perdoem simplicidade e a pobreza da cozinha'.

E, para não constrangê-los, Báucis e Filêmon, embora tivessem já comido, sentaram-se também à mesa para cear com eles.

Todos comeram à saciedade numa conversa animada e respeitosa.

Em seguida, Báucis e Filêmon se levantaram, tiraram nozes, figos secos e tâmaras de um baú, suporte dos pratos e das velas, e os serviram como sobremesa.

Por fim, os dois velhinhos ofereceram a sua própria cama, a única que havia na choupana, para dormirem. Colocaram lençóis limpos, embora visivelmente gastos. Estenderam por sobre o leito uma cobertura de honra, um velho tapete que guardavam para as festas. Júpiter e Hermes não se aguentavam de comoção. Lágrimas brotaram em seus olhos.

Instados a recolher-se, Júpiter e Hermes se dirigiram para a cama. Eis senão quando

sobreveio grande e inesperada tempestade. Raios e trovões iluminaram a choupana e rilombavam pelo vale afora. Num instante as águas subiram ameaçando pessoas e animais.

Desculpando-se junto aos Imortais, Báucis e Filêmon se levantaram apressados para ir socorrer os vizinhos.

Foi então que ocorreu a grande metamorfose. Repentinamente a tempestade cessou. E num abrir e fechar de olhos a choupana foi transformada num luzidio templo de mármore. Colunas em estilo jônico enfeitavam a entrada. O teto de ouro reluzia como o sol recém-saído das nuvens. Júpiter e Hermes finalmente mostraram quem eram, divindades no pleno esplendor de sua glória.

Filêmon e Báucis ficaram estarecidos, cheios de alegria e ao mesmo tempo de temor reverencial. Puseram-se de joelhos, inclinando a cabeça até o solo em sinal de adoração. Júpiter, senhor do céu e da terra, do sol e dos ventos, depois de ter aplacado a tempestade, bondosamente, disse:

'Amigo e amável' Filêmon, 'delicada e terna' esposa Báucis, façam um pedido que eu, Júpiter, em agradecimento, quero atender.

Baucis inclinou-se para Filêmon e colocou cabeça encanecida sobre seu peito. E, como se tivessem previamente combinado, disseram unissonamente:

– O nosso desejo é de servir-vos nesse templo por todo o tempo que nos resta de vida.

E Hermes acrescentou:

– Eu também quero que façam um pedido para que eu, Hermes, o possa realizar.

E eles, novamente, como se tivessem combinado, sussurraram conjuntamente:

– Depois de tão longo amor e de tanta concórdia, gostaríamos de morrer juntos. Assim não precisaríamos cuidar da tumba um do outro.

Seus votos foram ouvidos e receberam a promessa de cumprimento.

De fato, Filêmon e Báucis, os esposos hospitaleiros, serviram por muitos e muitos anos no templo, pelo tempo em que durou sua respiração.

Certo dia, sentados à tardinha no átrio, recordavam a história do lugar, de como, sem saber, hospedaram os deuses em sua choupana. Nesse momento Filêmon viu que o corpo de Báucis se revestia de ramos e flores, da cabeça aos pés. E Báucis viu também que o corpo de Filêmon se cobria todo de folhagens verdes. Mal puderam balbuciar juntos o derradeiro adeus porque se completou a metamorfose: Filêmon foi transformado num enorme carvalho e Báucis numa frondosa tília. Suas copas e galhos se entrelaçaram no alto. E assim abraçados ficaram unidos para sempre.

Quem passa por aquela região de Frígia, atualmente a Turquia, ainda hoje ouvirá esta fantástica história contada de geração em geração. Poderão ver as duas árvores centenárias, lado a lado, com as copas e os galhos entrelaçados. Elas lembram Filêmon e Báucis, esse casal hospitaleiro, e a metamorfose que conheceram por causa de sua hospitalidade.

E os mais velhos repetem a lição até os dias atuais: quem acolhe o peregrino, o estrangeiro e o pobre hospeda a Deus. Quem hospeda a Deus se faz templo de Deus. Quem faz dos estranhos seus comensais herda a imortalidade feliz (Boff, 2005).

O Mito da Hospitalidade tem uma das versões escrita por Leonardo Boff (2005) em seu livro e em seu *site*, e que encontra-se anexa. Em resumo, a história conta que os deuses Júpiter e Hermes resolveram transformar-se em mortais a fim de medir de que maneira seriam recebidos pelos moradores da terra. Escolheram a roupagem de mendigos e transitaram por vários lugares, onde foram maltratados e sequer foram olhados pelas pessoas. Nas terras mais pobres e distantes, depois de muito peregrinar, foram surpreendidos por um casal de idosos, Filêmon e Báucis, que não só os colocaram em suas casas, como cederam praticamente tudo que tinham de alimento e hospedagem para os estrangeiros famintos e cansados. Os deuses

revelaram-se e em merecimento, transformaram a choupana do casal em um belo templo e concederam a eles o desejo expressado pelos mesmos de que queriam morrer juntos.

Em seu sítio<sup>19</sup>, Leonardo Boff diz que a busca pela paz feita pelos refugiados no contexto mundial atual remete a esse mito. Desta forma, ele faz uma ligação entre migração e hospitalidade, pelo simples fato da primeira trazer à sua lembrança a segunda, tendo em vista que o refugiado, por mais que não seja diretamente um objeto dessa pesquisa, é um migrante. Assim, a busca pela paz, no olhar de Boff (2005) forma par com a hospitalidade. A visão teológica do autor lembra uma análise feita por Paulo Suess (2010), quando ele afirma que “a caminhada é uma opção material e espiritual, que se realiza geograficamente no mundo, temporalmente, a cada dia e, espiritualmente, na vida de cada pessoa”.

Um dos teóricos da hospitalidade é Jacques Derrida (2003), que aponta, dentre outros aspectos, a hostilidade dentro da hospitalidade, relação que aparece, por exemplo, quando ele menciona que a violência começa quando o hóspede tem que pedir hospitalidade em uma língua que não é a sua.

Acerca da hostilidade, Alice Rovana (2017), uma das entrevistadas, relata uma situação

*“eu sou muito feliz de estar aqui no Brasil. Já teve momentos de ser jogada na cara de que eu sou estrangeira. Eu tenho sentimento de que sempre [Alice enfatiza em sua fala a palavra sempre] vou ser estrangeira. Passei por um momento muito desagradável na UFRJ com um funcionário público que ele me falou “que que eu estava fazendo aqui nesse país... que eu tinha que voltar pra meu país”. Mas, assim, não são coisas que me abalam porque eu acho que... não... não é por aí mesmo, então... e eu me sinto bem... ehm, assim.... Meus amigos daqui são... me recebem bem, tô bem tranquila com relação a isso. Sou bem revolvida.”*

A questão da hostilidade evidencia-se ainda mais quando Derrida (2003) descreve a defesa de Sócrates perante um Tribunal. Em determinado momento de sua defesa, Sócrates diz que se ele fosse estrangeiro, seu modo de falar, seu sotaque poderia ser aceito com mais tolerância. O autor chama então a atenção para o direito que o estrangeiro possuía, que Sócrates inclusive parece querer evocar.

Essa perspectiva descrita por Derrida (2003), a princípio, pode aparentar ser contrária ao Mito da Hospitalidade, onde o estrangeiro não tem direitos. Porém, ela se aproxima com o conceito do autor acerca do que ele denomina hospitalidade absoluta e, nesse sentido, aproxima-se do Mito.

---

<sup>19</sup> <https://leonardoboff.wordpress.com/>

a hospitalidade absoluta exige que eu abra minha casa e não apenas ofereça ao estrangeiro (provido de um nome de família, de um estatuto social de estrangeiro, etc.), mas ao outro absoluto, desconhecido, anônimo, que eu lhe *ceda lugar*, que eu o deixe vir, que o deixe chegar, e ter um lugar no lugar que ofereço a ele, sem exigir dele nem reciprocidade (a entrada num pacto), nem mesmo seu nome. A lei da hospitalidade absoluta manda romper com a hospitalidade de direito, com a lei ou a justiça como direito (Derrida, 2003).

Surge, a partir daí, para o autor, o que ele chama de “questão da questão”: se é melhor a hospitalidade se iniciar com uma pergunta ao estrangeiro sobre seu nome, pois desta forma ele é considerado estrangeiro e, assim, detentor de direitos ou se a hospitalidade tem seu começo na acolhida inquestionável do outro, ou seja, sem a necessidade de questionar quem ele é. Ou seja, um acolhimento envolto no silêncio.

O autor usa outra história para também fazer algumas conexões acerca da hospitalidade. Trata-se da história da figura de Édipo, que, após cometer incesto e parricídio, chega a uma determinada região – Colona, e ali é um estrangeiro. Édipo está cego e se depara com um homem que passava pelo local onde ele estava. Tanto Édipo quanto o homem são estranhos entre si, então Édipo se dirige a ele como se o homem também fosse um estrangeiro. Dá-se, então, um diálogo entre estrangeiros. No diálogo, Édipo culpa a cidade de Tebas, pois as leis da cidade que elevaram seus feitos a categoria de crime, ele só é um fora-da-lei porque existe a lei, tendo em vista que não sabia o que fazia, tanto com relação ao incesto quanto com relação a morte de seu pai. Então, a culpa seria da lei. Em determinado momento, quando Édipo está nesse diálogo e se defendendo, chega Teseu e sente piedade e compaixão por ele. Há identidade entre ambos, pois, segundo Derrida (2003), Teseu menciona que cresceu no exílio como estrangeiro. Há alteridade entre estrangeiros, mas ao mesmo tempo há solidariedade, fraternidade e reconhecimento de uma igualdade contida na diferença. Esse movimento também tem o turista-migrante, sobretudo quando alguns dos entrevistados citam as redes de proteção, ou seja, amigos e pessoas próximas com quem se relacionam e com quem sentem-se protegidos mesmo estando em terras estranhas. Alice Rovana conta que no início de sua vida no Rio de Janeiro, conviveu com colombianos que moravam perto uns dos outros.

A partir de relatos de censura a sites ditos pornográficos na Alemanha, bem como outras intervenções estatais, Derrida (2003) faz um debate entre público e privado, entre o que pode ou não ser proibido ou limitado pelo Estado e o que de fato o é. Ele traz a questão da fronteira e da possibilidade, seja pelo telefone, por e-mail ou pela internet, de estender o *estar*

*em casa* para além do local onde se encontra. O autor faz uma crítica ao dizer que “todo elemento da hospitalidade se encontra perturbado” (DERRIDA, 2003, p. 45) diante do fato de que o Estado pode “controlar, vigiar, interditar trocas que os trocadores julgam privadas (...) já que essas trocas privadas atravessam o espaço público e nele se tornam disponíveis” (DERRIDA, 2003, p.45). Bhabha (2003, p. 30) também trata dessa mistura, dessa intervenção do público no privado e vice-versa.

Os recessos do espaço doméstico tornam-se os lugares das invasões mais intrincadas da história. Nesse deslocamento, as fronteiras entre casa e mundo se confundem e, estranhamente, o privado e o público tornam-se parte um do outro, forçando sobre nós uma visão que é tão dividida quanto desnorteadora.

Alguns dos “turistas-migrantes” entrevistados mencionam essa questão da tecnologia auxiliar na aproximação com suas famílias que estão distantes. Alice Rovana (2017) disse que “a gente se fala por *Skype*, pelo *whatsapp*, que eu tento mostrar pra ele [o filho] por imagem pelo computador pra ele, né, lembrar dos rostos, ele não esquecer”.

Rosa Saldanha (2017) mencionou as dificuldades que teve no início, quando veio há dezesseis anos atrás.

*“E também teve a proximidade geográfica, mas aí eu me lasquei, porque achei que ia ficar mais perto do Peru geograficamente iria facilitar as visitas. Mas na época só tinha Varig que fazia é... o voo, né, e era caríssimo... e aí... até o telefone, as ligações, tudo era mais caro no Brasil. E aí nessa... nessa seleção meio que me lasquei quando coloquei essa proximidade geográfica de, de comunicação, né. Mas foi assim...”*

Gustavo Bianco (2017) fala um pouco disso também

*“quando não tinha internet ... eu tinha contato de três em três semanas uma ligação do meu pai. De três em três semanas o único contato que eu tinha com a Itália. Hoje [Gustavo respira fundo] o contato é direto, então... através de tevê, internet, é... Skype, whatsapp, hoje as relações são muito mais fáceis, muito mais simples. Então, enfim... tem esse elemento também... que favorece, com certeza, a... a gerenciar as distâncias. Hoje a distância não é mais tão problemática como era, como era no começo. Eu repito: pra mim, quando decidi ficar no Brasil, no começo, assim, a saudade era forte, não vou esconder isso. Mas depois diminuiu, tanto porque os ambientes estão cada vez mais, mas também porque se tornou mais fácil de gerenciar a distância no contexto atual.”*

Ao transportar para a questão da migração na atualidade essa ideia de Derrida (2003)



de que as novas tecnologias expandem divisas, pode-se dizer que a determinação do fechamento de fronteiras por meio de maior policiamento ou da ampliação das restrições legais que antes permitiam o ingresso de migrantes em países europeus e até mesmo da construção de muros também é algo que perturba a hospitalidade. E, aqui, vale lembrar a questão da *pós-verdade*, em que a Folha de São Paulo cita a diminuição na quantidade de migrantes e também de turistas que ingressam nos Estados Unidos pelo medo de serem considerados ilegais. E, ainda assim o discurso da xenofobia infelizmente é vitorioso, e a ele seguem as mais diversas e absurdas atitudes do novo presidente norte-americano com base na divulgação de inverdades como o número de migrantes é alto e que migrantes ocupam vagas em empregos que poderiam ser ocupadas por cidadãos estadunidenses.

Retomando o debate feito por Derrida (2003), se ferramentas tecnológicas permitem uma ampliação da concepção de lar, de casa, porque haveria de ter limitação ao direito de mudar de país ou a querer permanecer no país para onde se viajou como turista? Claro, entram questões de soberania, mas é possível questionar as leis que, assim como aquelas que transformaram Édipo em um fora-da-lei, por vezes tornam o migrante um criminoso ou um ilegal, mesmo que, diferentemente de Édipo, ele tenha conhecimento do “crime”. Essa questão, de certo modo, é trazida pelo próprio Derrida (2003) posteriormente quando cita o sentimento de violação que, para ele, é uma reação “familista” e, quando ampliada para o nível nacional, uma reação até mesmo xenófoba dirigida ao autor da ameaça. Nessa linha de pensamento, o hóspede pode tornar-se inimigo, um sujeito hostil.

Rosello (2011, p. 1079), atendida com os fluxos migratórios que se intensificaram a partir do século passado, traça um paralelo mais atual da hospitalidade e suas “fronteiras”.

No final do século XX falou-se muito de imigração. E as imagens culturais que circulam atualmente modificarão de maneira indubitavelmente duradoura a ideia que um país europeu moderno pode fazer do estrangeiro (...) Agora, o outro ocupa o mesmo patamar que eu: se lhe devo (ou não) hospitalidade é principalmente enquanto cidadão membro de um país que se diz “hospedeiro”.

(...) Ora, esse imaginário da porta, da fronteira, assumiu uma coloração retórica e filosófica bem particular durante a última década do século XX: o debate sobre a imigração provocou uma reflexão intensa e multidisciplinar sobre a hospitalidade, sobre a hospitalidade da nação, do cidadão, e sobre o papel que exercem, nesse esquema, os cidadãos de países estrangeiros. (...) A definição de hospitalidade depende estreitamente da maneira com que descrevemos o contexto no qual ela é praticada.

A autora ressalta que a hospitalidade hoje, observada sob a luz da migração, se dá entre países, ou seja, há uma hospitalidade transnacional. E, por fim, tece sua conclusão

dizendo que a relação entre essa hospitalidade que envolve nações e imigração é difícil de ser feita, pois são entidades não comparáveis. Além disso, tem a questão de que “foi o próprio poder hospitaleiro da nação que contribuiu para colocar os estrangeiros em posição de solicitantes perpétuos” (ROSELLO, 2011, p. 1079).

Para Moesch (2004), “diz-se que o ato de receber um visitante é enraizado no código da tradição que, no código da hospitalidade, é necessário venerar o viajor errante, oferecendo-lhe o que é mais precioso, ou seja, o que é mais íntimo” (MOESH, 2004, p. 343). E, a errância em forma de turismo proporciona um encontro que, por sua vez, “não poderá manter-se em sua objetivação mercantilista, e sim reencontrar a sua essência, o “saber cuidar”, ou seja, a real hospitalidade humana” (MOESH, 2004, p. 397).

É fundamental essa reflexão da autora, pois dela deriva a ideia de uma hospitalidade moldada na perspectiva mais humanizada do turismo, na sua concepção de acolhimento, e não com uma visão reducionista que a trate somente sob o viés economicista ou mercantilista. Tal hospitalidade pode ser agente transformador das relações contidas no fenômeno da migração, bem como na metamorfose do turista em migrante. O acolhimento, inclusive no turismo, vai além do bem prestar um serviço na rede hoteleira, pois tem que alcançar a construção das políticas públicas voltadas ao estrangeiro. Portanto, o poder público tem que ter uma visão mais humanizada da hospitalidade e do turismo. Mas a população brasileira, por sua vez, também tem que fazer uso da sua vocação acolhedora.

Das entrevistas realizadas, Márcia Prada (2017) faz a fala mais emocionada em defesa do Brasil, que pode se resumir na frase dita por ela a todo instante, com largo sorriso no rosto: “Bem-vindo ao Brasil”. Independentemente da motivação principal por ter ficado foi o fato de ter se apaixonado por um brasileiro, Márcia Prada trocou uma vida de luxo, como ela mesma diz, por uma vida modesta aqui. Ela conta que na Espanha, mesmo com tudo que ela tinha, não era feliz. Aqui, ao contrário, ela é feliz, mesmo que não tenha o conforto e a remuneração que ela tinha lá.

*“Venha para o Brasil! Bem-vindo ao Brasil! Porque... o Brasil é um país mágico! Você não sabe a magia que tem o Brasil até que você conheça, até que você descubra! Nossa, eu tô arrepiada [Ela diz isso e a pesquisadora, envolvida e tocada pela emoção da fala de Márcia, diz a ela que também sentiu arrepio] Porque é um país que dá bem-vindo... é um país tão grande, com tantas coisas ... tantos lugares bonitos, ou feios... tantas coisas por descobrir, tantas pessoas maravilhosas que... finalmente você acaba se apaixonando, né. Finalmente você acaba se... amando!”*

A fim de auxiliar no entendimento acerca do acolhimento, vale uma breve pausa para observar o que apresenta Biaggio Avena (2006) sobre o mesmo, que por ele é analisado sob o ponto de vista do turismo. As categorias do acolhimento são o reconhecimento, a hospitalidade e o cuidado. Ou seja, no entendimento do autor, o acolhimento contém a hospitalidade. Ele destaca que o acolhimento deve permear todas as atividades turísticas, desde o planejamento até a execução. Para ele “o acolhimento deve ser cortês e alegre, mas, sobretudo, ele deve ser eficaz” (AVENA, 2006, p. 147). E é por meio da qualidade que a eficácia pode ser alcançada.

O reconhecimento, para o autor, envolve respeito. Então, o cliente quer ser tratado com respeito, quer ser desejado, não quer ser considerado um estranho. A hospitalidade é o que transforma o estranho em hóspede e, nesse sentido, o desejo tem a ver com pertencimento e com o conforto e a segurança gerados por essa pertença. Por fim, o cuidado por parte de quem acolhe pode ser visto na forma com que este guia os primeiros passos do acolhido, oferecendo informações e serviços necessários a ele.

Biaggio (2006) ressalta a importância do ato de sorrir no contexto do acolhimento. O sorriso expressa ao mesmo tempo a felicidade, a aceitação do estranho e a composição de laços entre quem acolhe e quem é acolhido. Assim, o local do acolhimento também tem seu destaque, pois há que ser humanizado. Para isso, é necessário um equilíbrio entre tal espaço, o homem e a funcionalidade desse local.

Nesse sentido, vale mencionar que os entrevistados citaram a alegria do brasileiro como algo positivo e acolhedor, e como algo que até mesmo lembra seu país de origem. O italiano Benício comparou de maneira positiva a alegria do brasileiro com a do italiano. E, para André Vidal (2017) “*são uns povos alegres, sorriem, brincam... entendeu (...) Uns 70% lembra do meu país, entendeu (...) isso me ajuda muito, bastante, bastante*”.

É relevante o estudo acerca do acolhimento. Porém, o conceito de hospitalidade utilizado na pesquisa sobre o “turista-migrante” envolve áreas para além do turismo e da hotelaria, que são o foco central da obra de Avena (2006). Mesmo que a hospitalidade para o autor não se mostre como sinônimo de acolhimento e sim como categoria do mesmo, há semelhanças entre seu estudo e o que é trazido nessa pesquisa sobre a transformação do turista em migrante, em especial com relação a alegria, como foi apresentado.

A linha de pensamento de Moesch (2004) coaduna com o exposto por Leonardo Boff (2005) quando ele trata da hospitalidade, quando menciona que a responsabilidade é

provocada pela relação com o outro, mas que há alguns impasses, como um gerado pela migração, que é a dúvida sobre o tratamento hospitaleiro a ser dado para pessoas que chegam em decorrência de guerra ou de crise econômica.

Há um convite à hospitalidade que é feito por Boff (2005): Quem sabe a hospitalidade (a que privilegie o ser humano) possa ajudar na diminuição dos preconceitos, na geração e ampliação da confiança entre os povos, proporcionando, assim, uma melhor troca de sentidos e experiências. E, traçando um paralelo com o objeto dessa pesquisa e, sobretudo, com as entrevistas realizadas, é possível dizer que esse aspecto da hospitalidade tem a ver com a motivação do turista a desejar permanecer no Brasil. Isso faz sentido porque, mesmo com os relatos de situações de estranhamento, o acolhimento por parte dos brasileiros, mesmo não sendo pleno, perpassou algumas das metamorfoses relatadas.

Assim como no Mito da Hospitalidade, é factível exercê-la em circunstâncias tidas como adversas. A possibilidade de trocas sociais no espaço da hospitalidade faz dela um “entre-lugar” mencionado por Bhabha (2003), onde o bem receber e o acolhimento podem ser praticados, sejam eles um legado do turismo ou não. E, como a hospitalidade é observada nas entrevistas como um dos motivos da transformação do turista em migrante, ela pode até mesmo ter uma dupla relação. Primeiro com o sujeito turista e, posteriormente, com o sujeito migrante que deixou de ser turista por ter se fixado no território brasileiro.

### Capítulo III – A metamorfose do “turista-migrante” na modernidade líquida

Bauman (2001) relata que na modernidade, a grande luta travada não foi por territórios. As guerras, segundo ele, foram muito mais para destruir as barreiras ao fluxo do comércio, ao fluxo dos poderes globais. Ao mesmo tempo, houve um ataque ao nomadismo, aos povos que, de certo modo, eram desligados das questões territoriais. Foram considerados atrasados, subdesenvolvidos, pois não se adequavam ao que era legal e bem visto. Para o autor, os nômades incomodavam o que era sólido. E hoje, o que se vê é o contrário disso, no sentido da contestação da territorialidade. Há o desejo pelo transitório, pelo portátil, pelo não durável.

Hoje há uma “desintegração social” (BAUMAN, 2001, p. 23), pois qualquer rede de laços sociais é considerada sólida e, por isso, impede a fluidez. A dita liberdade busca hoje um mundo sem nenhuma barreira, sem nenhum impedimento.

É preciso compreender preliminarmente que para o autor, tudo que é sólido suporta mais pressão que os líquidos, pois os primeiros não tem a fluidez dos últimos. Então, os líquidos não só são mais leves, como possuem mais mobilidade e mudam a sua forma de maneira mais fácil. O autor menciona a modernidade como “o ‘derretimento dos sólidos’”<sup>20</sup> (BAUMAN, 2001, p. 9) e aponta que há uma constante substituição de sólidos antigos por novos sólidos a cada período da história.

Acerca da liberdade, o caminho até ela passa por submeter-se à sociedade e suas normas. Os homens, pela repetição do padrão de normas, sabem como agir. O autor cita alguns pensadores e chega a dizer que a rotina protege, que o hábito traz segurança e autocompreensão. Além disso, não faz sentido viver de impulsos. E assim se conquista a liberdade.

Essa questão é percebida de forma muito clara no relato em algumas das entrevistas dos “turistas-migrantes”. Dos doze relatos, somente uma das entrevistadas agiu completamente por impulso, tanto que Márcia Prada (2017) chegou ao Brasil com a roupa do corpo. Henrique Souza, de certo modo, também saiu de sua zona de conforto, mas chegou a fazer um pequeno planejamento, tanto que arrumou suas coisas em duas malas, que depois

---

<sup>20</sup> Segundo Bauman (2001, p. 9), o termo “derretimento dos sólidos” foi cunhada pelos autores, Karl Marx e Friedrich Engels, no livro *Manifesto do Partido Comunista*.

acabou perdendo e também ficou no Brasil com a roupa que tinha no corpo.

De todo modo, sair de seu país, sair de perto da família, dos amigos, da rotina, é uma forma de exercer a liberdade de maneira diferenciada do padrão. Por mais que depois, estando no novo lugar, volte a submeter-se às atuais e locais normas e crie uma nova rotina. Sobre isso, o autor afirma que “o que foi separado não pode ser colado novamente” (BAUMAN, 2001, p. 32). Novas rotinas transformam-se em novos hábitos e não existe a totalidade, nem vai existir. Para o autor, o ser humano já alcançou toda liberdade que poderia alcançar. Tal questão pode ser comparada ao debate de que também as identidades nunca serão plenas, são fragmentadas, como analisam Chambers (1994) e Hall (2006).

É por isso também que alguns dos “turistas-migrantes” conseguem identificar que o seu lugar de origem não é mais o mesmo. Isso aparece na fala de Gustavo Bianco (2017), por exemplo, ele quando menciona “*a gente geralmente tem saudade de algo que mais, não existe mais, porque você tem saudade de uma realidade que já não existe, passou*”. Outra entrevistada, Rosa Saldanha (2017), também trata disso, “*quando você volta pra lá, quando eu volto pra lá... eu tinha saudades de uma família que ficou, que não é mais a minha, e de uma casa que ficou e que não existe mais, entende?*” Mathias Borges (2017) falou sobre isso em sua entrevista que vai um pouco além do que os demais disseram, mas que passa pela questão da negociação que existe no campo da identidade, da disposição ou desapego que se tem para abrir mão de algo.

*“Ah... es que saudade é um termo (...) apegado... acho que a saudade se sente quando você deixa ao menos alguma coisa, né, como faz falta de algo (...) Eu viajo há muitos anos como artista, sabe, como palhaço, então, gerar apego... é ... é quase que impossível gerar apego porque não se gera sentimentos e se, algumas coisas se querem se apegar, a colar a isso. Mas... é... tipo o que... eu sinto às vezes como falta é... de meus irmãos, às vezes de minha mãe.... Mas acei muitos anos viajando, mas de dez anos viajando.”*

Bauman (2001) comenta, citando Max Weber, que o homem se movimenta de forma continuada por conta de ser impossível alcançar a satisfação. Assim, segue buscando. É uma das análises que Maffesoli (2001) faz sobre o nomadismo. Do mesmo modo, o sujeito busca um exemplo a ser seguido, segundo Bauman (2001), alguém em que possa ser depositada, de maneira individualizada, a confiança na resolução dos problemas. Aliás, para o filósofo, “a apresentação dos membros como indivíduos é a marca registrada da sociedade moderna” (BAUMAN, 2001, p. 43). Mas, ainda assim, há também a busca por viver em comunidade,

como se isso significasse um bom convívio, ou até mesmo uma vida melhor compartilhada com pessoas igualmente melhores. Ocorre que isso é uma utopia. Nesse contexto, e um pouco fazendo um contraponto com a hostilidade descrita anteriormente no encontro entre estrangeiros, a cidade estabelece-se como um local possível para que estranhos se encontrem “em sua condição de estranhos” (BAUMAN, 2001, p. 121). Nesse caso, o estranho não necessariamente é estrangeiro vindo de fora, o que o define como estranho é o simples fato de não ser amigo ou parente. E o tempo do encontro é tão somente o da sua duração. O autor diz que não há passado nem futuro, pois inexistente a continuidade nesse encontro.

Essa perspectiva de Bauman (2001) remete ao “não-lugar” do turismo de Gallero (2004), no sentido de que a modernidade (para Bauman), assim como a globalização (na análise de Gallero) pode criar os “não-lugares”, sendo estes os espaços onde praticamente não há identidade, tendo em vista a homogeneidade que, por sua vez, acima é traduzida na questão do tempo do encontro trazida por Bauman (2001). Nesse sentido, nota-se uma diferença de ambos conceitos com o “entre-lugar” de Bhabha (2003) onde o processo de ressignificação de identidades pode acontecer por meio do encontro. Acrescente-se a ideia de que cada um desses encontros únicos, por mais que sejam únicos, a estes sucederão novos (outros) encontros diferentes. Desta forma, inspirados na análise de Bhabha (2003), pode-se dizer que os locais e os estrangeiros participantes desses encontros articulam e, de certo modo, barganham seus códigos, sinais e identidades de maneira continuada.

Há no aspecto da cidade apontado por Bauman (2001) uma questão interessante que coteja com a metamorfose do “turista-migrante” e que tem como espelho a fala de alguns deles, que buscaram por opção cidades maiores. Então, é preciso salientar que a abordagem do autor não se adequa ao *modus vivendi* das cidades pequenas brasileiras onde os encontros são frequentes no cotidiano, mas sim das metrópoles. E, nesse sentido, podem ser lembrados os relatos dos entrevistados que tem preferência pelos grandes centros. Lucas Moreira (2017) falou “*eu gosto de cidades grandes*” e contou que antes de ir pro Rio de Janeiro, dispensou um estágio que seria em uma cidade pequena

*“Aí foi meio por isso também que surgiu a ideia de fazer um estágio no Brasil. Porque ele ofereceu fazer com ele em Guaratinguetá, na universidade em Guaratinguetá. Só que depois eu vi que Guaratinguetá é uma pequena cidade hehehe, no interior.”*

Outra entrevistada, Márcia Prada (2017), quando chegou ao Rio e lá estava lotado,

buscou por outra cidade grande. “Aí voltei pro hotel e falei: tem uma cidade mais tranquila aqui por perto, mais segura, mais... sem tanta lotação de pessoas, e que seja uma cidade boa, grande?” Cleber Ferreira (2017) também falou um pouco sobre isso

*“Mas acho que... eu sempre... eu gosto de cidade grandes, então, vai ser difícil... e... obviame... aqui no Brasil se você vai para áreas mais no interior, muito rápido... é mais provincial [Cleber pergunta se a palavra é essa e percebe-se que ele não diz em sentido pejorativo] e isso não gosto muito... ah... bom... qualquer pessoa gosta, tem pessoas que gostam, eu não gosto... e assim... não... no momento, pelo menos, o Rio é a minha cidade, hehehe.”*

Ao definir a contraposição entre os espaços civis e os espaços públicos nas cidades, que em tese deveriam convidar ao convívio e ao compartilhamento coletivos, há alguns que ausentam-se de hospitalidade, desestimulando qualquer uso ou usufruto. Bauman (2001) cita uma determinada praça em Paris como exemplo. Nesta praça, não há sequer árvores que façam sombra ou bancos para sentar. Ou seja, é um convite ao não visitar. Mais uma vez é possível relacionar o pensamento do autor com a definição de “não-lugar” do turismo que faz Gallero (2004), pois esta praça visivelmente foi construída ou transformada para ser um “não-lugar”, para que não haja encontros, ou pelo menos que não aconteçam encontros duradouros.

Bauman (2001) menciona, ainda, outros modelos de espaços públicos que as pessoas frequentam de maneira coletiva, tais como cinemas, cafés, quadras esportivas e outros. Porém, para ele, esses lugares inspiram ação, no caso ligada ao consumo, e não interação, tanto que geralmente são espaços que não permitem ou, de certo modo, perseguem, quem não tem o propósito de ali consumir, como os mendigos, por exemplo. Nesse sentido, são espaços onde não se encontra também hospitalidade, tendo em vista que às camadas sociais mais baixas é filtrado esse acolhimento. Da mesma forma aconteceu com os deuses Júpiter e Hermes que, travestidos de mendigos, não conseguiram ser recebidos nas melhores residências, como conta o Mito da Hospitalidade.

O autor denomina um shopping center de “templo do consumo” (BAUMAN, 2001, p. 126), apontando que estar ali é como se transportar para um outro lugar, que o que ocorre lá dentro não é o mesmo que ocorre fora desse espaço. E cita o carnaval como algo descolado disso, mas que também acontece na cidade e que, de igual modo, é um espaço onde quem vai se sente em outro lugar. Porém, diferentemente do shopping, no carnaval esse transportar-se “desvenda o ‘outro lado’ da realidade diária, um lado constantemente ao alcance, mas



normalmente oculto à vista e impossível de se tocar” (BAUMAN, 2001, p. 126).

Visto de fora, o Brasil é percebido como o país do carnaval para muitos estrangeiros. Gustavo Bianco (2017), um dos entrevistados, relatou sobre a distribuição gratuita de um CD de música popular brasileira cuja capa tinha uma foto com mulheres nuas no carnaval. E isso foi distribuído gratuitamente por um jornal na Itália.

*“Mas eu acho que é mais uma questão de que o Brasil está muito atrelado a esse imaginário tropical, né, de um país que atrai turismo pra um turismo sexual, ou então o ecoturismo. E aí tem uma falha inclusive, acho, de políticas públicas sobre turismo no Brasil, e em parte também lá na Europa, que, repito, incentivava essa visão muito, ahm, sexualizada assim, do Brasil, da mulher brasileira, é... e tudo mais... incentivado talvez, ehm... Enfim, isso tem... (...) Que a imagem da brasileira é a mulata. É... é... Tem um monte de estereótipos.”*

Henrique Souza (2017), um dos “turistas-migrantes”, ficou no Brasil e interrompeu sua viagem em meio a um carnaval em Salvador. Ele em 1972 não tinha a festa em seu imaginário, tanto que achou estranho os homens vestidos de mulher. Ele mesmo disse: *“Ninguém me falou que era o primeiro dia de carnaval, não sabia!”*

O carnaval também é citado por Rosa Saldanha (2017), outra entrevistada.

*“E mesmo com essa situação toda do golpe, acho que... é uma... essa alegria que tenta se transmitir no carnaval, talvez ela vá pelo carnaval, até com uma, uma chamada meio assim sexual talvez é... negativa pra mulher inclusive e tal, ou para aquela coisa da imagem e tal. Mas assim, eu acho que o carnaval ele, ele traz muito essa coisa, a virtude do povo brasileiro de celebrar a alegria, de celebrar a vida. Eu acho que essa é uma coisa assim que eu gosto pra caramba daqui, porque a gente sente essa... a vida, na real, no seu... num nível de vibração que é bacana, entende, que não é assim, pra baixo né... Embora tenha também, quando a gente entra no ônibus vê o peso, né... o peso social de muitas escolhas, e de muita desigualdade social, né, a pobreza, enfim... Mas mesmo assim, as pessoas que tem uma situação ehm... social ruim, digamos assim, que é mais difícil do que é pra gente, elas tem essa virtude, né, de trazer essa celebração à vida, né. Eu acho que de maneira geral o povo brasileiro me traz um pouco isso...”*

Francisco Queiroz (2017) contou em sua narrativa que divulga algumas coisas sobre o Brasil para os amigos, como por exemplo aspectos ligados ao carnaval. Porém, percebe-se em sua fala que ele foge totalmente dos estereótipos e do imaginário mais comum que ronda a festa e que foi mencionado de forma crítica por Gustavo Bianco em seu relato.

*“Sei lá, carnaval, entendeu... eu... tenho meus amigos, tenho uma grande amiga e tal, que sempre “olha que bacana esse bloco!”, entendeu, mando isso, ela gosta de ver “que legal! Não sei o que...”. Percebe-se que tem uma... não sei... uma qualidade, assim, as pessoas fazem uma coisa muito gostosa de ouvir, de viver e tal*

*e tal, e isso é bom, entendeu. Ou sei lá, ou eu descubro uma música nova “olha que bacana esse cantor baiano, essa banda que legal!”, eu mando... eu sempre utilizo isso pra tentar convence-los de poderem vir pra cá, de experimentar isso, não é? Uma escola de samba, entendeu... pagode, sei lá... um chorinho, que eu adoro chorinho também. Pô, tudo isso.”*

As histórias acima, dos “turistas-migrantes”, possuem relação com essa constatação de Bauman (2001) a respeito do carnaval, que é a de que a cidade pode ter essa outra “cara” por meio dessa festa.

Um misto entre segurança e liberdade e a noção de pertencimento trazem a sensação de harmonia e equilíbrio aos “templos de consumo” que, para o autor, são não lugares. Todos deslocam-se, transportam-se para estes locais com o mesmo objetivo e isso os torna iguais. Nestes espaços, então, para Bauman (2001) não é preciso negociar, visto que todos querem a mesma coisa, possuem intenções semelhantes. E, assim, retorna-se à visão, sobretudo imaginária, da comunidade, das relações superficiais.

Esta percepção do autor é contrária ao que foi relatado nas entrevistas. Não só pelo fato de que os “turistas-migrantes” não vieram para os não lugares ou “templos de consumo”, mas também porque a negociação é feita constantemente por eles, independentemente de onde estejam. Assim, as diversas motivações identificadas na metamorfose dessas pessoas, tal qual suas identidades, também foram pactuadas. Ou seja, houve uma mediação que envolveu as questões ligadas ao estudo, trabalho, gosto pelo clima, novo relacionamento amoroso, identificação com a alegria local, dentre outras. Um dos entrevistados disse ter calculado sua decisão por voltar ao Brasil para aqui ficar, ou seja, fez um balanço, ponderou perdas e ganhos e, conseqüentemente, abriu mão de algumas coisas. Preliminarmente, essa negociação iguala os migrantes, no sentido de ser comum entre eles, mas não significa que os torna iguais.

Então, há uma certa diferença com os “entre-lugares” de Bhabha (2003), que são, fundamentalmente, espaços de negociação, são fronteiras onde surgem novas realidades com os não lugares que são espaços vazios, “antes de mais nada vazios de significado” (BAUMAN, 2001, p. 131).

Uma das peculiaridades desses não lugares do autor é que eles escondem as diferenças, ou pelo menos as invisibiliza. Isso, somado a ausência de negociações, corrobora com a falta de significado desses locais. São espaços onde “se não se puder evitar o encontro com estranhos, pode-se pelo menos tentar evitar maior contato”. (BAUMAN, 2001, p. 133).

O contrário disso é o que acontece com os “turistas-migrantes”, que, por serem estrangeiros já carregam em si a diferença, o estranho, o estranhamento e, portanto, não são invisíveis e não demonstraram necessidade de evitar contato. Márcia Prada (2017) fala abertamente que não vai esconder sua nacionalidade, independente da língua que estiver falando ou do lugar que estiver morando.

*“Eu falo, meu alemão é perfeito, mas sempre falo pra todo mundo “eu sou espanhola”. Depois morei em Doha, capital do Qatar, pelo meu trabalho lá, e sempre espanhola. E aqui, ainda, temos um grupo de espanhóis que moramos aqui. Eu sempre... Pra mim ser espanhol é um orgulho. Pra mim ser espanhol é aquela coisa que não posso tirar do meu sangue.”*

Bauman (2001, p. 123) segue analisando a questão do esforço pela homogeneidade, pela não aceitação e até mesmo exclusão do diferente.

A capacidade de conviver com a diferença, sem falar na capacidade de gostar dessa vida e beneficiar-se dela, não é fácil de adquirir e não se faz sozinha. Essa capacidade é uma arte que, como toda arte, requer estudo e exercício. A incapacidade de enfrentar a pluralidade de seres humanos e a ambivalência de todas as decisões classificatórias, ao contrário, se auto-perpetuam e reforçam: quanto mais eficazes a tendência a homogeneidade e o esforço para eliminar a diferença, tanto mais difícil sentir-se à vontade em presença de estranhos, tanto mais ameaçadora a diferença e tanto mais intensa a ansiedade que ela gera.

O autor chama de patologia essa incapacidade de entender, conviver, encarar o outro, essa liquidez das relações sociais que promove distanciamento em vez de aproximação. Dessa patologia talvez sofram os que levantaram as vozes para dizer a alguns dos “turistas-migrantes” para retornarem a seus países.

Observando-se as entrevistas, percebe-se que, por mais que no entorno tudo seja descartável, instantâneo e fluido, a metamorfose do turista em migrante, ou seja, esse período de casulo – emprestando aqui um pouco da dimensão da biologia onde essa transformação acontece, apresenta-se como um contraponto a essa liquidez. Primeiro porque há uma convergência quase que unânime nas falas das pessoas que deram seus relatos no sentido de que houve um acolhimento, sentiram-se bem recebidos, seja pelo calor humano, seja pela alegria, seja pela rede de proteção que criaram desde a chegada, seja pelas oportunidades de estudo ou trabalho encontradas ou até mesmo pelo calor dado pelo sol. Fato é que os “turistas-migrantes” tem poucas histórias de preconceito consigo para contar. Aqui ou ali aconteceram

fatos, mas nenhum episódio de xenofobia, por exemplo. Segundo, porque encontraram nas cidades onde estabeleceram-se no Brasil locais de negociação, onde constantemente tiveram que aprender novos códigos ou ressignificar os que já tinham. Por mais que abrir mão de algo carregue em si uma perda ou ocultação, um silêncio, de modo algum significa que eles estavam sendo ignorados ou deixados de lado. As histórias demonstram até mesmo o contrário, tanto que alguns até já ouviram frases do tipo *“ah, mas você já é brasileiro(a)”*. Márcia Prada (2017), que chegou ao Brasil sem malas e sem falar nada de português, quando conseguiu uma pensão para ficar, foi acolhida por paraenses. *“Aí comecei a me relacionar, com as meninas de Belém, que agora... ainda agora são... Elas falam que são a minha família aqui. ‘Você não tem família, você não tá sozinha! Você tem a, a, tem a gente!’”*.

Já se vai um tempo que aconteceu a modernidade desbravadora, conquistadora de territórios e que, por isso, valorizava as fronteiras fixas. A modernidade das indústrias com suas máquinas que mais pareciam engenhocas de tão precárias, a modernidade onde o tempo tinha outro significado, afinal, tudo era mais difícil, longe e demorado. E o tempo importa aos fluidos, segundo Bauman (2001), mas não tanto aos sólidos.

A modernidade que seguiu-se a essa é mais leve, segundo o filósofo, e trouxe a rapidez, o imediatismo. E essa “quase instantaneidade do tempo (...) anuncia a desvalorização do espaço” (BAUMAN, 2001, p. 149), visto que a qualquer momento pode-se ir a qualquer lugar. Vale ressaltar que o autor não considera que há uma instantaneidade plena, absoluta, mas que se caminha para isso.

O que não mudou com a passagem das modernidades foi que “pessoas com as mãos livres mandam em pessoas com as mãos atadas; a liberdade das primeiras é a causa principal da falta de liberdade das últimas” (BAUMAN, 2001, p. 151). E isso, por óbvio, impacta na mobilidade, no acesso a possibilidade de ir e vir para onde se quer. Nesse contexto, pessoas mais livres tem muito mais chance de movimentar-se mais rapidamente do que as pessoas que são mandadas, ou seja, as que são menos livres. Bauman (2001, p. 152) chama isso de “imobilidade forçada.”

Os “turistas-migrantes” enquadram-se como homens e mulheres atuais, do presente, inseridos na modernidade líquida tanto quanto o leitor e a pesquisadora. Todos estão colocados onde os costumes adquiridos são descartáveis e mutáveis, onde passado e futuro, assim como tudo nos “templos do consumo”, não tem mais significado. No caso da metamorfose do turista em migrante, a liquidez impacta na constância nas negociações, ou

seja, o tempo todo é necessário abrir mão de algo para incorporar uma outra coisa. Segundo Bhabha (2003), é onde acontece o encontro, a transformação, o novo. É como se não existisse a continuidade do presente no futuro, mas ao mesmo tempo se pensa nesse além, pois ele é estruturado no tempo atual. Nesse espaço, em especial, são as minorias que fazem as suas escolhas e suas negociações, visando sobretudo o seu empoderamento. Nessa fronteira, inclusive, há a escolha por deixar de ser turista e tornar-se migrante.

Pode-se imaginar, com base em algumas das análises de Bauman (2001) que essas negociações e empoderamentos são ilusórios, visto que o homem já alcançou o máximo de liberdade possível. Porém, não há como refutar o exercício da liberdade de escolha, que, por si só, reflete a emancipação dos “turistas-migrantes”.

Portanto, há sempre lugares de resistência e é possível por vezes fugir da instantaneidade. Talvez Mathias Borges (2017), um dos entrevistados, experimente isso a ponto de conseguir verbalizar. A conversa com ele aconteceu na Esplanada, mais especificamente perto da Biblioteca Nacional em Brasília. É um lugar sem edifícios altos, e de onde se vê todo centro do poder nacional, pois ali ficam os principais prédios que abrigam algumas das instituições mais antigas da República. Então, girando seu olhar 360°, ele disse “*olha essa cidade, tem um jeito tão exclusivista, está feita para certo tipo de pessoas*”, e faz uns poucos segundos de silêncio. Ele completa seu raciocínio dizendo

*“Quantas horas cada uma dessas pessoas gasta em seus ônibus para irem acá, a este lugar, que a máquina continue funcionando... né? E ainda assim faz, não sei o que os motiva. Alguns falam que são os filhos, ou sua família... eu no sei”* [Mathias termina de dizer isso, respira fundo e começa a falar outra coisa]

A visão descortinada de Mathias talvez tenha relação com a escolha que ele fez por trabalhar com arte, por ser um palhaço. Ele consegue romper com o ciclo de que as pessoas mais livres são as que mandam, como acentua Bauman (2001). Mathias não manda, mas também não tem as mãos atadas e, por isso, move-se para onde quer e da maneira que deseja. E, com isso, ele percebe no outro a letargia em reagir, em negociar, em caminhar até a fronteira e tentar transformar a dinâmica social na qual está inserido. Ao mesmo tempo, essa alteridade move Mathias. Ele percebe e usa a liquidez da modernidade para nela realizar a sua mobilidade, a sua liberdade, incluindo aí a sua metamorfose de turista em migrante.

## Considerações Finais

Os turistas tornam-se migrantes no destino final por interesses diversos e, a maioria deles, por um conjunto de fatores. Ou seja, a princípio não existe um motivo único ou um motivo que os migrantes tratem como especial que os tenha feito permanecer no Brasil após virem pra cá como turistas. É possível fazer esta afirmação com base na coleta das doze histórias que foram ouvidas.

Os turistas, hoje migrantes, fizeram a viagem inicial para o Brasil também por diferentes motivos. Uns vieram para estudar, vivenciando um turismo com viés mais acadêmico. Um veio viver uma experiência de trabalho voluntário, enquanto que outro veio viver um sonho. Alguns vieram por puro impulso e acaso, experienciando o nomadismo, um dos atributos do turismo. Outro, após diversas idas e voltas turísticas, resolveu fazer uma vinda definitiva, seguindo seu coração. Um chegou aqui a passeio, experimentando o turismo na sua mais usual concepção, que é a do lazer.

As motivações para permanecer no Brasil são, então, para o universo de entrevistados nesta pesquisa, diferentes das motivações que os trouxeram em sua primeira vinda, exceto para quem veio experienciar um sonho e também quem veio estudar e aqui permanece nessa condição. E isso já responde a uma das questões de pesquisa suscitadas, qual seja, os estímulos para o turista viajar até o Brasil em geral não coincidem com os ânimos que o levam a ser migrante nesse destino, a não ser nas exceções citadas.

Assim, de fato há uma metamorfose. Por certo, o turista que chega, mesmo que seja a mesma pessoa, é diferente do migrante que fica. Isso porque no trajeto percorrido, o turista incorpora novas relações a seus desejos e sentimentos iniciais. E, desta maneira, ele enfrenta os silêncios, a dificuldade no aprendizado e uso do novo idioma, passa pela superação da sua intrusão e, assim, lida melhor no cotidiano com os estranhamentos que sua condição de ser estrangeiro traz. O turista passa a gostar da sua nova casa, para onde tem vontade de retornar, ou seja, sente-se acolhido em seu lar e gosta desse seu novo cotidiano. O turista se apaixona. E o amor agregado a outros elementos como amizade, convivência em grupo, oportunidade de trabalho, acessibilidade e gratuidade no estudo, dentre outros, lhe traz felicidade. O turista encontra espaço para exercer e transformar a sua arte. Enfim, bem estar, felicidade, realização e outras sensações que o turista experimenta e deseja prolongar balizam sua escolha por ficar.

Também o exercitar da errância, contando desde sua chegada como turista até tornar-se migrante, auxilia na permanência. Entende-se, inclusive, a metamorfose como um processo que desvela aspectos da errância, tais como o conhecimento de si mesmo, o encontro com o outro e a percepção das estrangeiridades. O gosto por ficar é consequência da prática desse nomadismo. Porém, ele nunca se esgota. A errância pode ser vista, portanto, como algo inerente ao “entre-lugar”, visto que ela não é atrelada, como se vê, ao tempo contínuo. Tanto que alguns dos entrevistados disse que, em surgindo oportunidade fora do Brasil, eles saem daqui. É como se estivessem num intervalo entre uma errância e outra, sem se importar com o passado ou com o futuro, visto que não estão a planejar sua saída do Brasil.

A cidade, sobretudo a cidade grande, que é fixa, também é aprazível ao turista que chega, e os fluxos, ou seja, os fatores que possibilitam as suas relações e interações, tais como mobilidade e o uso das tecnologias, foram fundamentais para a permanência desse turista e, portanto, para a sua transformação em migrante. Então, nesse espaço globalizado que prima pela homogeneidade, o migrante, por si só é um local de resistência. Isso porque suas ações não são pautadas pelo consumo, mas pelo prazer, e também pelo fato de que os migrantes estão dispostos a negociar constantemente as suas identidades. Percebe-se tal questão na forma assertiva com que alguns lidam com a saudade, por exemplo, ou também na incorporação ou ressignificação de novos códigos, símbolos e sinais que foram relatados.

Um destaque a ser feito é a identificação de alguns dos entrevistados com a cultura brasileira, desde a questão da possibilidade de, no Brasil, estudar a Teologia da Libertação até aprender português ouvindo uma música de Jorge Aragão. Aliás, a música é um ponto convergente observado nas entrevistas. Por mais de uma vez a música brasileira foi citada de maneira positiva e até mesmo emocionada pelas pessoas que foram ouvidas. O canto de Elis Regina povoou o imaginário e a memória de um nicaraguense durante cerca de dez anos antes de sua vinda ao Brasil.

Um outro ponto transversal em várias das falas dos entrevistados é a alegria do povo brasileiro. Rosa Saldanha (2017) fala da “*virtude do povo brasileiro de celebrar a alegria, de celebrar a vida*”. Benício Martinelli (2017) também cita a alegria do povo brasileiro quando perguntado sobre o que mais o identifica com o Brasil, “*italiano do sul da Itália parece muito o carioca, o nordestino, gente alegre*”. Mathias Borges (2017) diz “*a mim a alegria que tem o brasileiro me gusta, me identifico, e parece, parece colombiana. As vezes uma alegria falsa, que os oculta embaixo disso, mas essa alegria, essa vontade de viver, esse positivismo, sabe*”.

A alegria pode ser compreendida como um dos aspectos do acolhimento que, por sua vez, é uma das categorias da hospitalidade. Desta forma, a alegria, a capacidade do povo brasileiro de ser feliz e celebrar mesmo diante de adversidades, resulta em hospitalidade, em acolhimento.

Mas nem tudo são flores. Houve relatos de estranhamentos, de situações complicadas pelas quais os estrangeiros passaram. A adaptação foi difícil para a maioria no início, mas hoje já se sentem mais integrados ou acostumados, embora ainda vivam episódios específicos que acontecem por terem nacionalidade diversa da brasileira. Mas não houve nenhum relato de xenofobia ou de um preconceito mais violento, exceto em uma das histórias, que será contada abaixo. Há, inclusive, comparações de que algumas situações, como assaltos ou má prestação de serviço poderiam acontecer com qualquer um, ou que geralmente acontecem com pessoas de baixa classe.

Nesse sentido, foi possível observar que a maioria dos migrantes entrevistados tem um posicionamento mais crítico com relação às questões sociais e econômicas nacionais. Mostraram-se bastante conscientes no tocante ao momento político em que vive o Brasil e desaprovam parte dos políticos. Houve críticas aos bancos e o regime de juros brasileiros, bem como ao salário mínimo. Alguns dos “turistas-migrantes” entrevistados também fizeram comparações entre a pobreza e a corrupção do Brasil com a de seus países, especialmente os de origem latina. Essa consciência, essa visão, reproduz a resistência citada por Milton Santos (2001) no contexto da globalização, onde, segundo ele, em um mesmo espaço convive as racionalidades e as irracionalidades. De acordo com o autor, são as irracionalidades que levam à tomada de consciência. Tal consciência também está presente nos “entre-lugares” de Bhabha (2003), afinal são nessas fronteiras identificadas pelo autor que os movimentos emancipatórios das minorias acontecem, envoltos nas negociações identitárias que ali ocorrem.

Essa consciência permite também ao migrante, por exemplo, diferenciar o uso de expressões em países diversos, ou seja, perceber que uma mesma palavra pode não guardar semelhança ou preconceito em seu significado. Lucas Moreira (2017) disse não se incomodar de ser chamado de gringo no Brasil. *“Eu acho que é... o uso de gringo no Brasil é diferente do que no México (...) Aqui todos são gringos, argentino é gringo também. Já no México, por exemplo, é só norte americano e isso quase sempre (...) com um tom pejorativo também”*.

Um aspecto que vale a pena ser evidenciado é no que diz respeito as mulheres, com



relação ao espaço de resistência feminino, pelo menos o espaço da “turista-migrante”. Foi muito mais difícil encontrar mulheres para entrevistar do que homens. Tanto que elas somam apenas três em meio a um total de doze escutas que foram realizadas. Ao deparar com esta barreira com relação ao gênero, a pesquisadora perguntou para um entrevistado e uma entrevistada que impressão eles tinham acerca disso, se existiam menos mulheres migrantes ou se elas apenas não apareciam para este local de fala, a saber, a pesquisa. As respostas, por óbvio, não são dotadas de rigor científico e nem baseadas em outras pesquisas já feitas, mas com base em verificação empírica. O entrevistado disse que conhece poucas mulheres migrantes e fez um exercício de memória para citar duas ou três. A outra entrevistada declarou que a mulher tem mais dificuldades sim, não só para migrar, mas para manter-se em outro país, sobretudo se tem filhos e tenha, ao mesmo tempo, que estudar e trabalhar.

Além disso, mulheres sofrem cotidianamente com a violência. Isso é evidenciado em denúncias e notícias que circulam na imprensa. A entrevistada (cujo nome, mesmo sendo pseudônimo, será preservado) relatou uma situação em que foi roubada por um homem que percebeu que ela e a amiga não eram brasileiras. Ele as perseguiu e agrediu antes de levar os pertences. Ser estrangeira para a mulher, então, tem o gênero como um fator que dificulta um pouco mais no lidar com os estranhamentos, bem como imprime à mulher a necessidade, até mesmo como autodefesa, de aprender os códigos locais, para se proteger melhor. Então, à mulher migrante é imposta essa condição, ao homem migrante não. Ao fim do relato, a entrevistada disse: *“então, realmente, mulher migrante... menina!”*

A questão do racismo também pode ter seu pequeno recorte neste trabalho, pois houve dificuldade de localizar negros que tenham feito a metamorfose. Somente um africano foi entrevistado, o que difere os “turistas-migrantes” dos refugiados, por exemplo, que tem nos haitianos um número expressivo. Quando perguntado sobre as dificuldades de ser estrangeiro no Brasil, André Vidal (2017) disse que não tem muito preconceito não, mas que enfrenta uma questão. *“Assim, quando você chega num lugar, assim, a pessoa ri pela minha cor, às vezes vejo o povo rindo”. Mas ele acrescenta que “só que você não pode criticar se eles ri gostando ou não. Mas assim, já vi o povo rindo já... várias vezes. Eles olha assim pra você e ri”*.

Então, assim como o gênero, a questão da raça também interfere nos espaços de negociação. É como se a cor da pele ou o fato de ser mulher fosse um fator a mais a ser conciliado, por mais que seja também um referencial em potencial para o empoderamento

dessas pessoas. Mas, vale dizer, tais preconceitos não foram impeditivos para o turista tornar-se migrante, como se vê no caso do entrevistado e da entrevistada.

Ainda sobre essa questão, vale transcrever parte da fala de Francisco Queiroz (2017), um dos participantes das entrevistas realizadas.

*“Então, foi um ano, não sei se você lembra, foi um ano que muito se falou da invasão haitiana, tinha muitos haitianos na fronteira... não sei o que... tinha muito na universidade (...) Eu não sei como foi ... eu tive acesso a um relatório no final de 2011, já 2012, que dizia a quantidade de pessoas que chegaram ao Brasil. E cara! Tinha mais portugueses que haitianos. Mesmo [Francisco enfatiza a palavra mesmo], assim, o português triplicou a quantidade de portugueses que vieram pro Brasil naquele ano. E haitiano era muito pouco com relação a portugueses. Mas todo mundo falava da invasão haitiana, [e Francisco ri]. Então falei “é... peraí, entendeu? Não tem invasão portuguesa, não tem invasão espanhola, não tem italiana, mas tem uma haitiana?”. Então, ah... eu percebi que tem uma relação um pouco desigual, entendeu, nesse sentido. Eu falava muito com meus amigos sobre isso. Se algum dia o Brasil vai discutir política migratória, que eu acho que tem que discutir. Não sei agora como que tá, não sei se agora melhorou essa questão de... com a crise não sei se mudou alguma coisa na, na abertura, né. Mas com essa abertura que o Brasil tem, recebendo muitas pessoas, é... sei lá, alguma coisa vai ter que ser discutida pra superar essa... essa... esse preconceito, entendeu. É... ah, um país que... é verdade, ah, legal, recebeu muitas pessoas.. não... é, é muito misturado, muito a ver... Mas é diferente quando recebe um europeu e quando recebe um africano, entendeu. Então... É um pouco isso.”*

O tempo que as pessoas entrevistadas terminaram a sua metamorfose, ou seja, que estão no Brasil, não é igual. Esse período oscila entre um ano e meio até quarenta e cinco anos. A idade das pessoas ouvidas também é variável, entre 36 e 74 anos, com maior concentração na faixa dos quarenta anos. Ambos aspectos não interferiram nas respostas, assim como não interferem no fato das pessoas estarem mais adaptadas ou não ao Brasil. Os dois extremos, inclusive, são muito próximos. Ou seja, a mais nova é a que decidiu mais recentemente morar no Brasil e o mais velho é o que está aqui a mais tempo. A dupla demonstra o mesmo nível de entusiasmo pela vida que levam em terras nacionais e declaram amor pelo lugar onde estão, uma pelo Brasil e o outro mais especificamente pelo Rio de Janeiro.

Acerca do trabalho, de ser a conquista de uma atividade laboral o que interfere na permanência do migrante, ela é real. Mas muito mais no sentido de um trabalho que se aproxima de uma realização pessoal ou de ser um trabalho que cabe no novo cotidiano construído pelo “turista-migrante”. Ou seja, não é algo que escravize ou que não traga prazer aos entrevistados.

Ao analisar um pouco mais essa passagem de temporário para permanente, ou seja, da metamorfose, registra-se que, por meio dessa pesquisa, é possível afirmar que o turismo serve de ponte para a possibilidade de escolha pelo Brasil. Uma segunda escolha, é bem verdade, pois a primeira foi a de vir pra cá provisoriamente. O turismo permite, o turismo abre alas, portas e janelas para o exercício de um querer ficar. Assim, o turismo encaixa-se, mesmo que não seja essa a percepção dos “turistas-migrantes”, como uma das motivações de sua manutenção do Brasil. E, emprestando novamente a noção de metamorfose da biologia, como algumas das pessoas ouvidas disse que não há nada que as prenda em definitivo no Brasil, resta saber se há constância da metamorfose nessas borboletas, ou seja, se haverá nova transformação e esses “turistas-migrantes” irão fazer morada em outro país. Darão continuidade ao exercício da errância e criarão novos espaços de fronteira para, mais uma vez, gerar algo novo? Alguns indicaram essa possibilidade. Porém, é uma afirmação difícil de ser feita, visto que é natural do ser humano ser itinerante mas, ao mesmo tempo, quando satisfeito, o sujeito naturalmente pode cessar sua busca.

Foi dito no início dessas considerações que, com base nas entrevistas, a maioria das motivações que acionaram os turistas para virem ao Brasil são diferentes das motivações que os fizeram ficar. Porém, é possível mudar essa percepção inicial quando se encontra um tema que é transversal, ou seja, que está presente em ambas condições. A felicidade é essa diagonal que atravessa o turista e também o migrante no campo de sua motivação. Felicidade na ótica filosófica de Epicuro (2002), no sentido de conhecer seus desejos, de não se preocupar sobremaneira com o futuro, de ter uma vida simples e com prudência, de cercar-se de coisas que afastem do medo e da dor.

Uma vez que tenhamos atingido esse estado, toda a tempestade da alma se aplaca, e o ser vivo, não tendo que ir em busca de algo que lhe falta, nem procurar outra coisa a não ser o bem da alma e do corpo, estará satisfeito. De fato, só sentimos necessidade do prazer quando sofremos pela sua ausência; ao contrário, quando não sofremos, essa necessidade não se faz sentir.

É por essa razão que afirmamos que o prazer é o início e o fim de uma vida feliz. Com efeito, nós o identificamos como o bem primeiro e inerente ao ser humano, em razão dele praticamos toda escolha e toda recusa, e a ele chegamos escolhendo todo bem de acordo com a distinção entre prazer e dor (EPICURO, 2002, [s. n.]).

A felicidade, portanto, está presente na metamorfose, movimentando essa mudança. O prazer acompanha o ser turista e também é companheiro do ser migrante. Assim, o prazer é um vínculo ao longo da trajetória, do caminho que percorre o turista até tornar-se migrante. E a metamorfose funciona como um “entre-lugar” (BHABHA, 2003), não só no sentido de que

nela acontecem as negociações identitárias, as transformações culturais, mas também porque é no contexto da metamorfose que os “turistas-migrantes” conseguem lidar com o passado de maneira a ressignificar o tempo atual e elaborarem no presente um futuro já transformado.

Por último, algumas questões específicas merecem ser mencionadas, como o excelente café feito e servido por Cleber Ferreira e a sua vontade de ajudar o Brasil; a “carona” até a Barra da Tijuca dada por Alice Rovana, que não se incomodou em dar parte da entrevista em seu carro enquanto dirigia para ir buscar o filho da escola; o brilho no olhar de menino que André Vidal conservou e que aparece quando ele diz que ama o Brasil; as deliciosas e inesquecíveis histórias e aventuras compartilhadas por Henrique Souza; a objetividade de Jayme Nascimento, que desperta a necessidade de exercitar um pensamento mais pragmático, porém zeloso consigo mesmo; a sensibilidade presente na resistência e na arte de Mathias Borges; o feminismo, a simpatia e o cuidado de Rosa Saldanha, que parou a conversa no meio de uma chuva para perguntar se a pesquisadora estava se molhando; a empolgação e sentimento de Benício Martinelli e sua sensação de pertencimento; a emoção sem igual de Márcia Prada, que sorri também com os olhos quando fala dos encantos do Brasil e a coragem que envolve a sua permanência aqui; a simplicidade e ao mesmo tempo profundidade na fala de Lucas Moreira ao contar que enquanto fizer sentido ele fica no país; a compreensão ampla e amorosa que tem Gustavo Bianco sobre a saudade e seu desprendimento em vir para o Brasil ajudar ao próximo; por fim, a inteligência de Francisco Queiroz e, em especial, a sua gentileza ao trazer Elis Regina à pesquisa.

Esses detalhes são destaques particulares que, em conjunto com tantos outros ditos ou feitos pelos entrevistados e entrevistadas, fizeram com que a pesquisadora renovasse seu amor pelo Brasil e ressignificasse alguns de seus sentimentos e atitudes. Por meio do estudo da hospitalidade e da escuta das histórias dessas pessoas, a pesquisadora acabou encontrando um acolhimento por parte dos “turistas-migrantes”.

## Referências

ACNUR – Agência da Organização das Nações Unidas para Refugiados. **Protegendo Refugiados no Brasil e no Mundo**. Cartilha impressa.

A AJUDA que vem de fora. **O Estrangeiro**. Brasil País de Imigração, 30/06/2007. Disponível em: < <https://oestrangeiro.org/2017/06/30/a-ajuda-que-vem-de-fora/>>. Acesso em: 05 jul. 2017.

AVENA, Biaggio M. **Turismo, educação e acolhimento: um novo olhar**. São Paulo: Roca, 2006.

BARRETO, Margarita. Interfaces entre turismo e migrações: uma abordagem epistemológica. **PASOS, Revista de Turismo y Patrimonio Cultural** [en linea] 2009, 7 (Enero-Sin mês). Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/881/88111633001/>>. Acesso em: 26 jun. 2016.

BAUMAN, Zygmunt. **Ensaio sobre o conceito de cultura**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

BAZZO, Gabriela e REIS, Thiago. Brasil aprovou 40% das solicitações de refúgio analisadas em 2017. In: **G1**, 22/01/2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/brasil-aprovou-40-das-solicitacoes-de-refugio-analisadas-em-2017.ghtml>>. Acesso em: 28 jan. 2018.

BHABHA, Homi K. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

BIANCO, Gustavo. Entrevista concedida a Tatiana Tannús Grama, em Brasília/DF, no dia 15 de setembro de 2017. Duração: 26 minutos e 59 segundos.

BOFF, Leonardo. **Virtudes para um outro mundo possível**. Vol. I. Hospitalidade: direito e dever de todos. Petrópolis: Vozes, 2005.

BOFF, Leonardo. O mito da hospitalidade e os refugiados de hoje. In: **LeonardoBOFF.com**, 02/10/2015. Disponível em: <<https://leonardoboff.wordpress.com/2015/10/02/o-mito-da-hospitalidade-e-os-refugiados-de-hoje/>>. Acesso em: 31 out. 2016.

BORGES, Mathias. Entrevista concedida a Tatiana Tannús Grama, em Brasília/DF, no dia 18 de setembro de 2017. Duração: 17 minutos e 34 segundos.

BRASIL. Câmara dos Deputados. Projeto de Lei nº 2.516/2015. Brasília, 04 de ago. 2015. Disponível em: <[http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop\\_mostrarintegra;jsessionid=4AC995440540507409E93707409F95F9.proposicoesWeb2?codteor=1366741&filename=PL+2516/2015.](http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=4AC995440540507409E93707409F95F9.proposicoesWeb2?codteor=1366741&filename=PL+2516/2015.)> Acesso em: 26 jun. 2016.

BRASIL. Ministério do Turismo. Secretaria Executiva. Diretoria de Estudos Econômicos e Pesquisas. **Anuário Estatístico de Turismo – 2017**. Vol. 44, Ano Base 2016. Brasília, 2018.

Disponível em: <http://www.dadosefatos.turismo.gov.br/2016-02-04-11-53-05.html>.

BRASIL. Ministério do Turismo. Secretaria Executiva. Diretoria de Estudos Econômicos e Pesquisas. **Estatísticas Básicas de Turismo**. Ano Base – 2015. Brasília, 2016. Disponível em: <http://www.dadosefatos.turismo.gov.br/images/pdf/EstatisticasBasicasdoTurismo-Brasil2016-Anobase2015.pdf>. Acesso em: 06 nov. 2016.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940. **Portal da Legislação**, Brasília, 7 de dez. 1940. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/Del2848.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del2848.htm). Acesso em: 26 de jun. 2016.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Decreto nº 6.975, de 7 de outubro de 2009. **Portal da Legislação**, Brasília, 09 de out. 2009. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2009/decreto/d6975.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d6975.htm).

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Lei nº 818, de 18 de setembro de 1949. **Portal da Legislação**, Brasília, 18 de set. 1949. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L0818.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L0818.htm). Acesso em: 26 jun. 2016.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Lei nº 6.815, de 19 de agosto de 1980. **Portal da Legislação**, Brasília, 19 de ago. 1980. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L6815.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L6815.htm). Acesso em: 26 jun. 2016.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Lei nº 13.445, de 24 de maio de 2017. Institui a Lei de Migração. **Portal da Legislação**, Brasília, 25 de mai. 2017. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2017/lei/L13445.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/L13445.htm). Acesso em: 25 jun, 2017.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. **Turismo: investigação e crítica**. São Paulo: Contexto, 2002.

CHAMBERS, Iain. **Migración, cultura, identidad**. Buenos Aires: Amorrortu, 1994.

CHARTIER, Roger. O Mundo como Representação. **Estudos Avançados**, vol. 5, n. 11, 1991, p. 172-191. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/8601/10152>. Acesso em: 22 de out. 2016.

COMISSÃO PRÓ-ÍNDIO DE SÃO PAULO. **O povo indígena Guarani**. Disponível em: <http://www.cpisp.org.br/indios/html/saiba-mais/21/a-busca-da-terra-sem-mal.aspx>. Acesso em 22 de out. 2016.

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS, ONU, 1948. Disponível em: <http://www.dudh.org.br/declaracao/>. Acesso em: 22 de out. 2016.

DEPUTADOS, ponham fim à discriminação contra migrantes. [s. d.]. Disponível em: <http://https://www.change.org/p/assine-para-dar-um-basta-na-discrimina%C3%A7%C3%A3o> >. Acesso em: 10 de set. 2016.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. **História Oral**, vol. 6, 2003, p. 9-25. Disponível em: <<http://revista.historiaoral.org.br/index.php?journal=rho&page=article&op=view&path%5B%5D=62&path%5B%5D=54>>. Acesso em: 13 nov. 2016.

DERRIDA, Jacques. **Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar Da Hospitalidade**. São Paulo: Escuta, 2003.

EBC – Agência Brasil. **Número de refugiados reconhecidos sobe 12% no Brasil em 2016**. Brasília, 20/06/2017. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2017-06/numero-de-refugiados-reconhecidos-sobre-12-no-brasil-em-2016>. Acesso em: 28 jan. 2018.

ELIAS, Denise. Milton Santos: a construção da geografia cidadã, 2002. [on-line]. Disponível em: <<http://www.ub.edu/geocrit/sn/sn-124g.htm>>. Acesso em: 29 jun. 2017.

EPICURO. **Carta sobre a Felicidade: (a Meneceu)**. São Paulo: Editora UNESP, 2002. Disponível em:< <https://www.passeidireto.com/arquivo/33857839/carta-sobre-a-felicidade---epicuro>>. Acesso em: 27 jan. 2018.

FERREIRA, Cleber. Entrevista concedida a Tatiana Tannús Grama. Rio de Janeiro/RJ, 12 de set. de 2017. Duração: 22 minutos e 15 segundos.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Recusa de vistos dos Estados Unidos a brasileiros deve triplicar em 2016**. Disponível em: <<http://tools.folha.com.br/print?site=emcimadahora&url=http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2016/11/1834330-recusa-de-vistos-dos-estados-unidos-a-brasileiros-deve-triplicar-em-2016.shtml>>. Acesso em: 30 nov. 2016.

GALLERO, Alvaro Lopes. **O lugar e o não-lugar no turismo**. São Paulo: Contexto, 2004.

GASTAL, Suzana (org.). **Turismo: investigação e crítica**. São Paulo: Contexto, 2002.

GASTAL, S.; MOESCH, M. (orgs.). **Um outro turismo é possível**. São Paulo: Contexto, 2004.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

GONÇALVES, R.; LISBOA, T. Sobre o método da história oral em sua modalidade trajetórias da vida. **Revista Katal**, vol. 10, n. esp., 2007, p. 83-92. Disponível em: [https://drive.google.com/file/d/0B\\_J\\_zkJ\\_EUkvNTNqd1EtcXNfTW8/view](https://drive.google.com/file/d/0B_J_zkJ_EUkvNTNqd1EtcXNfTW8/view). Acesso em: 20 maio 2017.

IANNI, Octavio. **Globalização: Novo Paradigma das Ciências Sociais. Estudos Avançados**, vol. 8, n. 21, 1994, p. 147-163. Disponível em:<<http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9666/11236>>. Acesso em: 11 jul. 2017.

JUSTIFICANDO. **Os prós e contras da nova Lei de Migração**. Disponível em:

<http://justificando.cartacapital.com.br/2017/06/02/os-pros-e-contras-da-nova-lei-de-migracao/>. Acesso em: 25 jun 2017.

KRIPPENDORF, Jost. **Sociologia do turismo**. São Paulo: Aleph, 2000.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Unicamp, 1990.

MAFFESOLI, Michel. **Sobre o nomadismo: Vagabundagens pós-modernos**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

MALDONATO, Mauro. **Raízes Errantes**. São Paulo: Ed. 34, 2004.

MARTINELLI, Benício. Entrevista concedida a Tatiana Tannús Grama, em João Pessoa/PB, no dia 29 de setembro de 2017. Duração: 14 minutos e 49 segundos.

MELO, Ranyane. **Diáspora e Migração (um relato de pesquisa)**. Edição do autor, 2011.

MATOS, J.; SENNA, A. História Oral Como Fonte: problemas e métodos. **Historie**, Vol. 2, n. 1, 2011, p. 95-108. Disponível em: <[https://drive.google.com/file/d/0B\\_J\\_zkJ\\_EUkvVm1YOXNOWkp6Y0k/view](https://drive.google.com/file/d/0B_J_zkJ_EUkvVm1YOXNOWkp6Y0k/view)>. Acesso em: 20 maio 2017.

MOESCH, Marutschka Martini. **Epistemologia Social do Turismo**. São Paulo: Contexto, 2004.

MOLINA, Sergio. **Pós-Turismo: novas tecnologias e novos comportamentos sociais**. São Paulo: Contexto, 2004.

MOLINA, Sergio. **Conceptualización del turismo**. México: Limusa, 2000.

MOREIRA, Lucas. Entrevista concedida a Tatiana Tannús Grama, no Rio de Janeiro/RJ, no dia 6 de setembro de 2017. Duração: 22 minutos e 30 segundos.

NANCY, Jean-Luc. **O Intruso**. Paris: 2000.

NASCIMENTO, Jayme. Entrevista concedida a Tatiana Tannús Grama, em João Pessoa/PB, no dia 30 de setembro de 2017. Duração: 8 minutos e 56 segundos.

O ESPAÇO miltoniano. In: **GeoRadical: um território na rede para a Geografia**, 21/11/2009. Disponível em: <<http://geografiageoradical.blogspot.com.br/2009/11/o-espaco-miltoniano.html>>. Acesso em: 29 jun. 2017.

OBMigra. Autorizações concedidas a estrangeiros, Relatório 1º trimestre de 2017 (janmar)/ Observatório das Migrações Internacionais; Ministério do Trabalho/ Conselho Nacional de Imigração. Brasília, DF: OBMigra, 2017.

OMT - Organização Mundial de Turismo. Disponível em: <<http://www2.unwto.org/es>> Acesso em: 20 out. 2016.



OMT – Organização Mundial de Turismo. **Tourism and Migration: exploring the Relationship between Two Global Phenomena**, 2009.

PESAVENTO, Sandra. Cultura e Representações, uma trajetória. **Ano 90**, vol. 13, n. 23/24, jan./dez., 2006, p. 45-58. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/anos90/article/viewFile/6395/3837>>. Acesso em: 22 out. 2016.

PRADA, Márcia. Entrevista concedida a Tatiana Tannús Grama, em Brasília/DF, no dia 20 de setembro de 2017. Duração: 37 minutos e 27 segundos.

QUEIROZ, Francisco. Entrevista concedida a Tatiana Tannús Grama, no Rio de Janeiro/RJ, no dia 8 de setembro de 2017. Duração: 48 minutos e 4 segundos.

RAMOS, Silvana Pirillo. **Hospitalidade e Migrações Internacionais: o bem receber e o ser bem recebido**. São Paulo: Aleph, 2003.

RANIERI, L.; BARREIRA, C. A entrevista fenomenológica. In: Seminário Internacional de Pesquisa e Estudos Qualitativos – Pesquisa Qualitativa: rigor em questão, IV, 2010, Rio Claro. **Anais...** Rio Claro: UNESP, 2011, p. 1-8. Disponível em: <[https://drive.google.com/file/d/0B\\_J\\_zkJ\\_EUkvU3MwdDITZ0tvaDg/view](https://drive.google.com/file/d/0B_J_zkJ_EUkvU3MwdDITZ0tvaDg/view)>. Acesso em: 20 maio 2017.

RICOEUR, Paul. **A Memória, a História, o Esquecimento**. Campinas: Unicamp, 2007.

ROSELLO, Mireille. **Imigração**. Discursos e Contradições. São Paulo: Senac, 2011.

ROVANA, Alice. Entrevista concedida a Tatiana Tannús Grama, no Rio de Janeiro/RJ, no dia 11 de setembro de 2017. Duração: 14 minutos e 58 segundos.

SALDANHA, Rosa. Entrevista concedida a Tatiana Tannús Grama, em Brasília/DF, no dia 22 de set. de 2017. Duração: 34 minutos e 20 segundos.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SARLO, Beatriz. **Tempo Passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. São Paulo: Schwarcz, 2007.

SILVA, Maurineide Alves da. **Trinta e três anos de guerra: Malvinas e o embate entre intelectuais, veteranos, familiares de caídos e narrativas fílmicas no campo da construção de memórias (1982-2015)**. 2016. 348 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade de Brasília, Brasília/DF, 2016. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/21514>>. Acesso em: 11 nov. 2016.

SOARES, Nana. Apesar de vetos, nova Lei da Migração é um avanço para migrantes no Brasil. **Portal Aprendiz**, 02/06/2017. Disponível em: <http://portal.aprendiz.uol.com.br/2017/06/02/apesar-de-vetos-nova-lei-da-migracao-e-um-avanco-para-migrantes-brasil/>. Acesso em: 25 jun 2017.

SOUZA, Henrique. Entrevista concedida a Tatiana Tannús Grama, no Rio de Janeiro/RJ, no dia 11 de setembro de 2017. Duração: 36 minutos e 15 segundos.

SUESS, Paulo. Migração, identidade, interculturalização. Teses e fragmentos para um discernimento teológico-pastoral. **REMHU - Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios. Brasília, Brasil, vol. 18, núm. 34, enero-junio, 2010, pp. 169-183. Disponível em: Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=407042011011>. Acesso em: 25 jan. 2018.

THE GUARDIAN. '**Post-truth**' named word of the year by Oxford Dictionaries, 15 de nov. 2016 Disponível em: <<https://www.theguardian.com/books/2016/nov/15/post-truth-named-word-of-the-year-by-oxford-dictionaries>>. Acesso em: 18 nov. 2016.

TRISOTTO, Fernanda. Não só os brasileiros estão loucos para deixar o país. Estrangeiros não querem mais trabalhar aqui. In: **Gazeta do Povo**, Curitiba, 07 ago. 2017. Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/politica/republica/nao-so-os-brasileiros-estao-loucos-para-deixar-o-pais-estrangeiros-nao-querem-mais-trabalhar-aqui-30mnpghnyfqmwwclg7fz2y2t0>. Acesso em: 03 jan. 2018.

UNODC - Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime. **Tráfico de Pessoas e Contrabando de Migrantes**. Disponível em: <<https://www.unodc.org/lpo-brazil/pt/trafico-de-pessoas/>>. Acesso em: 23 de out. 2016.

VASCONCELOS, Lícia M.; CAETANO, Vitor N. Diálogo entre Representação Social e Identidade: Considerações Iniciais. In: Simpósio Educação e Sociedade Contemporânea: desafios e propostas. A Escola e seus sentidos. IX., 2014, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: UERJ, 2014. Disponível em: <[http://www.cap.uerj.br/site/images/trabalhos\\_espacos\\_de\\_dialogos/13-Vasconcellos\\_e\\_Caetano.pdf](http://www.cap.uerj.br/site/images/trabalhos_espacos_de_dialogos/13-Vasconcellos_e_Caetano.pdf)> Acesso em: 08 jul. 2017.

VIDAL, André. Entrevista concedida a Tatiana Tannús Grama, em João Pessoa/PB, no dia 23 de setembro de 2017. Duração: 6 minutos e 22 segundos.

VISTOS para viajar ao Brasil. **Ministério das Relações Exteriores**. Disponível em: <<http://www.portalconsular.itamaraty.gov.br/vistos-para-viajar-ao-brasil>>. Acesso em: 29 jun. 2017.

WEBER, Regina. Estudos sobre imigrantes e fontes orais: identidade e diversidade. **História Oral**, vol. 16, n. 1, 2013, p. 6-22. Disponível em: <<http://revista.historiaoral.org.br/index.php?journal=rho&page=article&op=view&path%5B%5D=270&path%5B%5D=301>>. Acesso em: 13 nov. 2016.

## ANEXO I

### O Mito da Hospitalidade

Certa vez Júpiter, pai-criador do céu e da terra e seu filho Hermes, princípio de toda comunicação – donde vem a palavra hermenêutica –, resolveram disfarçar-se de pobres. Decidiram, sob esta forma, vir ao reino dos mortais para ver como ia a criação que haviam posto em marcha. Júpiter depôs toda sua glória e Hermes desfez-se das duas asas, seu símbolo maior e de todos os demais adornos. Pareciam realmente pobres andarilhos das estradas.

Passaram por muitas terras. e encontraram muita gente Pediram ajuda a uns e a outros. Ninguém lhes estendia a mão. Recebiam maus-tratos e ouviram palavras ofensivas. Várias vezes foram afastados das portas com violência. Muitos sequer os olhavam. Era o que mais lhes doía: não serem sequer olhados, como se fossem cães lazarentos de casas abandonadas. Por isso, passaram fome e toda sorte de privações.

Depois de muito peregrinar e de sentir-se alijados por todos, o que mais desejavam era água fresca para beber, um prato de comida quente, aliviar os pés com água morna e uma cama para repousar os corpos. Sonhavam com a hospitalidade mínima!

Até que um dia, chegaram à Frígia, província das mais longínquas e pobres do Império Romano, lugar para onde eram desterrados rebeldes e criminosos. Aí vivia um casal muito pobre. Ele se chamava Filêmon, em grego, “amigo e amável”, e ela Báucis, “delicada e terna”. Sobre uma pequena elevação construíram sua choupana, rústica, porém muito limpa. Foi lá que, ainda jovens, uniram seus corações. O intenso amor tornava leve a pena. Viviam em grande paz e harmonia, pois faziam tudo juntos, um auxiliando sempre o outro. Quem mandava era também quem obedecia. Estavam já velhinhos, cansados de trabalhos e de dias.

Eis que chegaram à choupana Júpiter e Hermes, disfarçados de pobres mortais. Bateram à porta. Qual não foi a sua surpresa deles quando o bom velhinho Filêmon, sorridente, apareceu à porta e, sem muito reparar foi logo dizendo:

Forasteiros, vocês devem estar muito cansados e com fome. Venham, entrem em nossa casa. É pobre, mas está pronta para acolhê-los.

Os imortais tiveram que abaixar-se para entrar. Dentro sentiram a boa irradiação da acolhida e da hospitalidade. Báucis, a “delicada e terna”, logo se apressou em lhes oferecer duas cadeiras, na verdade, dois tamboretos de madeira rústicos. E foi buscar água fresca da fonte, atrás da choupana.

Filêmon, por sua parte, começou a reanimar o fogo da noite, quase apagado. Soprou as cinzas. Tomou raminhos finos e pedaços de lenha maiores, colocou-os por sobre as brasas ardentes e ajeitou a panela com água para aquecer. Dentro de pouco a água já estava morna.

Báucis com seu avental remendado começou a lavar os pés de Júpiter e Hermes, jogando água morna pelas pernas até perto do joelho para que se aliviassem de verdade.

Filêmon foi à horta atrás da choupana e colheu algumas folhas e legumes, enquanto Báucis tirava do alto, onde estava dependurado uma vara, o último pedaço de toucinho que restara. Estavam até pensando em sacrificar o único ganço que tinham, aquele que guardava a pobre choupana. Mas os imortais o impediram com determinação. Seus olhos, entretando, se encheram de lágrimas de comoção.

Numa panela de barro, bem antiga, cozinham os legumes com o toucinho. Um cheiro bom de comida caseira se espalhava pela choupana a ponto de fazer salivar Júpiter e Hermes, mortos de fome.

Báucis tomou do azeite turvo e grosso que eles mesmos faziam, e o deitou sobre a sopa.

Grandes olhos de azeite espreitavam na superfície. Depois que tirou a panela, tomou alguns ovos e os meteu sob a cinza quente. Filêmon se lembrou do vinho que jazia numa vasilha escura e empoeirada no canto da casa, guardado como remédio. Havia sobrado ainda alguns pedaços de pão do dia anterior. Aqueceram-nos na borda do fogão.

A hospitalidade e a aura benfazeja dos bons velhinhos fez aquecer a demora. E de repente tudo estava sobre a mesa em pratos limpos.

'Queridos hóspedes, vamos comer pois vocês o merecem depois de tantas canseiras. Perdoem simplicidade e a pobreza da cozinha'.

E, para não constrangê-los, Báucis e Filêmon, embora tivessem já comido, sentaram-se também à mesa para cear com eles.

Todos comeram à saciedade numa conversa animada e respeitosa.

Em seguida, Báucis e Filêmon se levantaram, tiraram nozes, figos secos e tâmaras de um baú, suporte dos pratos e das velas, e os serviram como sobremesa.

Por fim, os dois velhinhos ofereceram a sua própria cama, a única que havia na choupana, para dormirem. Colocaram lençóis limpos, embora visivelmente gastos. Estenderam por sobre o leito uma cobertura de honra, um velho tapete que guardavam para as festas. Júpiter e Hermes não se aguentavam de comoção. Lágrimas brotaram em seus olhos.

Instados a recolher-se, Júpiter e Hermes se dirigiram para a cama. Eis senão quando sobreveio grande e inesperada tempestade. Raios e trovões iluminaram a choupana e rilombavam pelo vale afora. Num instante as águas subiram ameaçando pessoas e animais.

Desculpando-se junto aos Imortais, Báucis e Filêmon se levantaram apressados para ir socorrer os vizinhos.

Foi então que ocorreu a grande metamorfose. Repentinamente a tempestade cessou. E num abrir e fechar de olhos a choupana foi transformada num luzidio templo de mármore. Colunas em estilo jônico enfeitavam a entrada. O teto de ouro reluzia como o sol recém-saído das nuvens. Júpiter e Hermes finalmente mostraram quem eram, divindades no pleno esplendor de sua glória.

Filêmon e Báucis ficaram estarrecidos, cheios de alegria e ao mesmo tempo de temor reverencial. Puseram-se de joelhos, inclinando a cabeça até o solo em sinal de adoração. Júpiter, senhor do céu e da terra, do sol e dos ventos, depois de ter aplacado a tempestade, bondosamente, disse:

'Amigo e amável' Filêmon, 'delicada e terna' esposa Báucis, façam um pedido que eu, Júpiter, em agradecimento, quero atender.

Baucis inclinou-se para Filêmon e colocou cabeça encanecida sobre seu peito. E, como se tivessem previamente combinado, disseram unisonamente:

– O nosso desejo é de servir-vos nesse templo por todo o tempo que nos resta de vida.

E Hermes acrescentou:

– Eu também quero que façam um pedido para que eu, Hermes, o possa realizar.

E eles, novamente, como se tivessem combinado, sussurraram conjuntamente:

– Depois de tão longo amor e de tanta concórdia, gostaríamos de morrer juntos. Assim não precisaríamos cuidar da tumba um do outro.

Seus votos foram ouvidos e receberam a promessa de cumprimento.

De fato, Filêmon e Báucis, os esposos hospitaleiros, serviram por muitos e muitos anos no templo, pelo tempo em que durou sua respiração.

Certo dia, sentados à tardinha no átrio, recordavam a história do lugar, de como, sem saber, hospedaram os deuses em sua choupana. Nesse momento Filêmon viu que o corpo de Báucis se revestia de ramos e flores, da cabeça aos pés. E Báucis viu também que o corpo de Filêmon se cobria todo de folhagens verdes. Mal puderam balbuciar juntos o derradeiro adeus porque se completou a metamorfose: Filêmon foi transformado num enorme carvalho e Báucis numa

frondosa tília. Suas copas e galhos se entrelaçaram no alto. E assim abraçados ficaram unidos para sempre.

Quem passa por aquela região de Frígia, atualmente a Turquia, ainda hoje ouvirá esta fantástica história contada de geração em geração. Poderão ver as duas árvores centenárias, lado a lado, com as copas e os galhos entrelaçados. Elas lembram Filêmon e Báucis, esse casal hospitaleiro, e a metamorfose que conheceram por causa de sua hospitalidade.

E os mais velhos repetem a lição até os dias atuais: quem acolhe o peregrino, o estrangeiro e o pobre hospeda a Deus. Quem hospeda a Deus se faz templo de Deus. Quem faz dos estranhos seus comensais herda a imortalidade feliz (Boff, 2005).

## ANEXO II

### **Roteiro contendo perguntas para nortear a entrevista**

- 1) Qual o seu nome completo, idade e profissão?
- 2) Em qual país você estava morado antes de vir para o Brasil e por quanto tempo morou lá?
- 3) Por que resolveu viajar para o Brasil como turista?
- 4) Onde se hospedou? Gostou? Foi o que mais gostou quando era turista?
- 5) O que no Brasil você considera parecido com o país de onde você saiu? Essa semelhança você considera boa ou ruim?
- 6) Você encontrou no Brasil alguma coisa de que tinha saudade?
- 7) Quando turista, você se sentiu um estrangeiro no Brasil ou se sentiu em casa? E hoje, como se sente?
- 8) Em qual região do Brasil você estava quando resolveu ficar aqui e por que resolveu ficar?
- 9) Vive sozinho no Brasil? Tem grupos de amigos aqui?
- 10) O que significa para você morar no Brasil atualmente?

## ANEXO III

### Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidado a participar da pesquisa “Turista-Migrante”: a metamorfose do turista, de responsabilidade de Tatiana Tannús Grama, estudante de mestrado em Turismo na Universidade de Brasília. O objetivo desta pesquisa é a necessidade de compreender a(s) motivação(ões) que levam o(a) turista que ingressa no Brasil a querer ficar no país e passar a residir aqui, deixando assim de ser turista e tornando-se, portanto, um migrante no destino. Assim, gostaria de consultá-lo/a sobre seu interesse e disponibilidade de cooperar com a pesquisa.

Você receberá todos os esclarecimentos necessários antes, durante e após a finalização da pesquisa, e lhe asseguro que o seu nome não será divulgado, sendo mantido o mais rigoroso sigilo mediante a omissão total de informações que permitam identificá-lo/a. Os dados provenientes de sua participação na pesquisa, tais como questionários, entrevistas, fitas ou arquivos de gravação, ficarão sob a guarda da pesquisadora responsável pela pesquisa.

A coleta de dados será realizada por meio de oitiva de seu relato com a devida gravação do áudio em gravador digital ou celular. É para estes procedimentos que você está sendo convidado a participar. Sua participação na pesquisa não implica em nenhum risco, tendo em vista que as informações pessoais fornecidas por Vossa Senhoria ficarão sob posse da pesquisadora e seu nome e dados pessoais não serão revelados

Espera-se com esta pesquisa promover um debate com organizações que recebem e abrigam migrantes que chegam ao Brasil, a fim de auxiliar de alguma forma na melhoria da condição desses migrantes, em observação e respeito aos direitos humanos e sociais dessa população.

Sua participação é voluntária e livre de qualquer remuneração ou benefício. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper sua participação a qualquer momento. A recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios.

Se você tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, você pode me contatar através do telefone (61) 98153-3635 ou pelo e-mail [tatianagrama@gmail.com](mailto:tatianagrama@gmail.com)

Os resultados do meu estudo serão devolvidos aos participantes por e-mail, bem como serão publicados no site do Centro de Excelência em Turismo, podendo ser publicados posteriormente na comunidade científica.

Este projeto foi revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais (CEP/CHS) da Universidade de Brasília. As informações com relação à assinatura do TCLE ou aos direitos do participante da pesquisa podem ser obtidas por meio do e-mail do CEP/CHS: [cep\\_chs@unb.br](mailto:cep_chs@unb.br).

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com a pesquisadora responsável pela pesquisa e a outra com você.

---

Assinatura do/da participante

---

Assinatura do/da pesquisador/a

Brasília, \_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

## ANEXO IV

### **Termo de autorização para utilização de som para fins de pesquisa**

Eu, \_\_\_\_\_, autorizo a utilização do som de minha voz, na qualidade de participante/entrevistado/a no projeto de pesquisa intitulado “Turista-Migrante” – A metamorfose do turista, sob responsabilidade de Tatiana Tannús Grama, mestranda no Centro de Excelência em Turismo vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Turismo da Universidade de Brasília.

O meu relato, via som da minha voz, poderá ser utilizado apenas para ser gravado e, de forma anônima, ser utilizado para análise por parte da pesquisadora, apresentado em artigos e documentos afins para a participação em eventos acadêmicos ou profissionais na (s) área (s) correlata ao tema da dissertação.

Tenho ciência de que não haverá divulgação do som da minha voz por qualquer meio de comunicação, sejam eles televisão, rádio ou internet, exceto nas atividades vinculadas ao ensino e à pesquisa explicitadas acima. Tenho ciência também de que a guarda e demais procedimentos de segurança com relação às imagens e som de voz são de responsabilidade da pesquisadora responsável.

Deste modo, declaro que autorizo, livre e espontaneamente, o uso para fins de pesquisa, nos termos acima descritos, o som de minha voz.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com a pesquisadora responsável pela pesquisa e a outra com o/a participante.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do participante

\_\_\_\_\_  
Assinatura do/da pesquisador/a

Brasília, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_